

**ESTUDOS
ARQUEOLÓGICOS
DE OEIRAS**

Volume 6 • 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1996

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 · 1996

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

CAPA - João Luís Cardoso

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Palma Artes Gráficas, Lda. - Mira de Aire

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

O ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO DAS GRUTAS NATURAIS DA SENHORA DA LUZ (RIO MAIOR) ⁽¹⁾

João Luís Cardoso ⁽²⁾, O. da Veiga Ferreira & J. Roque Carreira

1 - INTRODUÇÃO

As imediações de Rio Maior, mercê de condições naturais propícias, onde avulta a abundância de sílex, são férteis em estações pré-históricas, tanto paleolíticas como mais recentes. Tal facto explica a atenção que Manuel Heleno dedicou à região; durante mais de uma década, explorou muitas dessas estações, com o apoio de colaboradores locais. As grutas naturais da Senhora da Luz, situadas em zona de relevos ondulados suaves, contam-se entre aquelas a que o antigo Director do Museu Nacional de Arqueologia dedicou atenção.

Abrem-se em calcários do Jurássico médio (Kimmeridgiano), distando apenas cerca de 1,5 Km de outra importante gruta natural longamente frequentada pelo homem pré-histórico, o Abrigo Grande das Bocas, cujo espólio foi recentemente estudado (CARREIRA, 1994). As suas coordenadas são as seguintes: 39° 20'15" lat. N.; 8° 59' 10" long. W de Greenwich, Carta 26-D, escala 1/50000 Instituto Geográfico e Cadastral (Fig. 1).

A exploração desta importante necrópole, abarcando diversas épocas da Pré-história recente, decorreu em 1935 e 1936 (MACHADO, 1964, p. 118). O copioso espólio então recolhido, foi transportando para o Museu Nacional de Arqueologia, tendo-se mantido até à actualidade inédito, exceptuando-se as seguintes peças mais notáveis:

- vaso com decoração incisa, “em espiga” ou “falsa folha de acácia” (Fig. 41, n.º. 2). Trata-se de vaso cujo desenho (impreciso) foi publicado por FERREIRA (1970a) e reproduzido ulteriormente (FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 152). Do referido exemplar publicou-se fotografia no catálogo da exposição Lisboa Subterrânea, patente em 1994 no Museu Nacional de Arqueologia (ARRUDA, 1994); é muito idêntico a dois recipientes que ulteriormente foram exumados na Lapa do Fumo, Sesimbra e conservados no respectivo Museu Municipal (SERRÃO, 1959, p. 201, n.º. 3);

- “garrafa” ou vaso bojudo e de colo alto de época campaniforme (Fig. 47, n.º. 2), cujo desenho foi reproduzido de SPINDLER (1975). Ulteriormente, LEITÃO *et al.* (1978, p. 469) e FERREIRA & LEITÃO (s/d, p. 205 e p. 208, n.º. 63, embora sem indicação de proveniência) voltam a referir tal exemplar, de tipologia rara no contexto das referidas cerâmicas;

⁽¹⁾ Espólio entregue para estudo a O. V. F., enquanto Conservador do então Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, que o confiou para o efeito aos restantes co-autores. Coordenação de J. L. C.

⁽²⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

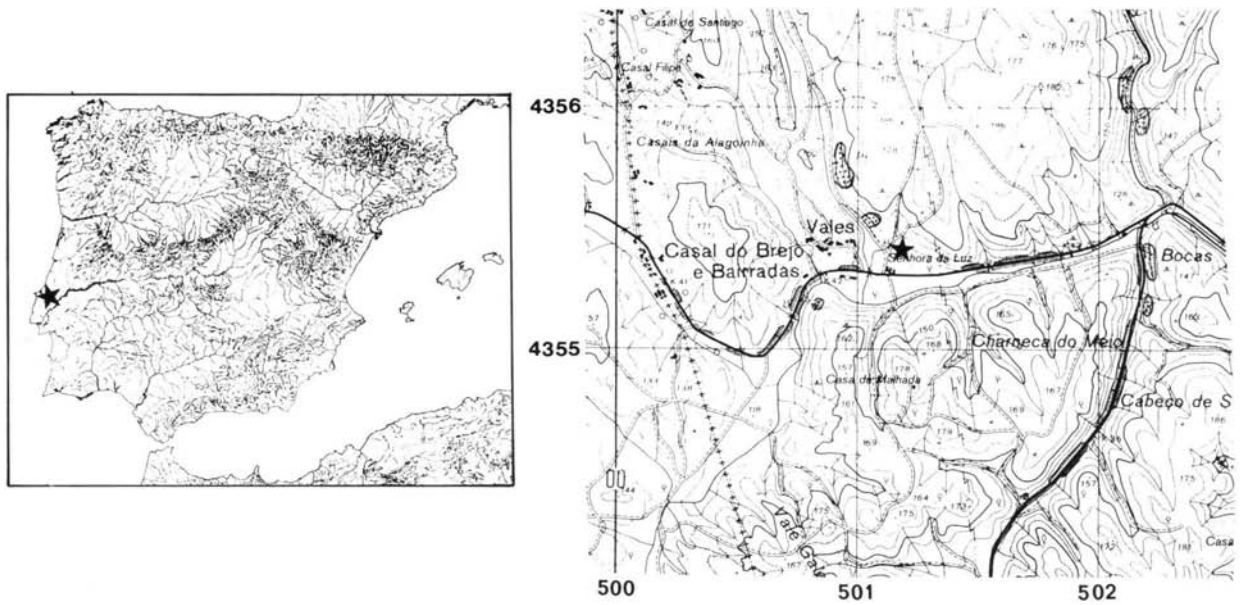


Fig. 1 – Grutas da Senhora da Luz. Localização à escala regional (carta nº. 339, à escala de 1/25000 dos S.C.E.) e na Península Ibérica.

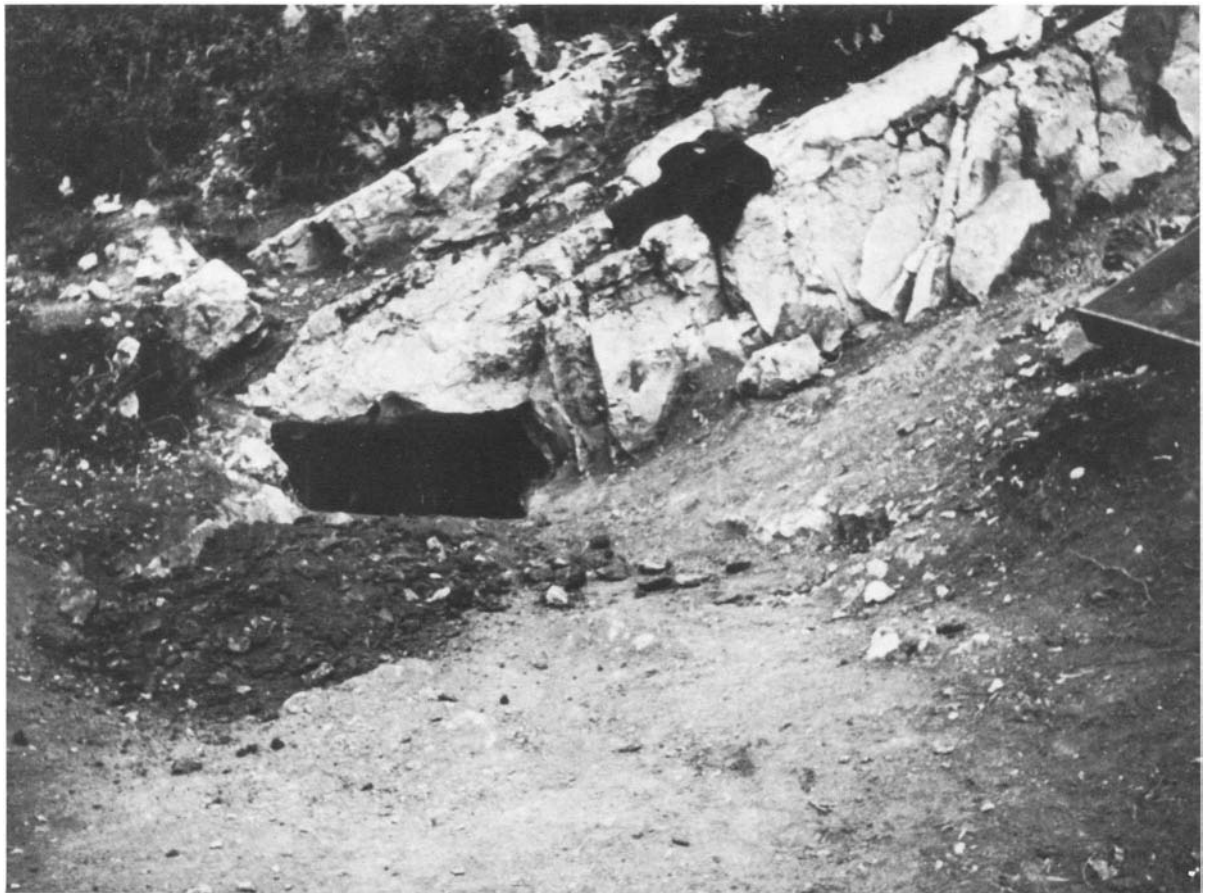


Fig. 2 – Gruta I da Senhora da Luz. Foto da época da escavação de Manuel Heleno (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).



Fig. 3 – Gruta II da Senhora da Luz: entrada antiga (=II a); do lado esquerdo, a Gruta III. Foto da época da escavação de M. Heleno (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

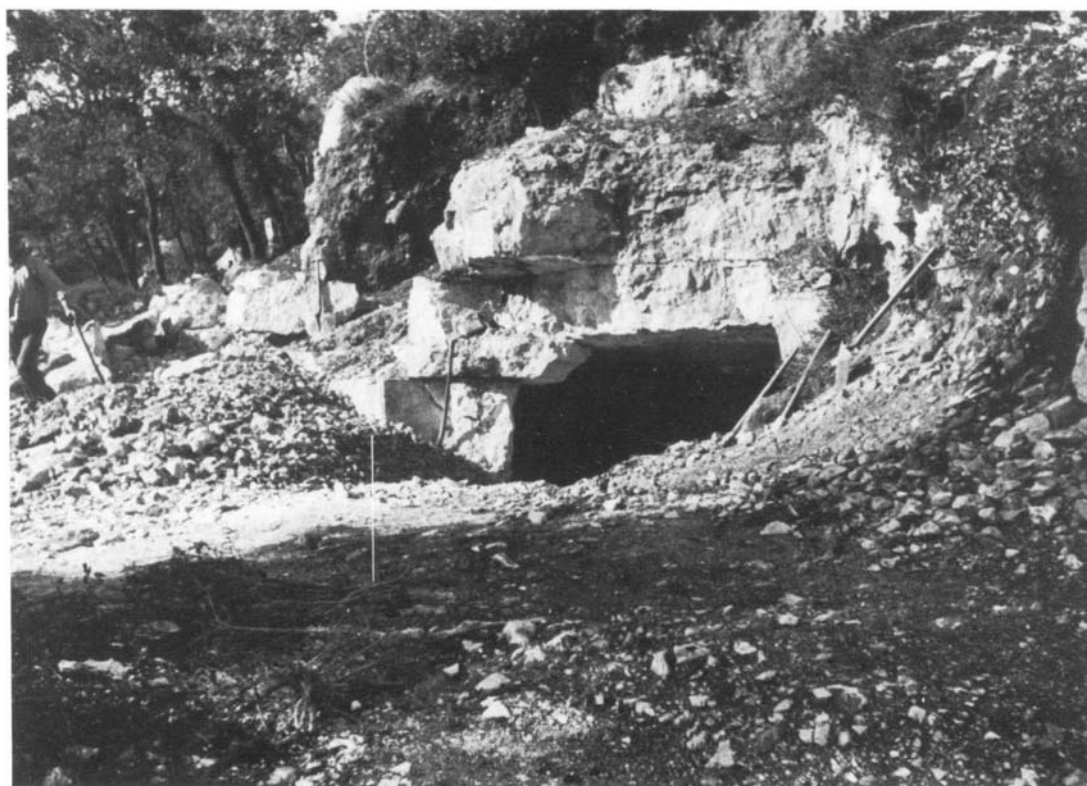


Fig. 4 – Gruta II da Senhora da Luz (vale). Foto da época da escavação de Manuel Heleno (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

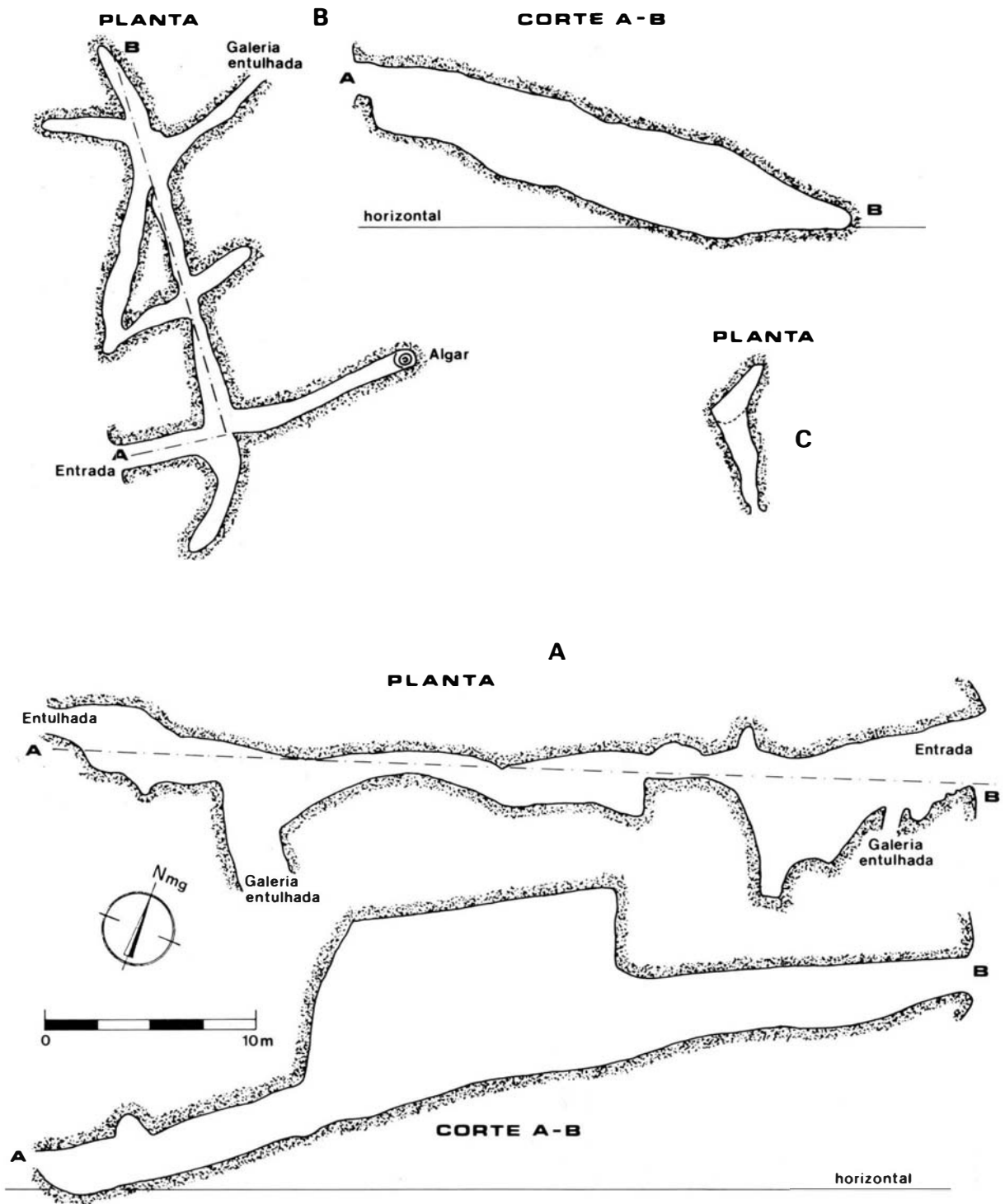


Fig. 5 – A - Gruta I da Senhora da Luz (planta e corte). B - Gruta II da Senhora da Luz (planta e corte). C - Gruta III da Senhora da Luz (planta). Levantamentos topográficos de O. da Veiga Ferreira, com a colaboração de Nuno de Oliveira, Carlos Pereira e Miguel Martins.

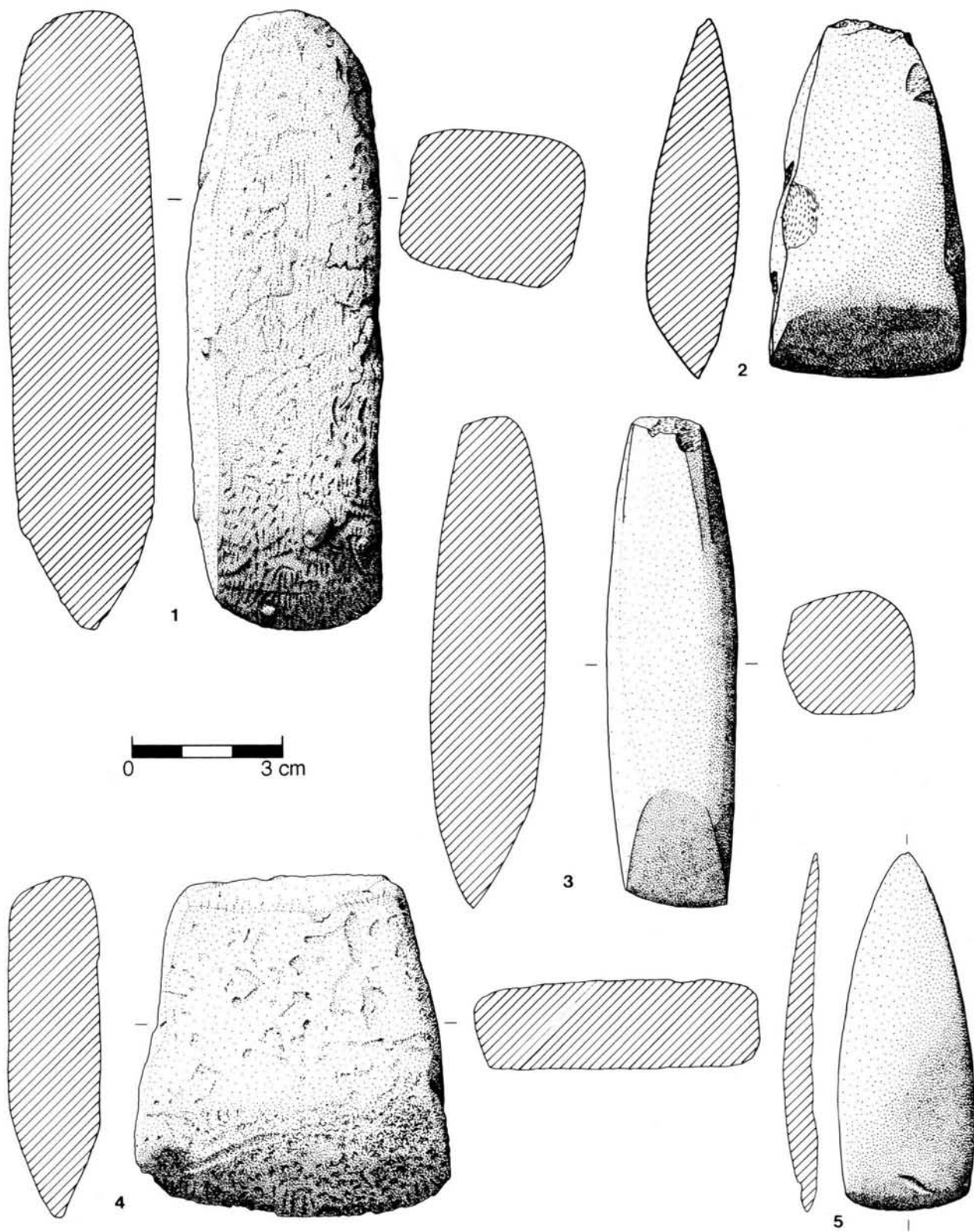


Fig. 6 – Gruta II da Senhora da Luz. Espólio de pedra polida.

- alabarda de tipo “Casa da Moura” (Fig. 29), citada, a título comparativo, por FERREIRA (1970b);
- matriz para cerâmica, de osso (Fig. 31, nº. 6). Este raro artefacto foi publicado, a título comparativo, conjuntamente com outros (LEITÃO *et al.*, 1973, Fig. 3, nº. 4) e, ulteriormente, por SPINDLER (1981, Abb. 35, nº. 14);
- pulseira de concha de *Glycymeris* (Fig. 31, nº. 9), reproduzida por HELENO (1935, Fig. 2); trata-se de um dos seis artefactos deste tipo exumados na necrópole, dos quais quatro se observaram e reproduzem neste trabalho;
- espiral de ouro, obtida por martelagem (Fig. 47, nº. 1), publicada por HELENO (1935, Fig. 1) e, ulteriormente mencionada por numerosos autores (bibliografia referida em FERNANDES, 1994).

A importância do espólio justificava estudo de conjunto; tal objectivo foi concretizado através do presente trabalho, no qual se reproduzem todas as peças a que um de nós (O. V. F.) teve acesso, enquanto Conservador do Museu Nacional de Arqueologia, no final da década de 1960.

Fica por estudar, de momento, o copioso espólio antropológico (autorização já concedida a J. L. C. e A. Santinho Cunha) bem como, eventualmente, algumas peças arqueológicas que com ele ainda se encontrem.

2 - CONDIÇÕES DA JAZIDA

São escassas as informações relativas às condições de jazida das peças ora estudadas. Não se verifica, porém, a existência de quaisquer artefactos paleolíticos, os quais ocorrerão, outrossim, em estações de ar livre designadas pelo mesmo topónimo (HELENO, 1956; MACHADO, 1964, p. 124, 126, 131); assim se explicaria ao menos em parte, a menção de materiais antropológicos e arqueológicos daquela época. Com efeito, FERREIRA & LEITÃO (s/d, p. 85, aludem a peças solutrenses; os mesmos autores (p. 103), referem que “...um dos crânios do nível inferior da chamada Gruta I (.....), poderia, na opinião de Gisela Asmus, pertencer a um homem do Aurignacense, aliás com indústria recolhida daquela época”, cuja presença, repetimos, não se confirmou na revisão agora efectuada, dos materiais arqueológicos.

Para o vaso neolítico decorado por incisões “em espiga”, da Gruta I, as condições da jazida, segundo FERREIRA (1970a, p. 234) eram as seguintes: “...o vaso apareceu nos estratos superiores da gruta, que estava revolvido, mas, mesmo assim, o vaso era acompanhado por lâminas de sílex sem retoque e contas discóides de calcite. Segundo ainda o Prof. Heleno, fazia parte de um enterramento superior aos outros estratos que deram materiais do Paleolítico Superior”. Tal observação justificará a ulterior afirmação da existência de enterramentos neolíticos em covachos no nível superior da necrópole (FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 148), que os referidos autores atribuem ao Neolítico médio.

O espólio da Gruta I (Fig. 2) de onde provém o referido vaso, fora atribuído por HELENO (1935, p. 231, nota 21) ao Neolítico. A Gruta II (Fig. 3 e 4) seria já de época calcolítica, segundo o mesmo autor, estabelecendo, no entanto, diferenciação entre a sala 1 com espólio anterior a 2500 AC e as salas 2, 3 e 4, com materiais posteriores àquela data. (Fig. 5). Com efeito, da sala 3 da Gruta II, provém a espiral de ouro, de época campaniforme ou posterior.

São estas as únicas (e escassas) referências disponíveis acerca das condições da jazida do espólio que será seguidamente descrito e estudado.

3 - INDÚSTRIAS LÍTICAS

3.1 - Utensílios de pedra polida

3.1.1 - Machados (Fig. 6, nº. 1 e 4)

Apenas dois exemplares de anfibólito de grão fino a médio: um (Fig. 4, nº. 1), possui secção sub-rectangular espessa, apresentando as superfícies relativamente ásperas, por alteração química, que obliterou o polimento primitivo.

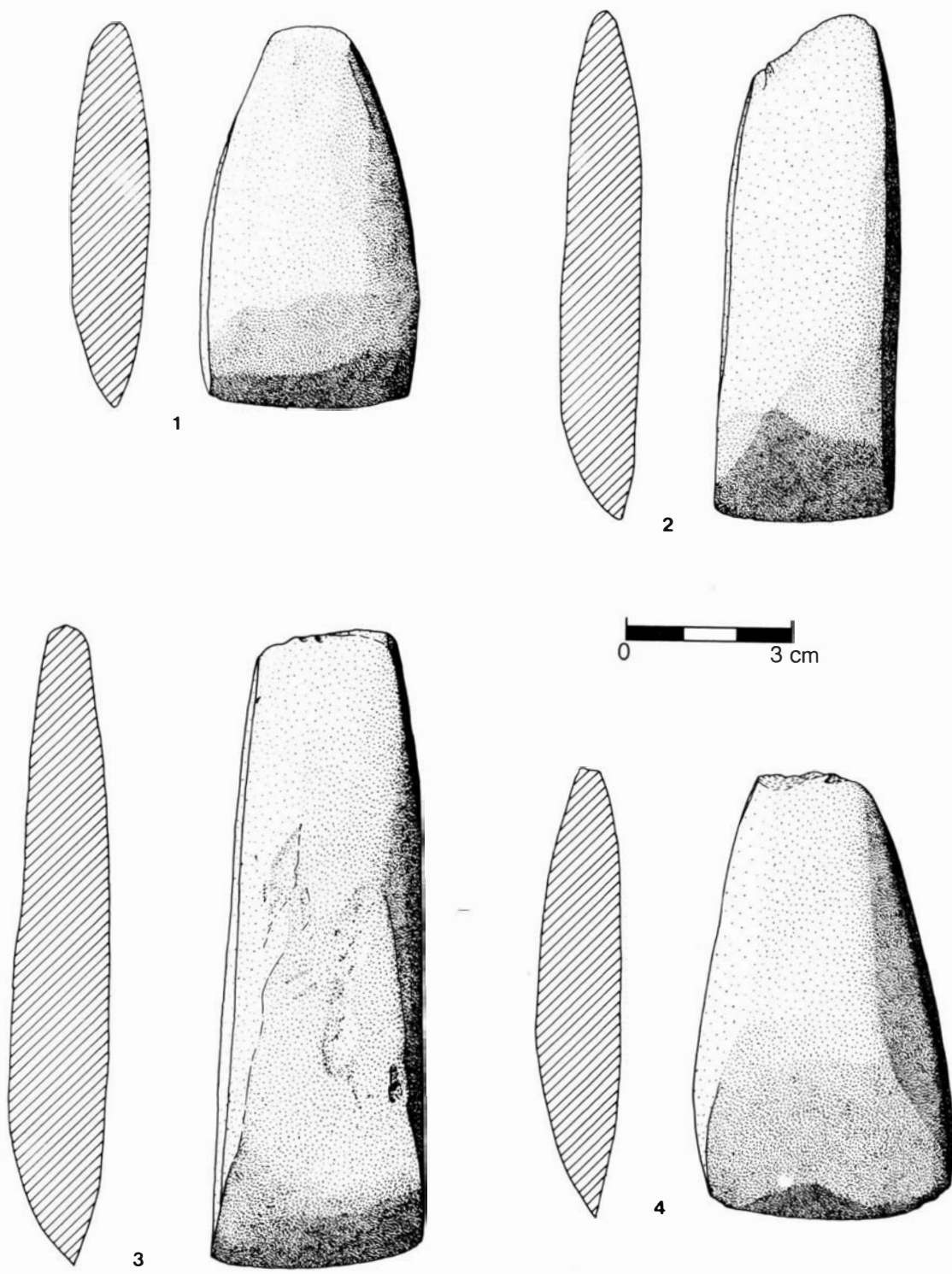


Fig. 7 – Gruta I da Senhora da Luz. Espólio de pedra polida.

O segundo (Fig. 4, nº. 4), possui contorno trapezoidal, e secção rectangular achatada, que recorda exemplares de cobre. São os únicos utensílios que exibem marcas de utilização nos bordos.

3.1.2 - Enxós (Fig. 6, nº. 2 e 5; Fig. 7, nº. 1 a 4)

Representadas por seis exemplares de anfiboloxistos de grão muito fino, muito bem polidos em toda a superfície e de secções lenticulares a sub-rectangulares com os lados maiores ligeiramente bombeados.

São, inquestionavelmente, artefactos votivos potencialmente funcionais, exceptuando talvez um pequeno exemplar manufacturado sobre lasca laminar incurvada, com polimento incompleto na face côncava; esta peça (Fig. 4, nº. 5), diferencia-se igualmente das restantes pela matéria-prima; a análise macroscópica sugere tratar-se de uma corneana.

3.1.3 - Escopros (Fig. 6, nº. 3)

Recolheu-se apenas um exemplar, de secção sub-quadrangular e lados convexos em anfiboloxisto esverdeado de grão fino. Apresenta-se totalmente polido, sem indícios de utilização no gume, embora a extremidade oposta revele diversos massacres por percussão, sugerindo, em consequência, um reavivamento do gume, conferindo-lhe aspecto não usado de carácter ritual.

3.2 - Utensílios de pedra lascada

3.2.1 - Indústrias microlíticas

3.2.1.1 - Trapézios (Fig. 8, nº. 2, 4, 6 a 24, 26, 30, 31, 33; Fig. 9, nº. 1 a 3)

Constituem o grupo de micrólitos mais frequentes; são em geral executados sobre lâminas ou lamelas de secção trapezoidal. Predominam os assimétricos, sendo escassos os de base recta.

Abundam as truncaturas rectilíneas ou sub-rectilíneas, estando presentes as côncavas, porém raramente coexistindo ambas no mesmo exemplar. Excepcionalmente, ocorrem truncaturas obtidas por retoque inverso semi-abrupto (Fig. 8, nº. 19), correspondendo à base recta dos trapézios. Alguns possuem entalhes (Fig. 8, nº. 6 e 22).

Com excepção de exemplar de calcedónia (Fig. 8, nº. 15), todos os trapézios são de sílex, predominando a coloração acinzentada, além de colorações amareladas, anegradas, avermelhadas e acastanhadas. Um sub-tipo particular possui entalhe na base menor (Fig. 8, nº. 6, 22 e 23).

3.2.1.2 - Crescentes (Fig. 8, nº. 25, 27 a 29 e 32; Fig. 9, nº. 4 a 7; 9 e 10; Fig. 10, nº. 1, 3 e 4)

Trata-se de conjunto menos abundante que o anterior, coexistindo exemplares de muito pequenas dimensões, sobre lamela, com outros, de tamanho maior, executados sobre lâminas. Um deles corresponde ao sub-tipo em “gomo de laranja” (Fig. 9, nº. 9).

Os tipos petrográficos não diferem dos anteriores, nos seus traços gerais, embora o sílex cinzento seja mais raro; um exemplar é de brecha siliciosa castanho-acinzentada (Fig. 9, nº. 28). Outro difere dos anteriores pela grande robustez (Fig. 10, nº. 1).

3.2.1.3 - Triângulos (Fig. 9, nº. 8)

Apenas se identificou um exemplar, espesso, de sílex amarelo-torrado possuindo franja de córtex no dorso, interrompida por entalhe pronunciado.

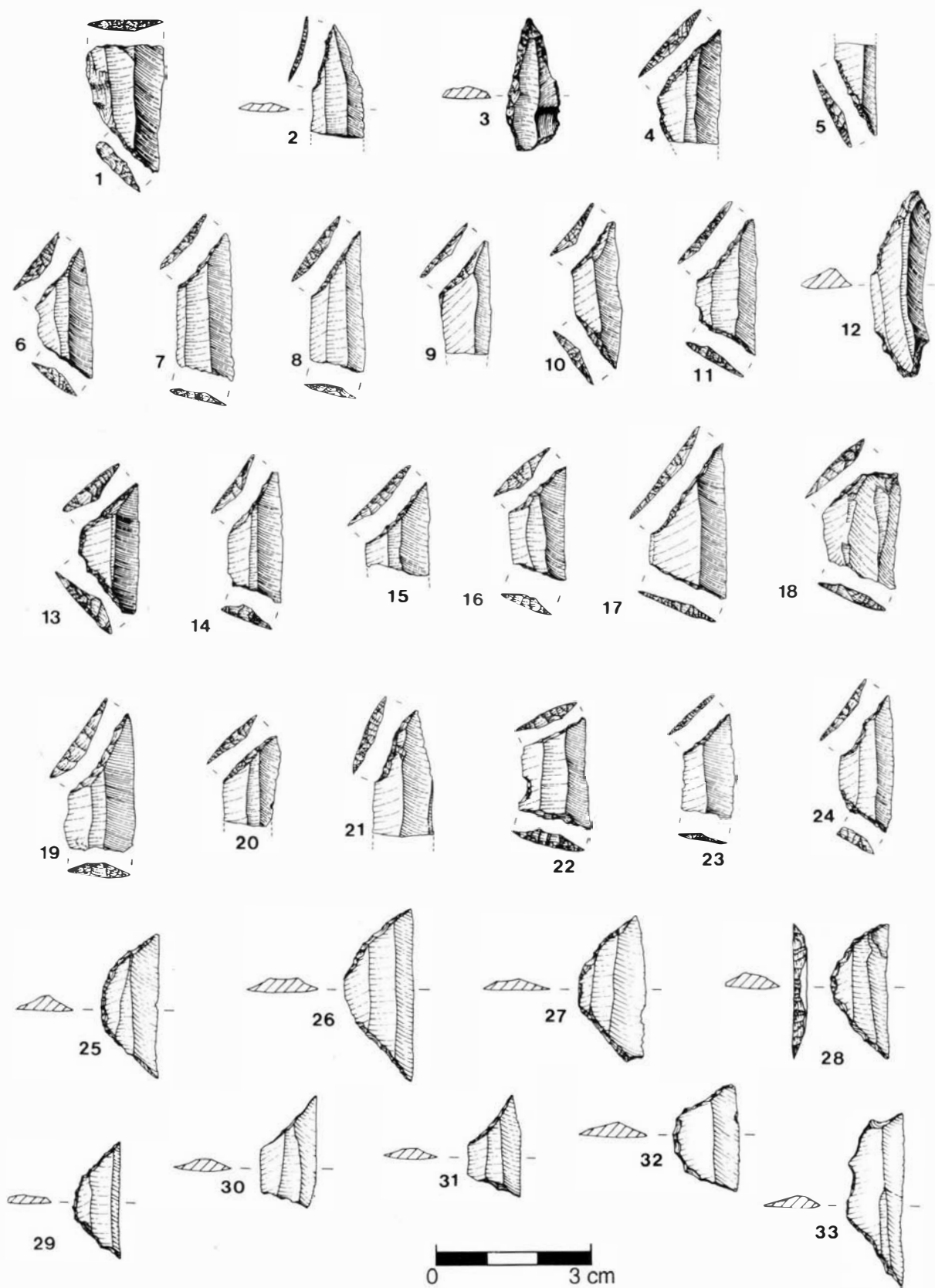


Fig. 8 – Gruta II da Senhora da Luz. Geométricos.

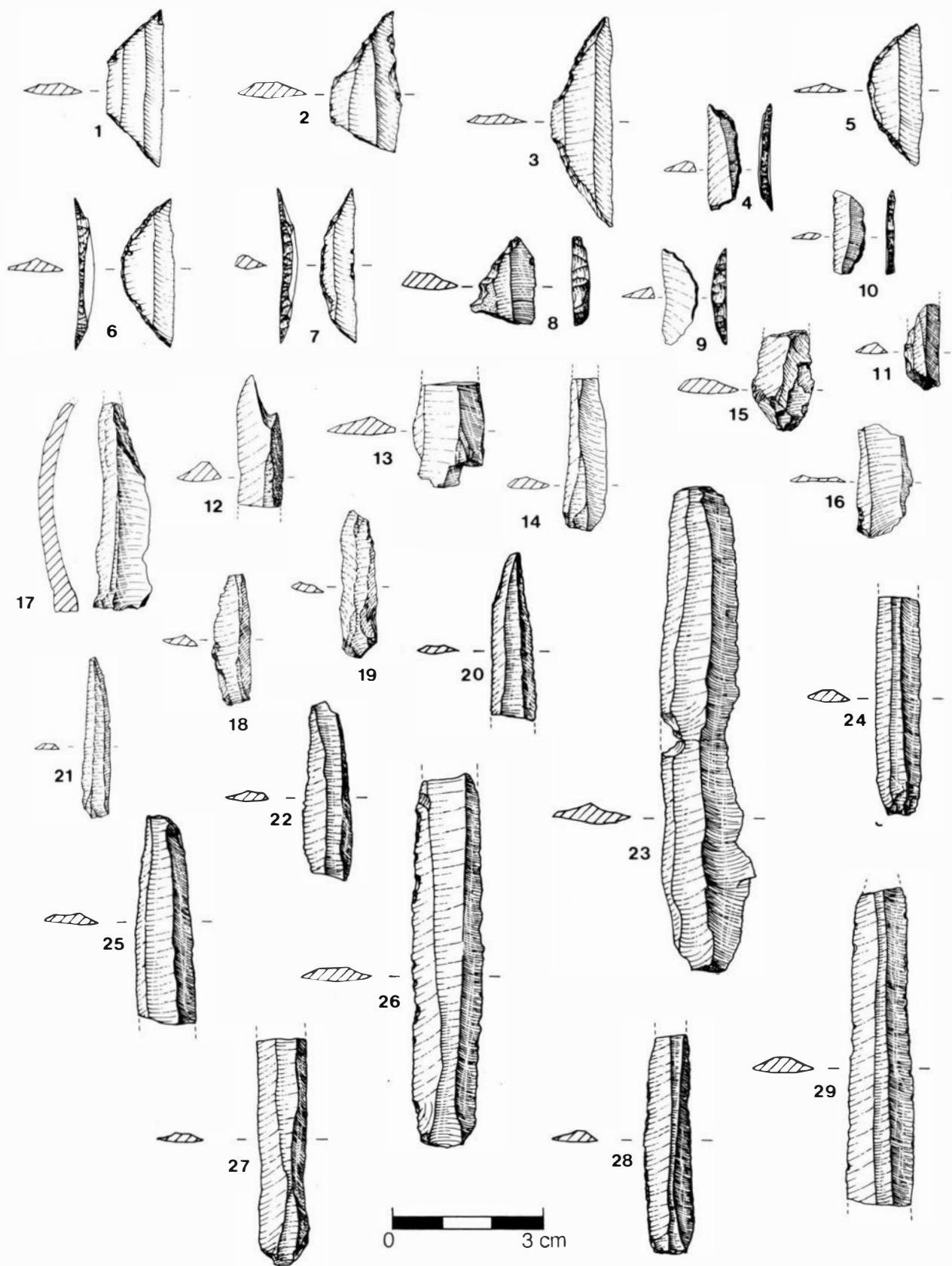


Fig. 9 – Gruta II da Senhora da Luz. Geométricos, lâminas e lamelas.

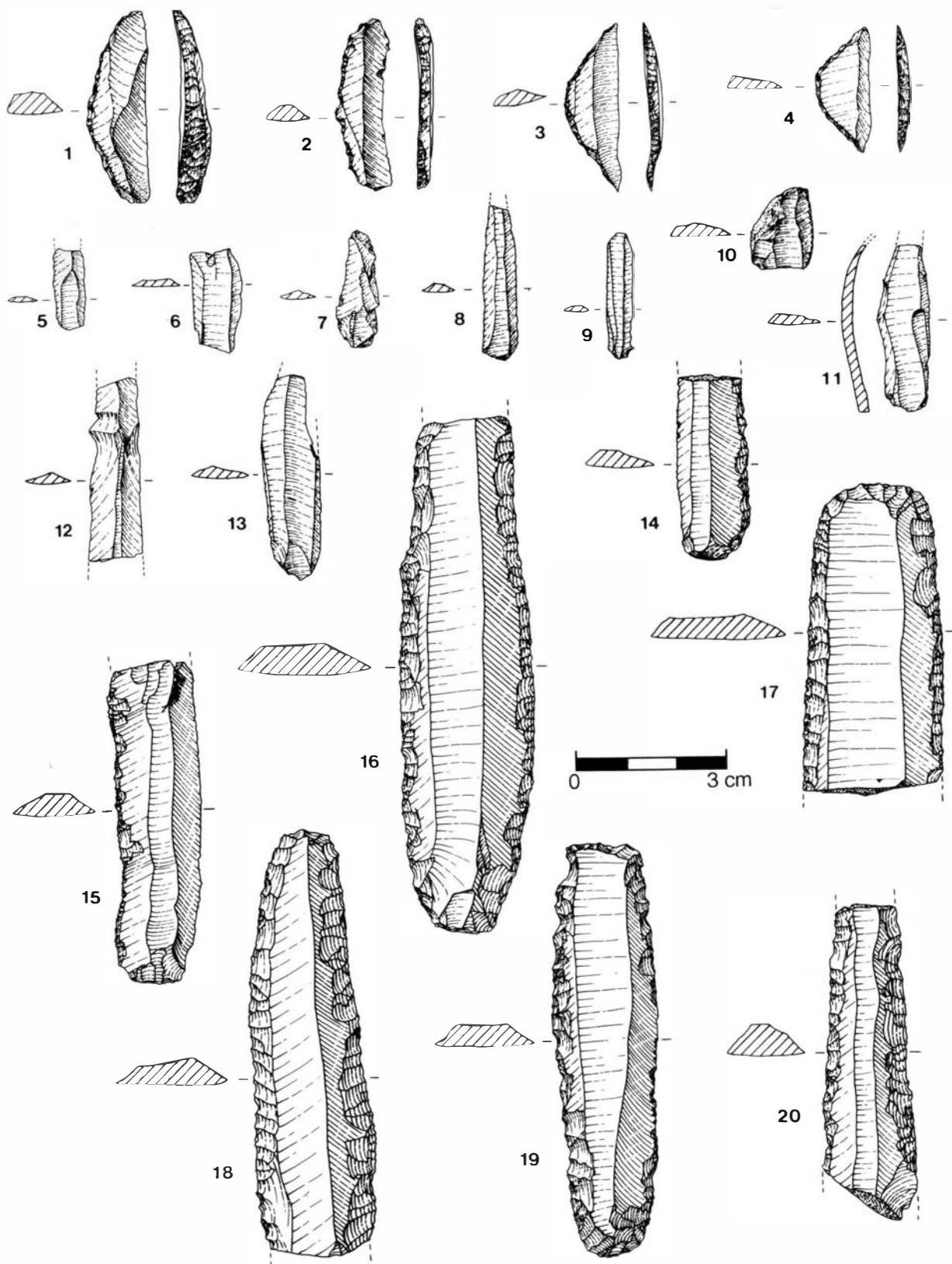


Fig. 10 – Gruta II b da Senhora da Luz. Geométricos, lamelas e lâminas retocadas.

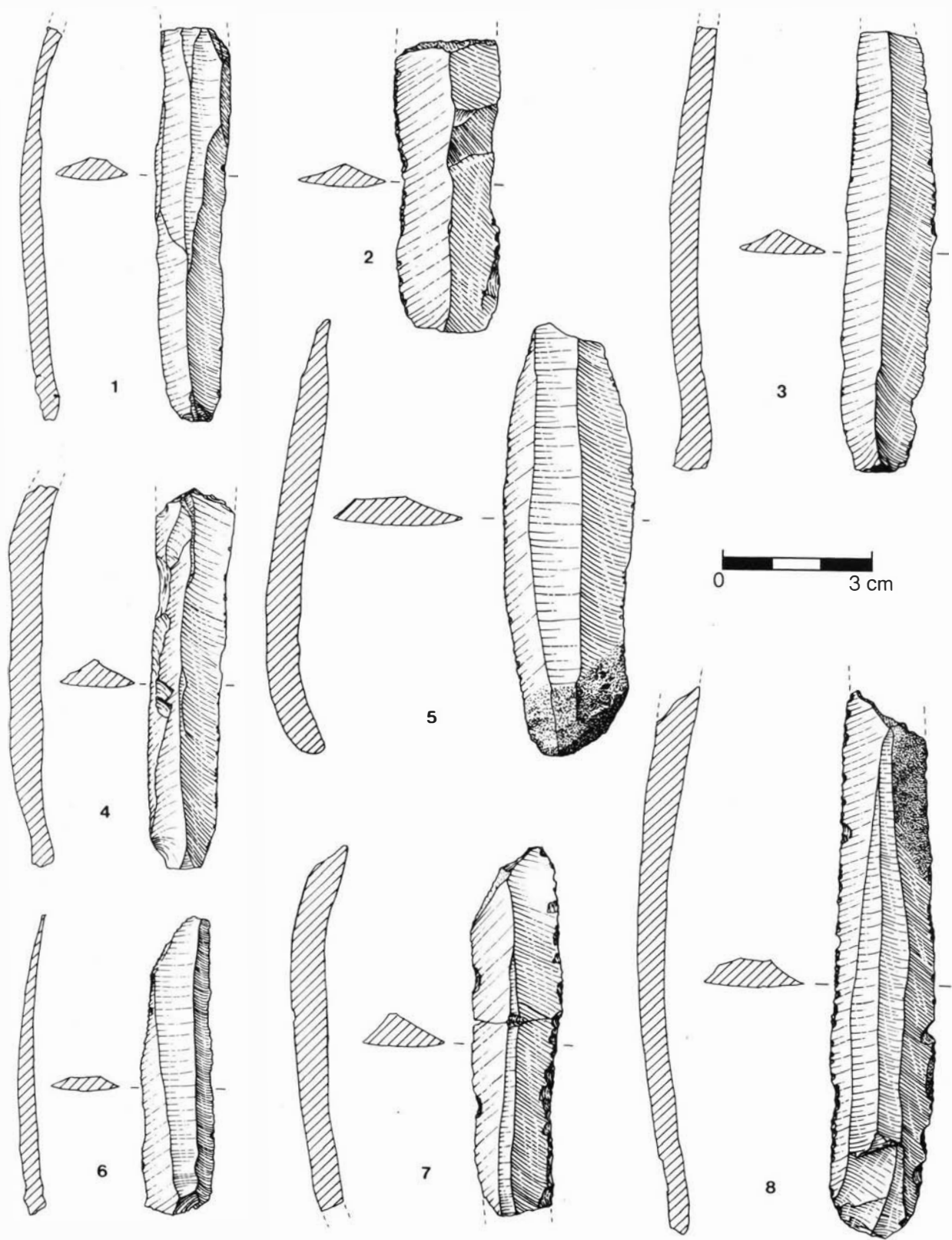


Fig. 11 – Gruta II a da Senhora da Luz. Lâminas não retocadas ou com retoques marginais.

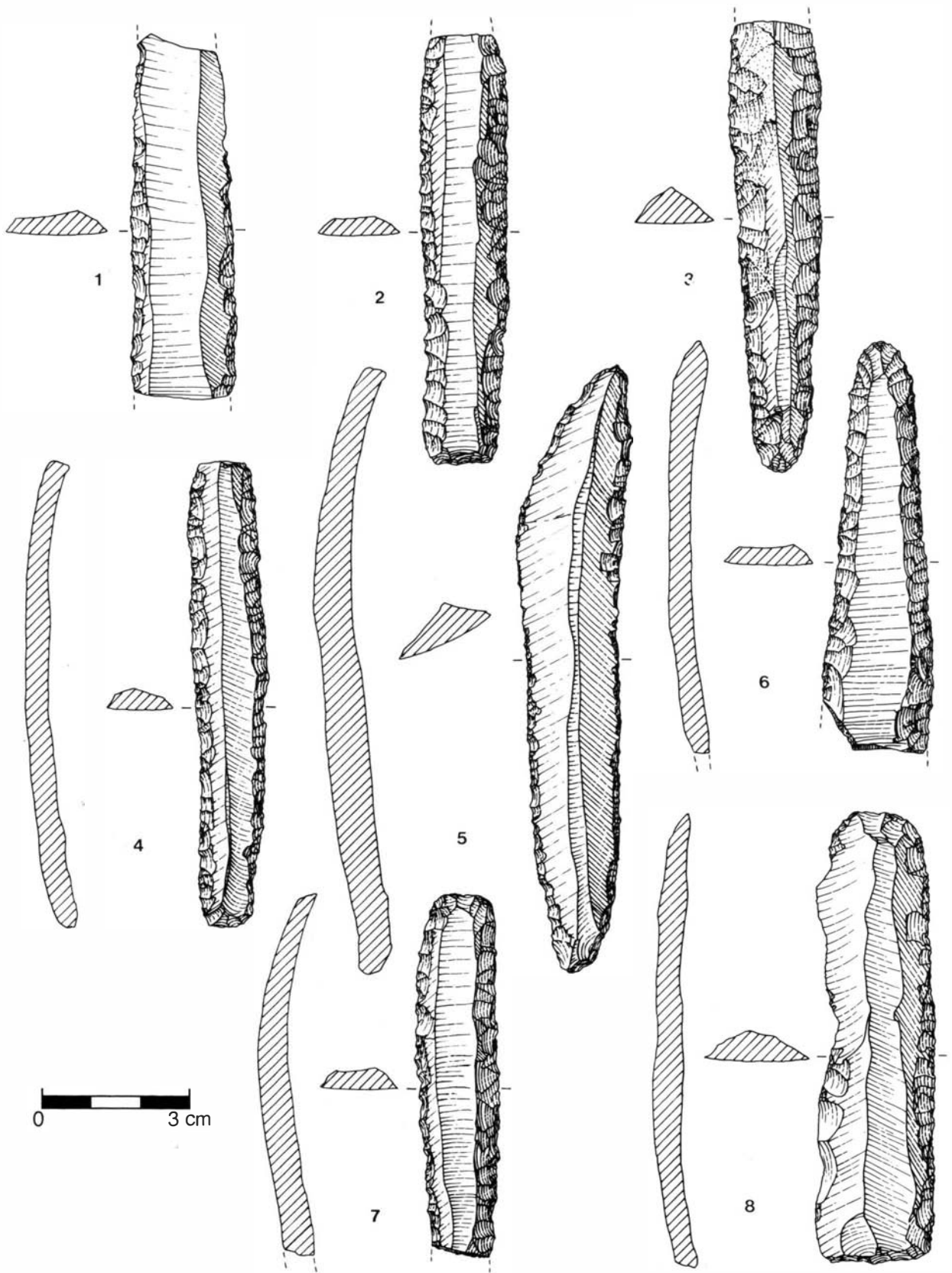


Fig. 12 – Gruta II b da Senhora da Luz. Lâminas retocadas.

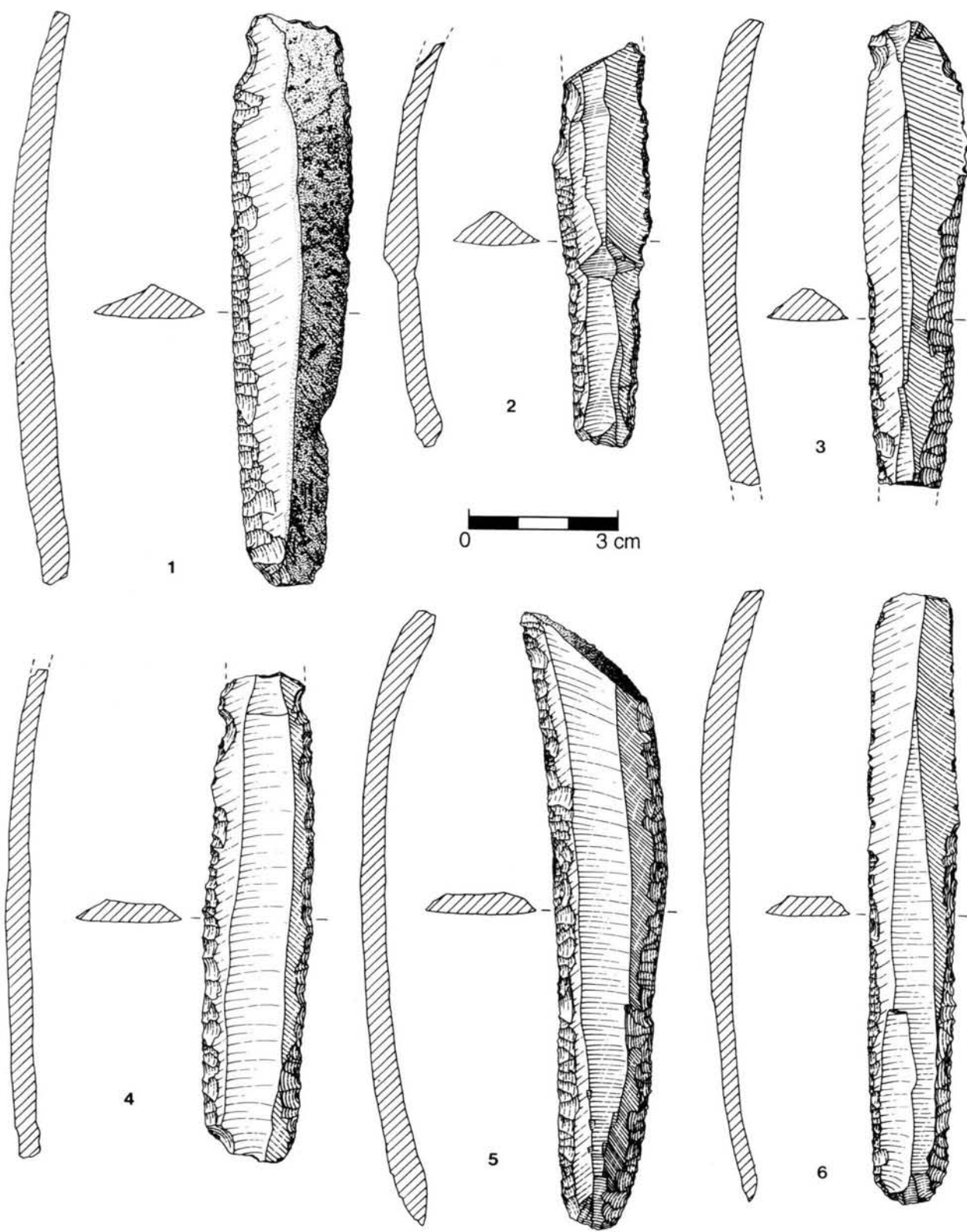


Fig. 13 – Gruta II b da Senhora da Luz. Lâminas retocadas.

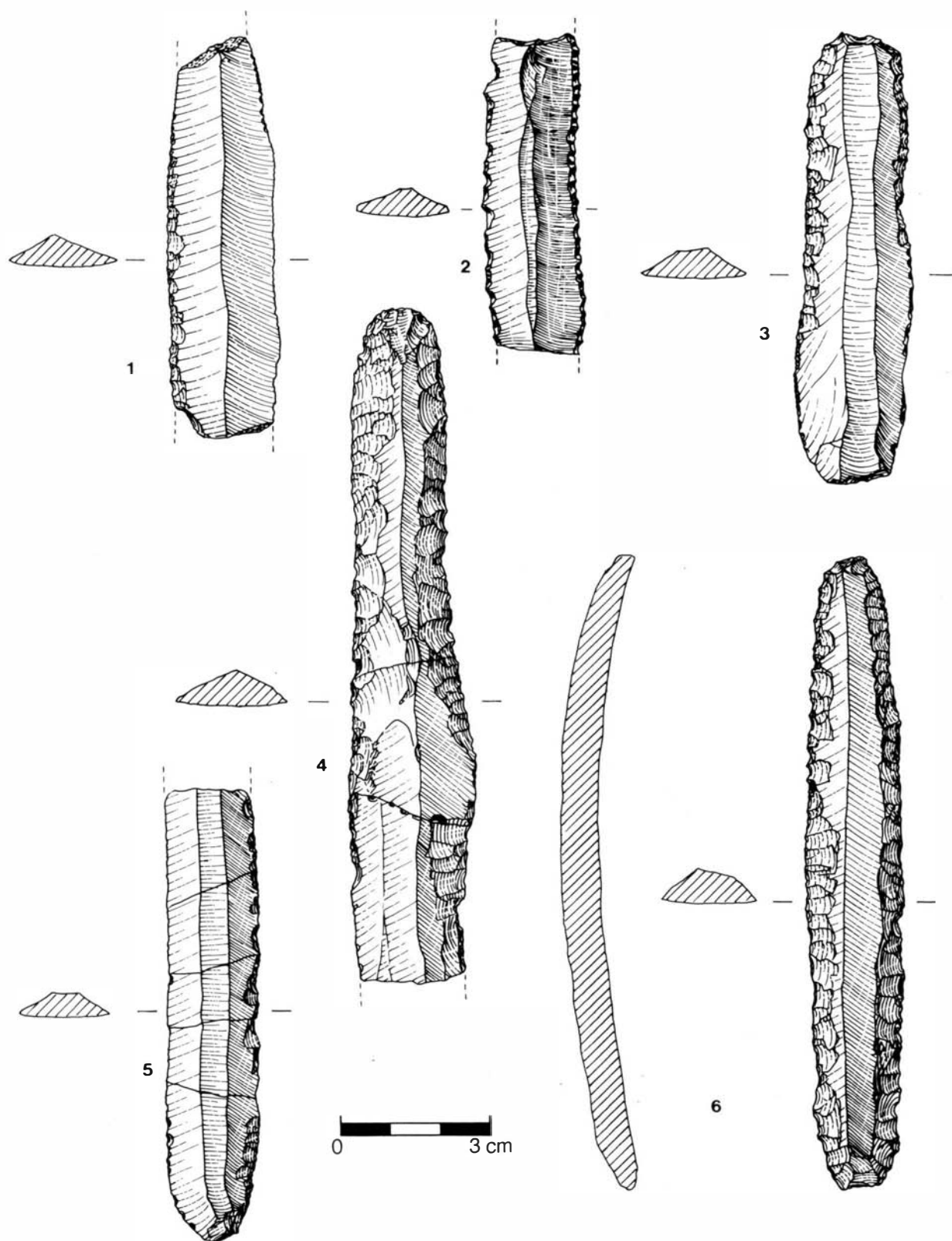


Fig. 14 – Gruta II da Senhora da Luz. Lâminas retocadas.

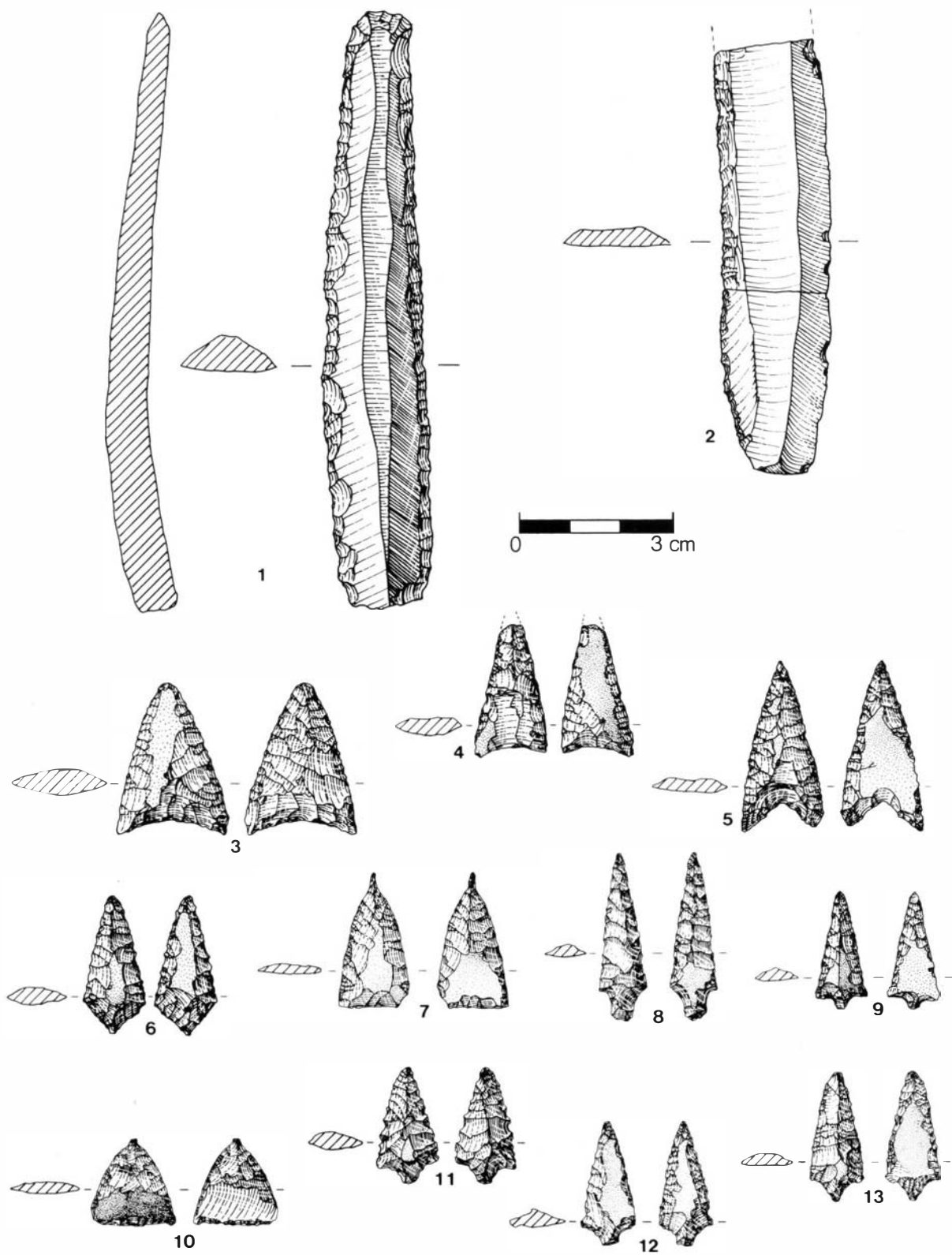


Fig. 15 – Gruta II da Senhora da Luz. Lâminas retocadas e pontas de seta.

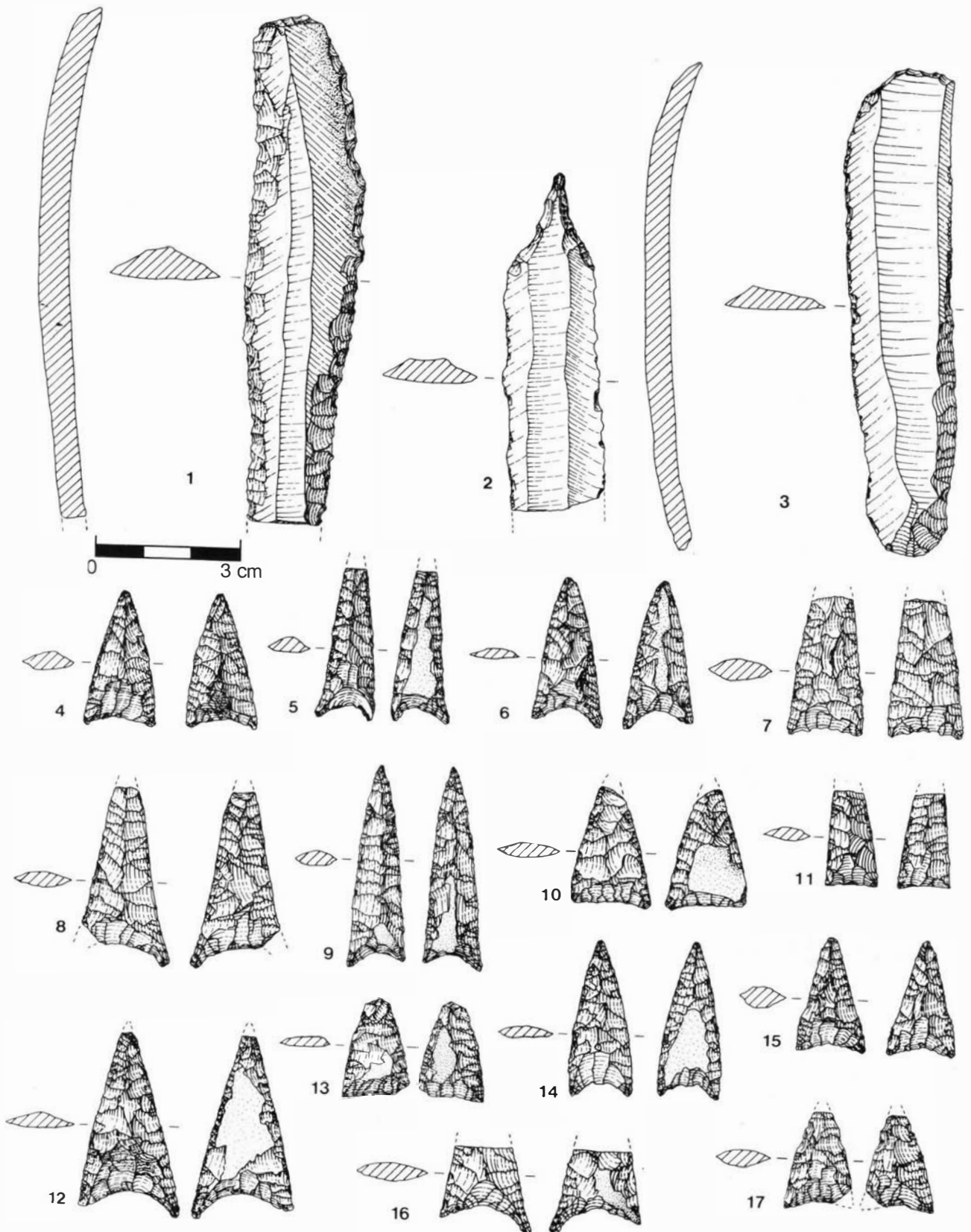


Fig. 16 – Gruta II b da Senhora da Luz. Lâminas retocadas, furador e pontas de seta.

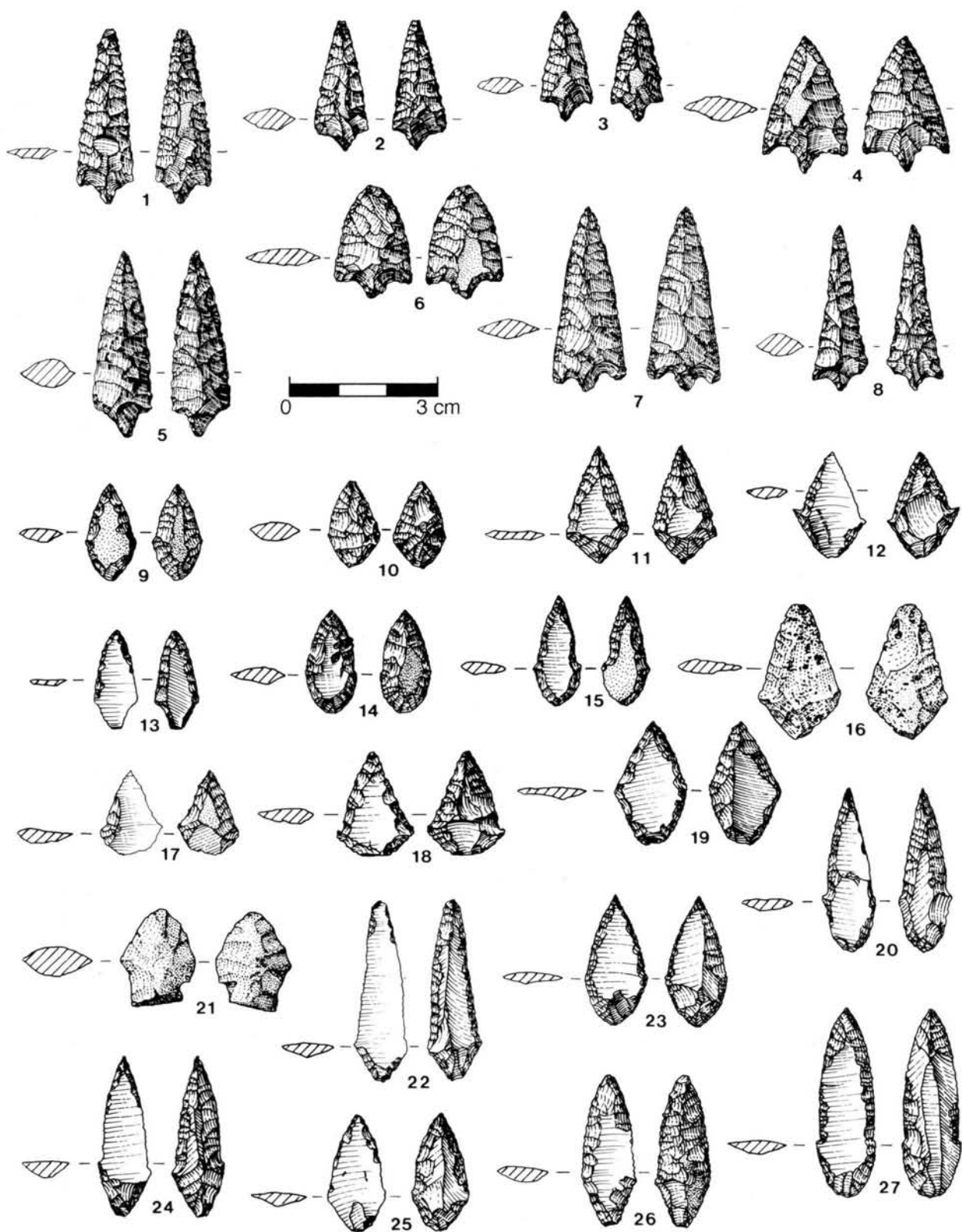


Fig. 17 – Gruta II da Senhora da Luz. Pontas de seta.

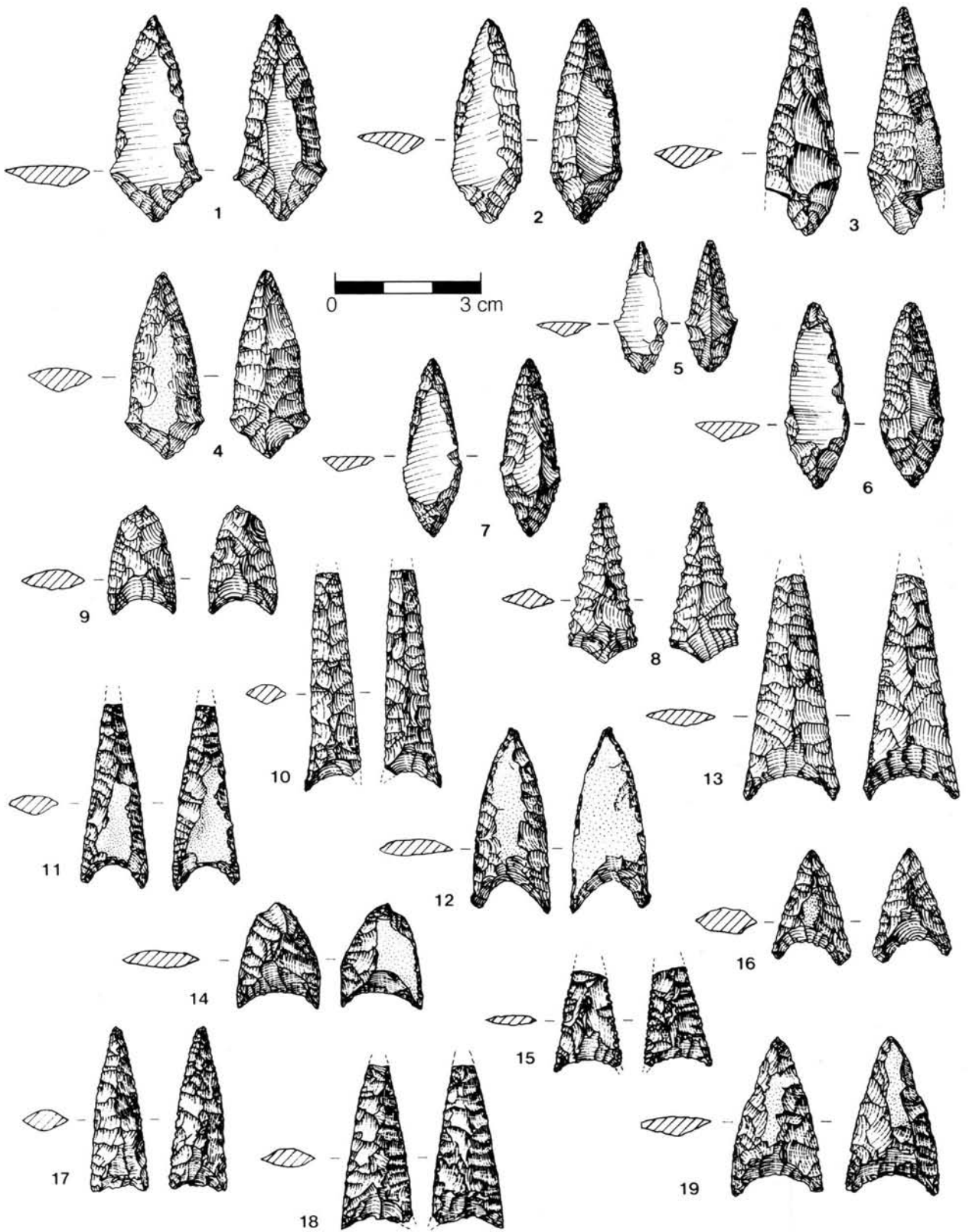


Fig. 18 – Gruta II da Senhora da Luz. Pontas de seta.

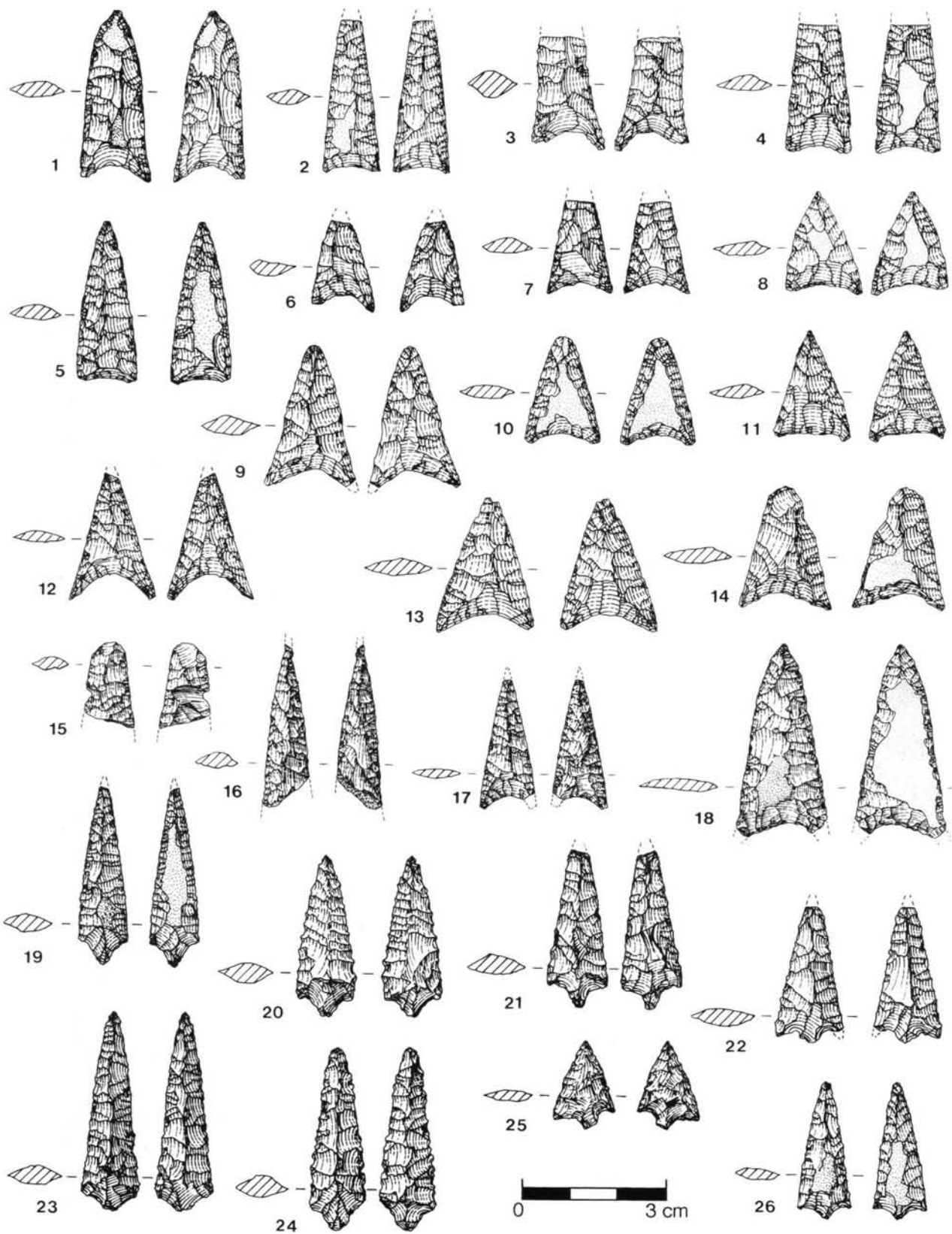


Fig. 19 – Gruta II b da Senhora da Luz. Pontas de seta.

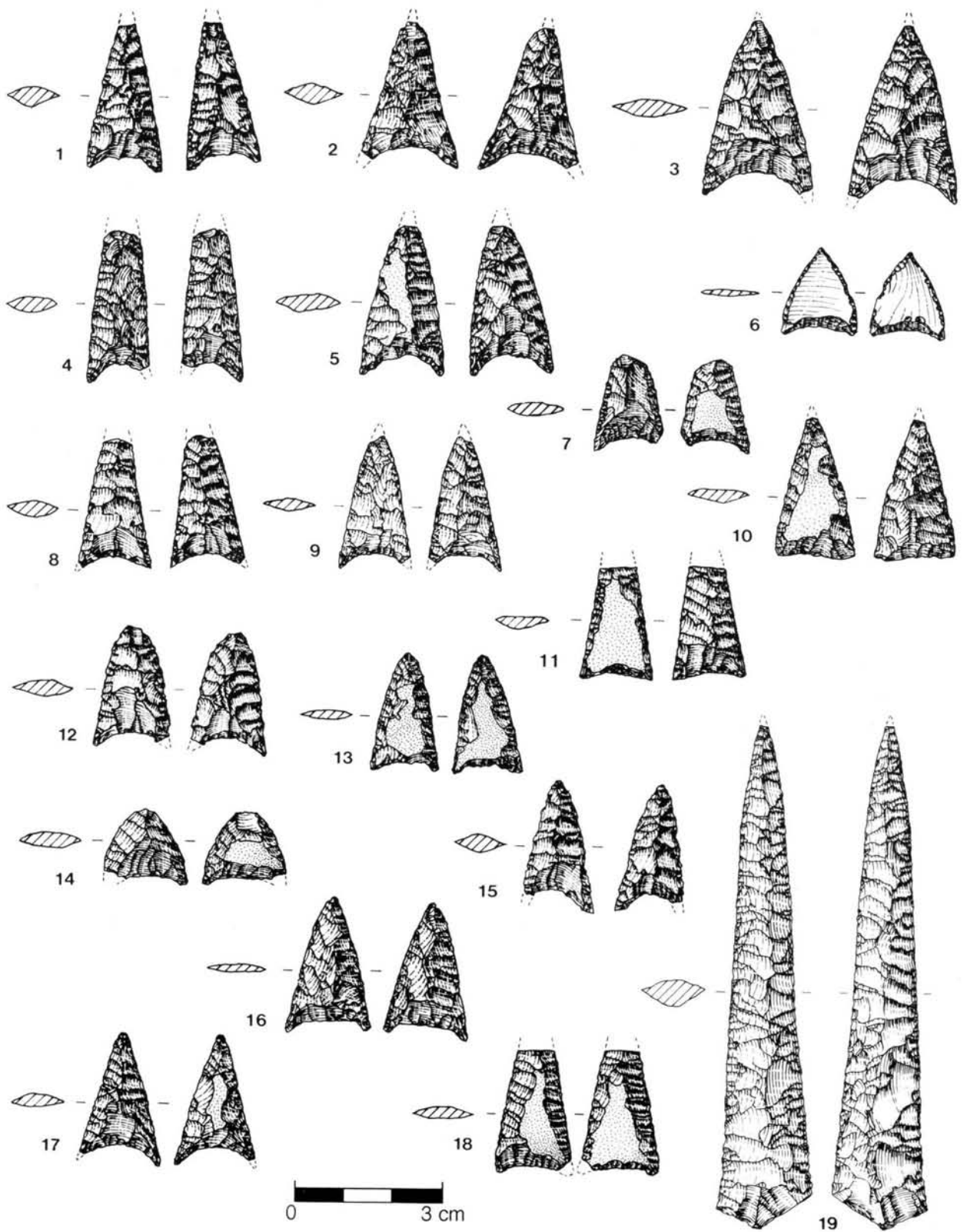


Fig. 20 – Gruta II da Senhora da Luz. Pontas de seta e punhal ou dardo (n.º. 19).

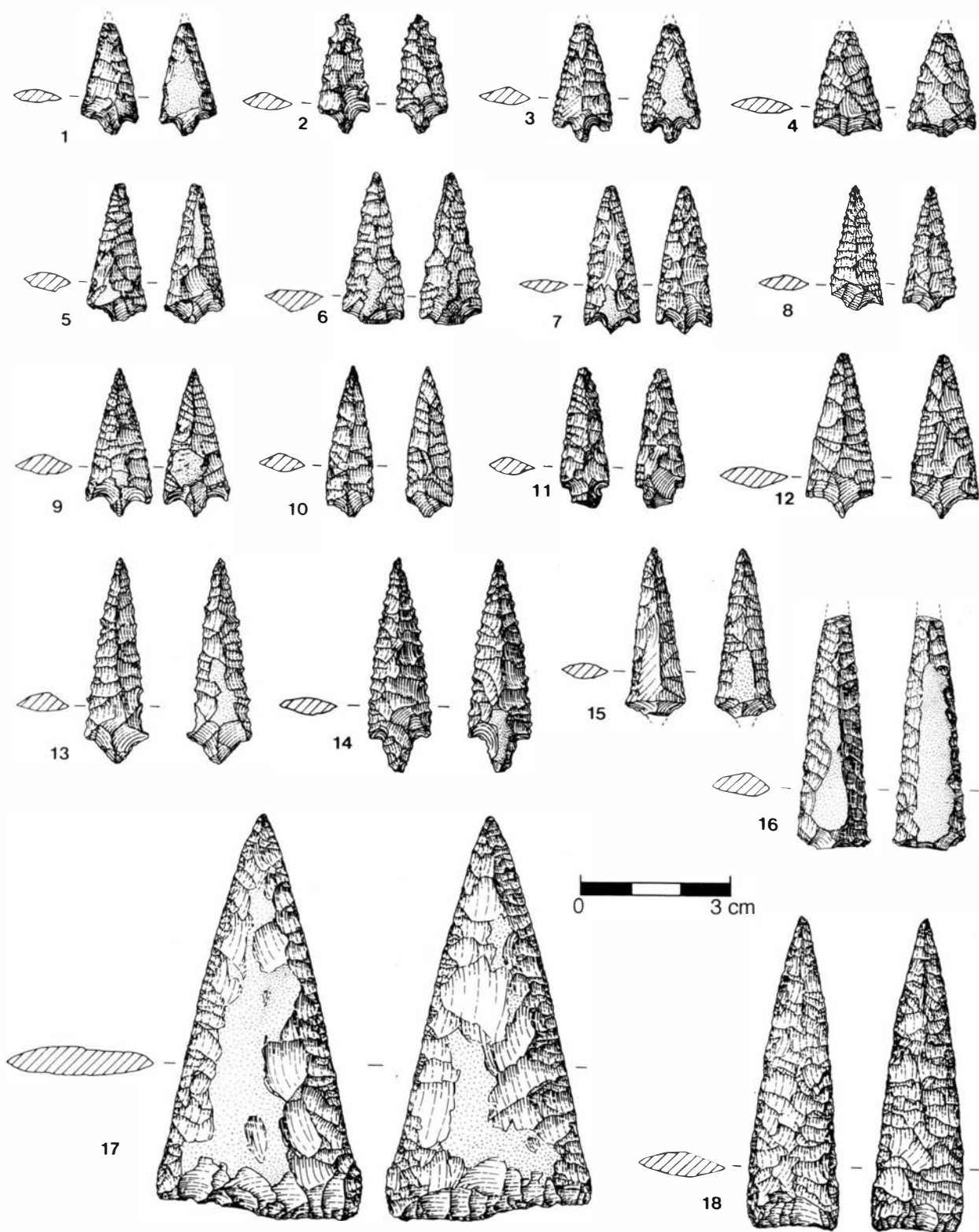


Fig. 21 – Gruta II b da Senhora da Luz. Pontas de seta e pequena alabarda (n.º 17).

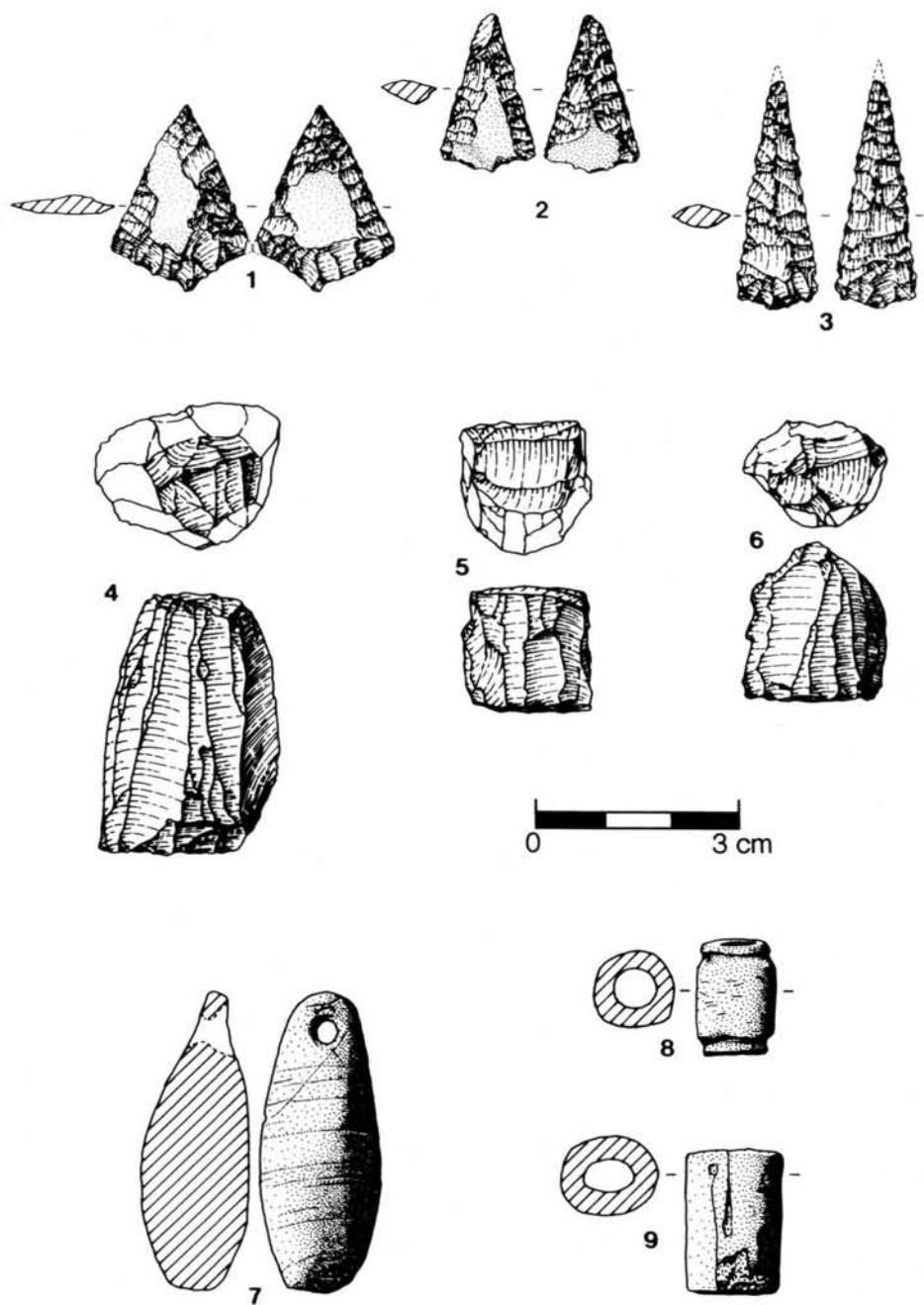


Fig. 22 – Gruta II a da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada (pontas de seta e núcleos de lamelas) e objectos de adorno de calcite e de osso.

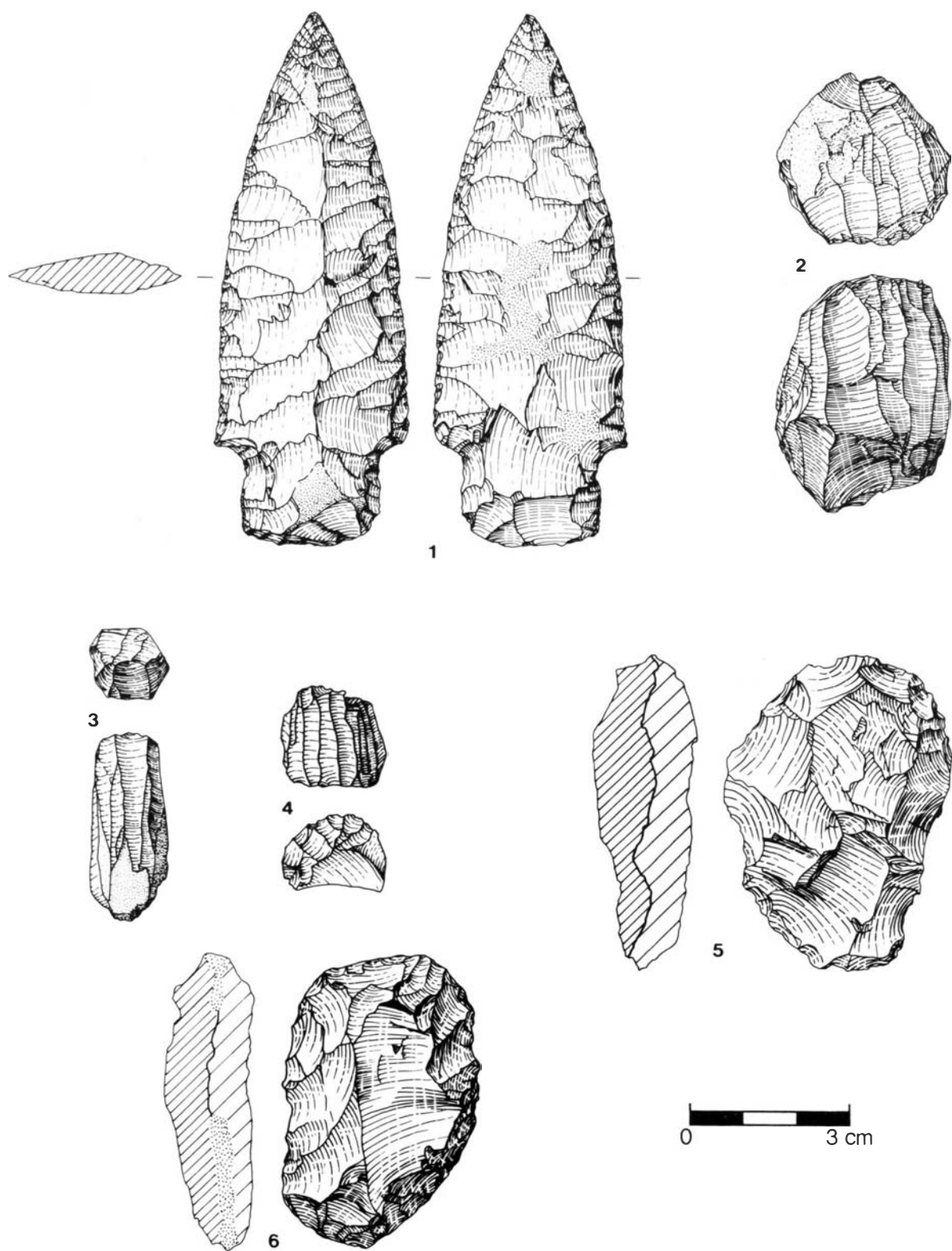


Fig. 23 – Gruta II da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada. Punhal, núcleos de lamelas e de lascas, retocador ou pedra de isqueiro (n.º. 6).

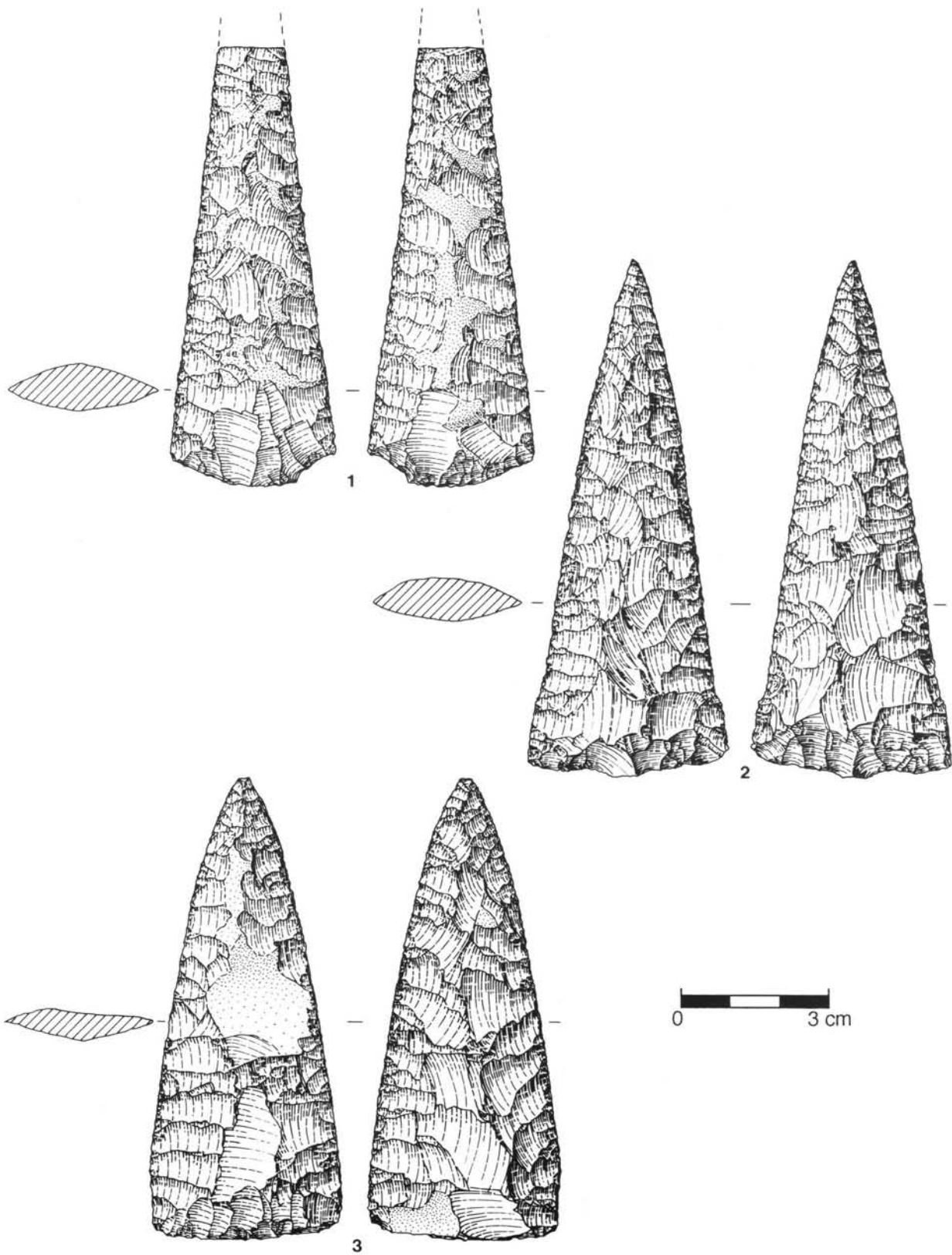


Fig. 24 – Gruta II b da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada. Punhais.

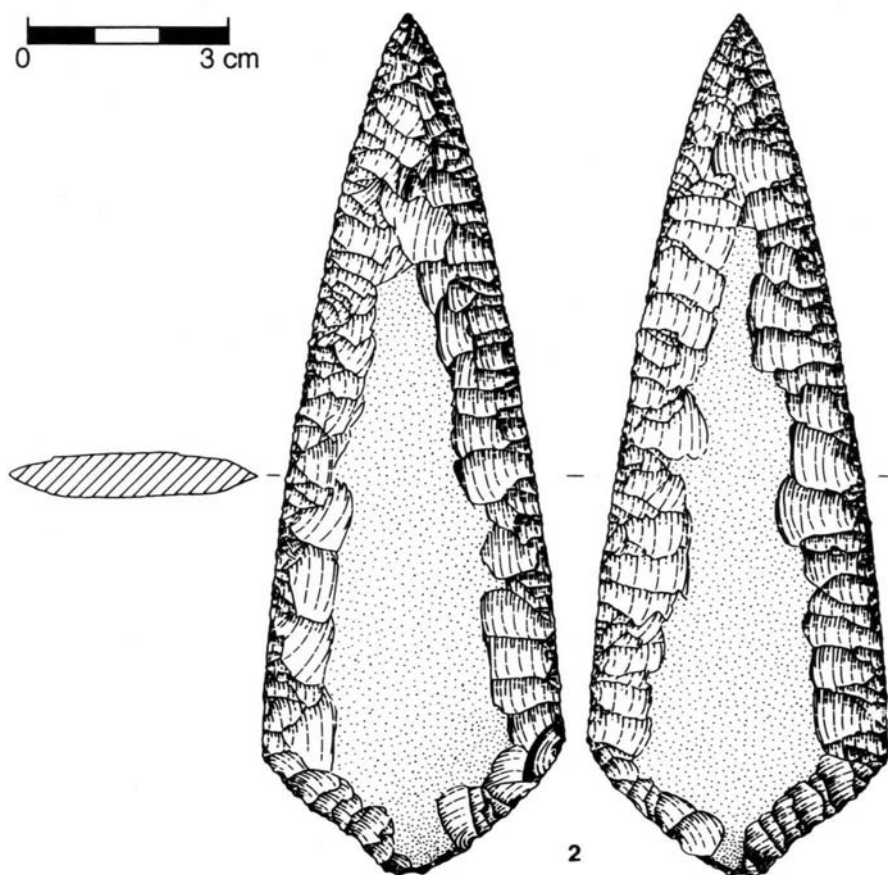
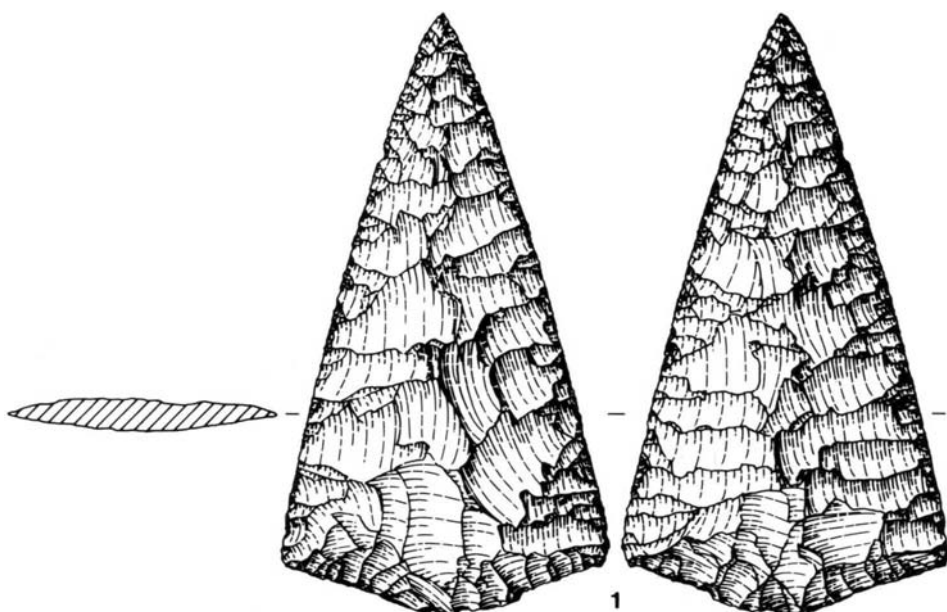


Fig. 25 – Gruta II b da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada. Pequena alabarda e punhal.

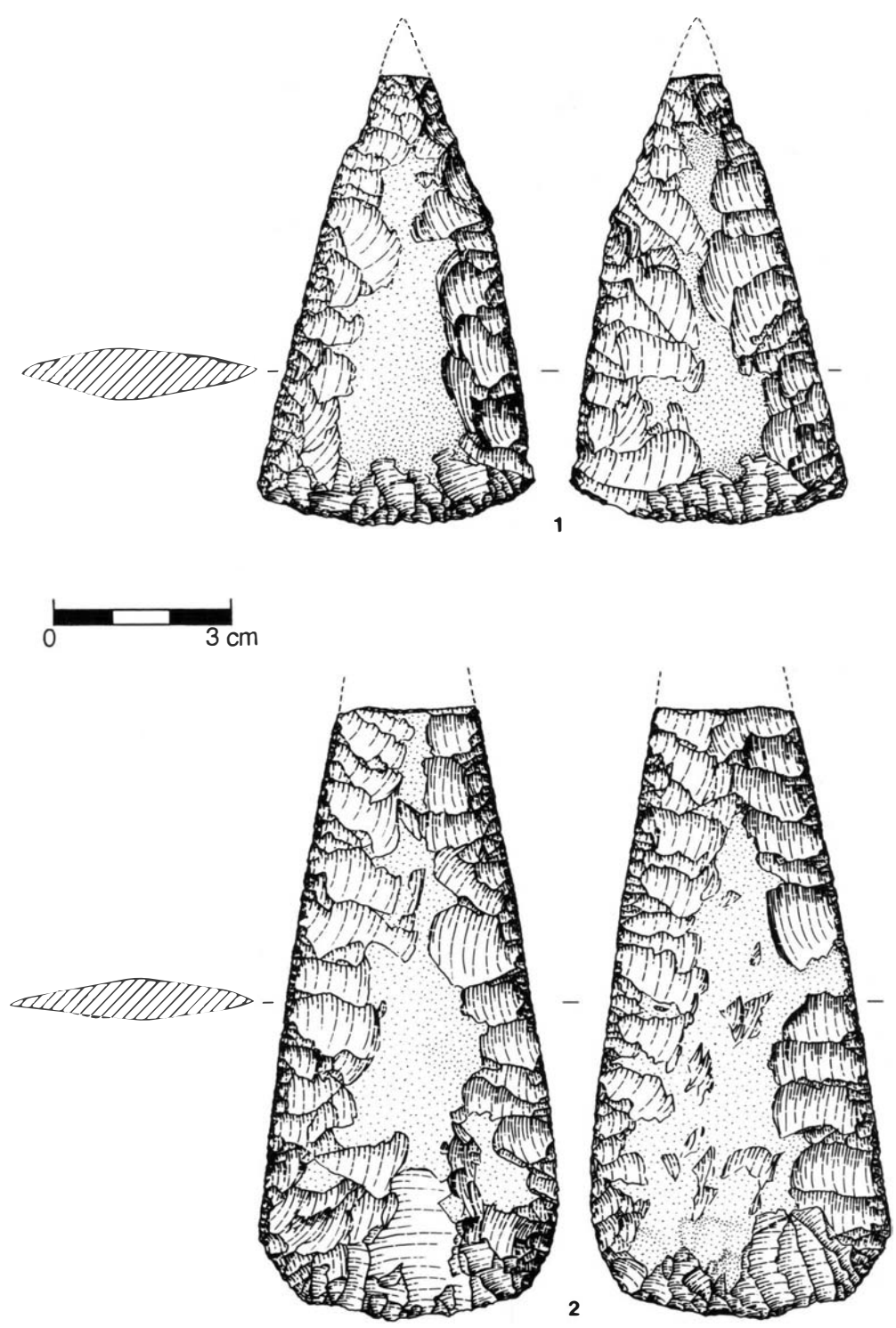
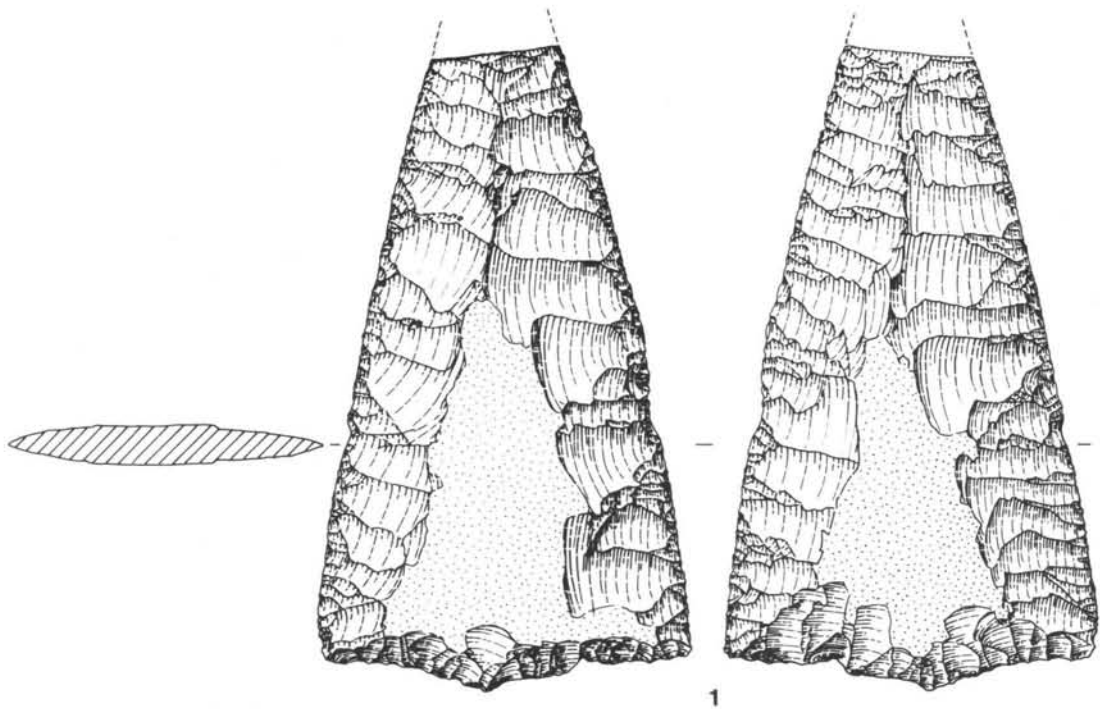


Fig. 26 – Gruta II b da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada. Pequena alabarda e punhal.



0 3 cm

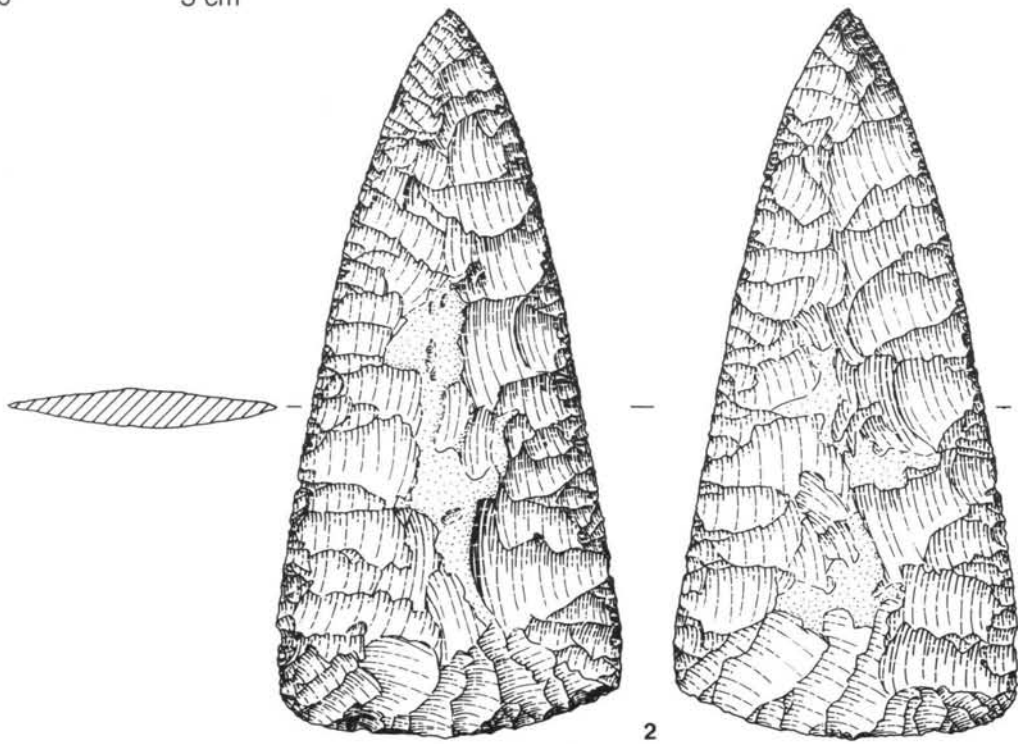


Fig. 27 – Gruta II b da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada. Alabardas.

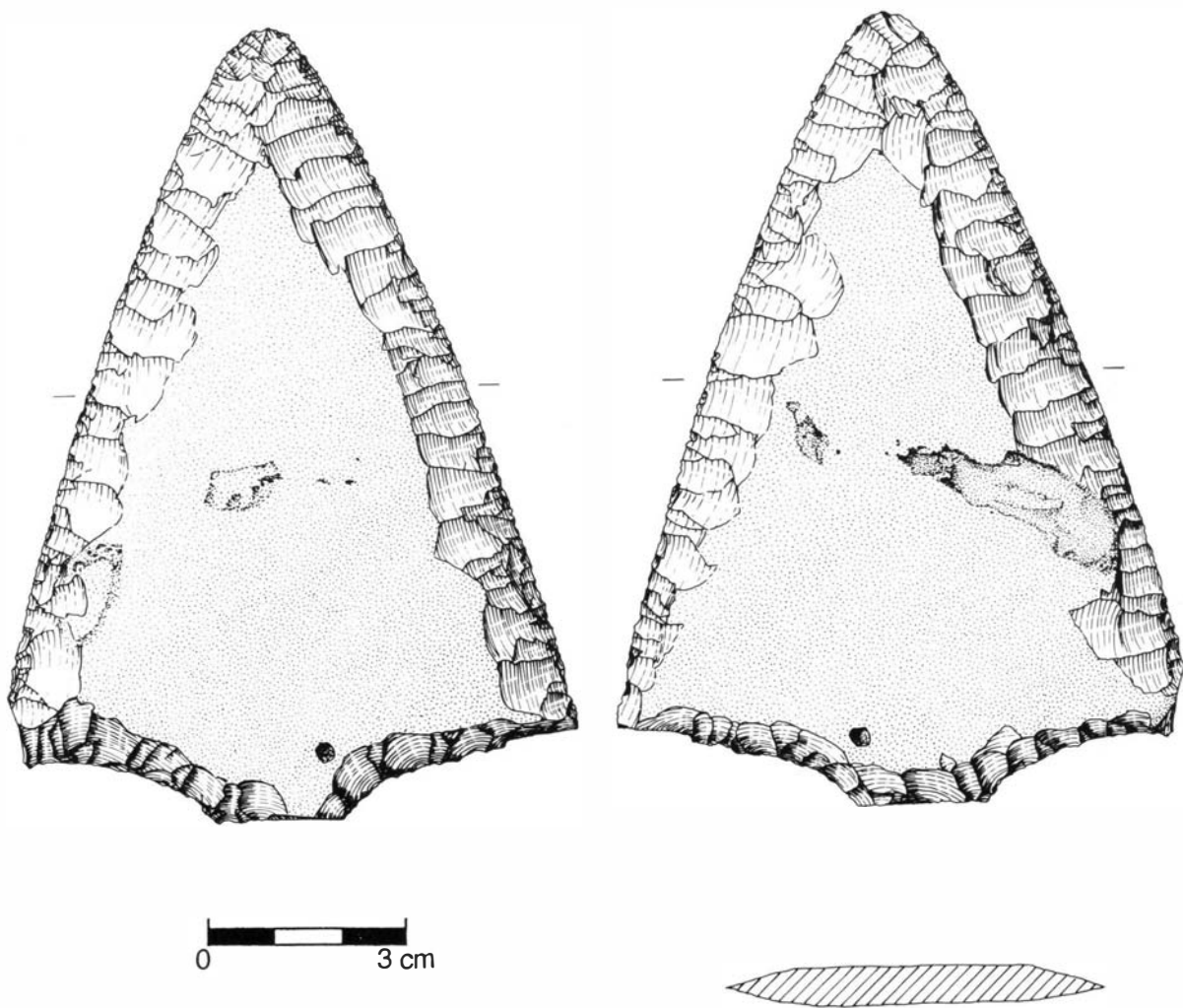


Fig. 28 – Gruta II da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada. Alabarda.

3.2.1.4 - Lamelas e pequenas lâminas (Fig. 8, nº. 12; Fig. 9, nº. 13 a 15; 17 a 22; 25 e 27; Fig. 10, nº. 2, 5 a 9 e 11 a 13)

Duas lamelas, encurvadas e relativamente espessas, ostentam retoques abruptos, no dorso convexo, sendo em um caso contínuos (Fig. 10, nº. 2), e noutra caso descontínuos (Fig. 8, nº. 12), em ambos constituindo gume denticulados, prolongando-se na última, para o bordo oposto; umas das extremidades, ponteaguda, poderia ser utilizada como furador.

As peças restantes não ostentam retoques ou possuem-nos apenas marginalmente, eventualmente derivados da sua utilização (Fig. 9, nº. 28).

Predominam os sílices de coloração castanho-avermelhada ou acinzentada.

Seis pequenas lamelas são de cristal de rocha (Fig. 9, nº. 18, 19 e 21; Fig. 10, nº. 5 a 7 e 9), desprovidas, como as anteriores, de trabalho secundário.

3.2.1.5 - Resíduos (Fig. 9, nº. 11 a 13; 15 e 16; Fig. 10, nº. 6, 7 e 10)

Trata-se de esquirolas irregulares de sílex, de colorações predominantemente acinzentadas.

3.2.2 - *Lâminas* (Fig. 9, nº. 23, 26 e 29; Fig. 10, nº. 14 a 20; Fig. 11, nº. 1 a 8; Fig. 12, nº. 1 a 8; Fig. 13, nº. 1 a 6; Fig. 14, nº. 1 a 6; Fig. 15, nº. 1 e 2; Fig. 16, nº. 1 e 3)

Reconheceram-se oito exemplares desprovidos de retoques, dez com retoques em apenas um dos bordos e vinte e um com ambos os bordos retocados.

Quinze exemplares conservam o plano de percussão, sendo um punctiforme, dois lisos, cinco facetados e sete diedros. Nalguns casos o bolbo foi suprimido, total ou parcialmente, por retoques inversos a partir da respectiva extremidade.

Onze exemplares possuem, em extensão variável, vestígios de uso, denunciado por brilho mais ou menos intenso, por via de regra limitado a um dos bordos.

As extremidades distais mostram-se trabalhadas, em 20 exemplares, por retoques abruptos ou semi-abruptos, dando origem a diferentes morfologias distais:

- côncavas oblíquas (1);
- côncavas transversas (1);
- rectas transversas (8);
- convexas (7);
- apontadas (1);
- rectas transversas com um ou dois entalhes terminais laterais (2).

As restantes lâminas mostram a extremidade distal ultrapassada (5 exemplares, três dos quais com manchas de córtex), ou partida (17 exemplares).

São todas de sílex; predominam as colorações acinzentadas sobre as castanho-avermelhadas.

3.2.3 - *Furadores* (Fig. 8, nº. 3; Fig. 16, nº. 2)

Um pequeno furador de contorno sub-triangular e de retoque abrupto, executado em sílex rosado com aquecimento, mostra a extremidade boleada pelo uso (Fig. 8, nº. 3). O maior, é executado na extremidade da lâmina de sílex acastanhado, por duas truncaturas côncavas convergentes. Possui, igualmente, vestígios de uso (desgaste). Mostra, ainda, o bordo direito denticulado por retoques inversos, e com sinais de utilização (brilho).

3.2.4 - Pontas de seta

Foram separadas, tendo em conta a tipologia, nos seguintes grupos:

3.2.4.1 - Base bicôncava mais ou menos pedunculada

Integram-se neste grupo trinta e sete exemplares, de contorno usualmente alongado, e de bordos rectilíneos, maioritariamente denticulados, ostentado trabalho bifacial cuidado. Dois exemplares (Fig. 17, nº. 4 e 6; Fig. 19, nº. 25) distinguem-se por serem mais longos e curtos e possuem bordos convexos ou sub-rectilíneos, constituindo uma variante rara.

A base dos exemplares deste grupo possui pedúnculo mais ou menos desenvolvido.

Da variante com pedúnculo desenvolvido, contam-se os exemplares das Fig. 15, nº. 8, 11 a 13; Fig. 17, nº. 1 a 3; 5 e 10; Fig. 19, nº. 19 a 21; 23, 24 e 26; Fig. 21, nº. 1 a 3; 5 e 6; 9 a 16; da variante com pedúnculo incipiente, pouco ultrapassando as extremidades laterais, citam-se os exemplares das Fig. 13, nº. 9; Fig. 17, nº. 7, 8 e 13; Fig. 18, nº. 8; Fig. 19, nº. 22; Fig. 21, nº. 4, 7 e 8; Fig. 22, nº. 3.

3.2.4.2 - Base ogival ou arredondada

Neste grupo consideram-se os exemplares cuja base termina em ponta resultante da intersecção de ambos os bordos laterais convexos (perfil ogival típico), ou se apresenta arredondada. À primeira variante pertencem sete exemplares, representados nas Fig. 17, nº. 9, 21 e Fig. 18, nº. 3, 5 a 7.

À segunda variante, foram atribuídos oito exemplares, os da Fig. 17, nº. 12, 14, 15, 17 a 20 e 27.

A maioria dos exemplares de ambas as variantes exibem aletas laterais, embora pouco marcadas.

3.2.4.3 - Base triangular

A este grupo pertencem onze exemplares, cinco com aletas laterais incipientes (Fig. 15, nº. 6; Fig. 17, nº. 11, 16, 22, 24 a 26; Fig. 18, nº. 1, 2 e 4; Fig. 22, nº. 1). Um exemplar possui a base de contorno irregular (Fig. 22, nº. 2).

3.2.4.4 - Base côncava

É o grupo mais abundante. A secção é lenticular, apresentando um trabalho mais intenso do que a generalidade dos exemplares dos grupos anteriormente referidos, em consequência de levantamentos cobridores, a partir dos bordos laterais e da base. Aqueles exibem contorno variado, sendo convexos, rectilíneos ou côncavos, predominando as duas primeiras variantes (Fig. 15, nº. 3 a 5; Fig. 16, nº. 4 a 17; Fig. 18, nº. 9 a 11; 15 a 19; Fig. 19, nº. 12 a 14, 17 e 18; Fig. 20, nº. 1 a 5; 7 a 13; 15 a 18), com exemplares mais ou menos largos. A terceira, representada por dois espécimes estreitos e alongados, corresponde ao tipo "torre Eiffel", de A. do Paço (Fig. 16, nº. 8; Fig. 18, nº. 10).

3.2.4.5 - Tipo mitriforme

Trata-se de grupo representado por sete exemplares (Fig. 15, nº. 7 e 10; Fig. 18, nº. 12 e 14; Fig. 19, nº. 1; Fig. 20, nº. 6 e 14).

Este tipo, ao contrário do anterior, é caracterizado por trabalho sumário (exceptuando-se um exemplar, o da Fig. 17, nº. 1), conservando importantes extensões das superfícies de separação das lascas de sílex originais em uma ou em ambas as faces.

3.2.5 - Alabardas e punhais

As grutas da Senhora da Luz forneceram um belo e diversificado conjunto de artefactos de sílex cuidadosamente afeiçãoados por lascagem, alguns após polimento, os quais se integram em dois grupos artefactuais - pontas de arremesso, punhais e alabardas - conquanto a separação de ambos nem sempre seja evidente; com efeito, até ao presente, tal questão não foi tratada senão de modo subjectivo, segundo o critério pessoal de cada investigador.

- Pontas de arremesso ou de dardo: trata-se de peças finamente retocadas, alongadas e estreitas, não ultrapassando 2,0 cm de largura; representadas por dois exemplares (Fig. 20, nº. 19; Fig. 21, nº. 18); não se exclui a hipótese de corresponderem a pequenos punhais, especialmente o primeiro, com paralelo próximo no exemplar da sepultura da Folha das Barradas, Sintra (FERREIRA, 1957, Est. 2, nº. 2).

- Punhais: nesta categoria integram-se peças cuja razão comprimento/largura é superior a 2,4. Trata-se de critério que teve em consideração a análise de um número representativo de exemplares da Estremadura. São seis os exemplares pertencentes às grutas em apreço (Fig. 23, nº. 1; Fig. 24, nº. 1, 2 e 3; Fig. 25, nº. 2; Fig. 26, nº. 2). A base destes exemplares é de morfologia variada: triangular, convexa, bicôncava e de lingueta sub-rectangular; todas estas variantes têm paralelos em numerosos exemplares da Estremadura, avultando os da Lapa da Galinha e da Casa da Moura. O exemplar com lingueta basal, tem paralelo muito próximo em contexto calcolítico: o *tholos* da Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996).

Um aspecto a destacar diz respeito ao polimento: quanto às áreas atingidas por este, sempre na zona central de uma ou de ambas as faces, apenas atingindo os bordos laterais em um exemplar, reconheceu-se duas peças em que tais áreas são importantes em ambas as faces, e três cujo polimento é apenas vestigial; apenas uma peça é desprovida de polimento, sendo totalmente ocupada por superfícies de lascagem, sub-horizontais.

Em qualquer dos seis exemplares, as superfícies primitivas das lascas originais foram eliminadas pelo polimento e por retoques de afeiçãoamento, os quais nuns casos se seguiram ao polimento (Fig. 25, nº. 2) e noutros o antecederam (Fig. 26, nº. 2). O polimento teve a finalidade de produzir o adelgaçamento e regularização da superfície do suporte, mesmo nos casos em que tenha sido antecedido por lascagem de talhe cobridor, como no exemplar citado, o qual ostenta indícios de tratamento térmico prévio, para facilitar a lascagem (coloração avermelhada, brilho generalizado e micro-conchóides superficiais).

O fragmento da Fig. 29, nº. 1, pertencerá, igualmente, à base de um punhal.

- Alabardas: este grupo integra seis exemplares (Fig. 21, nº. 17; Fig. 25, nº. 1; Fig. 26, nº. 1; Fig. 27, nº. 1 e 2; Fig. 28). Talvez devido à sua largura ser superior à dos punhais, o polimento apresenta-se de forma mais insistente, ocupando superfícies importantes em ambas as faces de quatro exemplares: apenas em um é vestigial, encontrando-se ausente no restante.

Neste conjunto, avulta o exemplar da Fig. 28, correspondente ao tipo “Casa da Moura” (FERREIRA, 1970, Est. 1, nº. 5; SPINDLER, 1981, Tf. 14, nº. 206), afeiçãoado em uma placa de sílex, regularizada previamente por polimento, que atingiu a totalidade de ambas as faces, depois sujeitas a lascagem, mediante levantamentos marginais sub-horizontais.

Tal como em exemplares do grupo anterior, reconheceram-se casos em que houve polimento depois da lascagem, como o da alabarda da Fig. 27, nº. 2.

As bases, de modo geral, são pouco pronunciadas; três são bicôncavas, correspondendo a zona central a convexidade mais ou menos pronunciada; duas são convexas; a última é sub-rectilínea.

A coloração do sílex utilizado para a confecção dos exemplares de ambos os grupos é diversificada, do cinzento-azulada ao castanho-avermelhada, passando pelo branco e pelo rosa.

3.2.6 - Núcleos

Identificaram-se seis núcleos de lamelas, cinco dos quais de quartzo (quatro de cristal de rocha, sendo dois incolores e dois mais ou menos fumados): (Fig. 22, nº. 4 a 6; Fig. 23, nº. 2); o restante é de quartzo leitoso, conservando boa parte das faces do prisma hexagonal do cristal primitivo (Fig. 23, nº. 3). O sexto é de sílex (Fig. 23, nº. 4). Trata-se de núcleos sub-prismáticos, com preparação de um ou dois planos de percussão; apenas o de sílex corresponde a um núcleo tabular, frontal, de lamelas.

Estes exemplares - especialmente os de quartzo - têm abundantes paralelos em contextos funerários da Estremadura.

A peça da Fig. 23, nº. 5, de sílex, pode corresponder a núcleo sub-discóide de lascas (parte do reverso, de córtex natural do nódulo primitivo mostra preparação de planos de percussão), a menos que se trate de exemplar inacabado.

3.2.7 - Retocadores ou percutores

Duas lascas de sílex, de secção plano-convexa, conservando no reverso a superfície de separação respectiva, mostram em toda ou quase toda a periferia massacramento das arestas devido a percussão. Atendendo às pequenas dimensões, poderiam corresponder a artefactos utilizados na lascagem fina de variados utensílios (Fig. 23, nº. 6 e Fig. 29, nº. 4). Duas peças análogas foram recolhidas na Lapa do Bugio, necrópole em gruta natural da serra da Arrábida (CARDOSO, 1992), tendo sido consideradas como percutores ou pedras de isqueiro (ou de ferir lume), na sequência de opinião expressa por A. do PAÇO (1966) a propósito de exemplares homólogos do castro da Pedra de Ouro (Alenquer). Outro exemplar foi recentemente identificado no *tholos* de Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996).

4 - INDÚSTRIAS ÓSSEAS

4.1 - Furadores

Todos os furadores exumados se caracterizam por terem sido obtidos por seccionamento longitudinal de ossos longos. Dos onze exemplares inventariados (Fig. 29, nº. 2 e 3; Fig. 30, nº. 1 a 9), apenas sete possuem parte de uma das extremidades articulares dos ossos de que foram obtidos: cinco correspondem a uma das trócleas distais de metápodos de ovi-caprinos (Fig. 29, nº. 2; Fig. 30, nº. 5 a 8); um conserva parte da superfície articular proximal de metápodo do mesmo grupo (Fig. 30, nº. 4); outro é afeiçoado em osso longo de ave, indeterminada (Fig. 30, nº. 9); dos restantes quatro, três correspondem a esquirolas de ossos longos, três de ovi-caprinos (Fig. 30, nº. 1 a 3), sendo o último de animal de maior porte, provavelmente cervídeo ou bovídeo (Fig. 29, nº. 3).

Os furadores executados sobre as esquirolas longitudinais de ossos longos são raros em contextos neolíticos, e muito mais em calcolíticos. Avultam os numerosos exemplares, exumados na gruta funerária natural do Lugar do Canto, Alcanede (LEITÃO *et al.*, 1987, Fig. 10); ocorrem também na Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992, Est. 6, nº. 26; Est. 11, nº. 7) e nas grutas de Alcobaça (NATIVIDADE, 1899-1903, Est. XVII, nº 131, 132 e seg.), em contextos do Neolítico final.

4.2 - Pontas

Nesta categoria inscreve-se extremidade de galho de veado, polido e endurecido ao fogo, fracturado na base (Fig. 30, nº. 10).

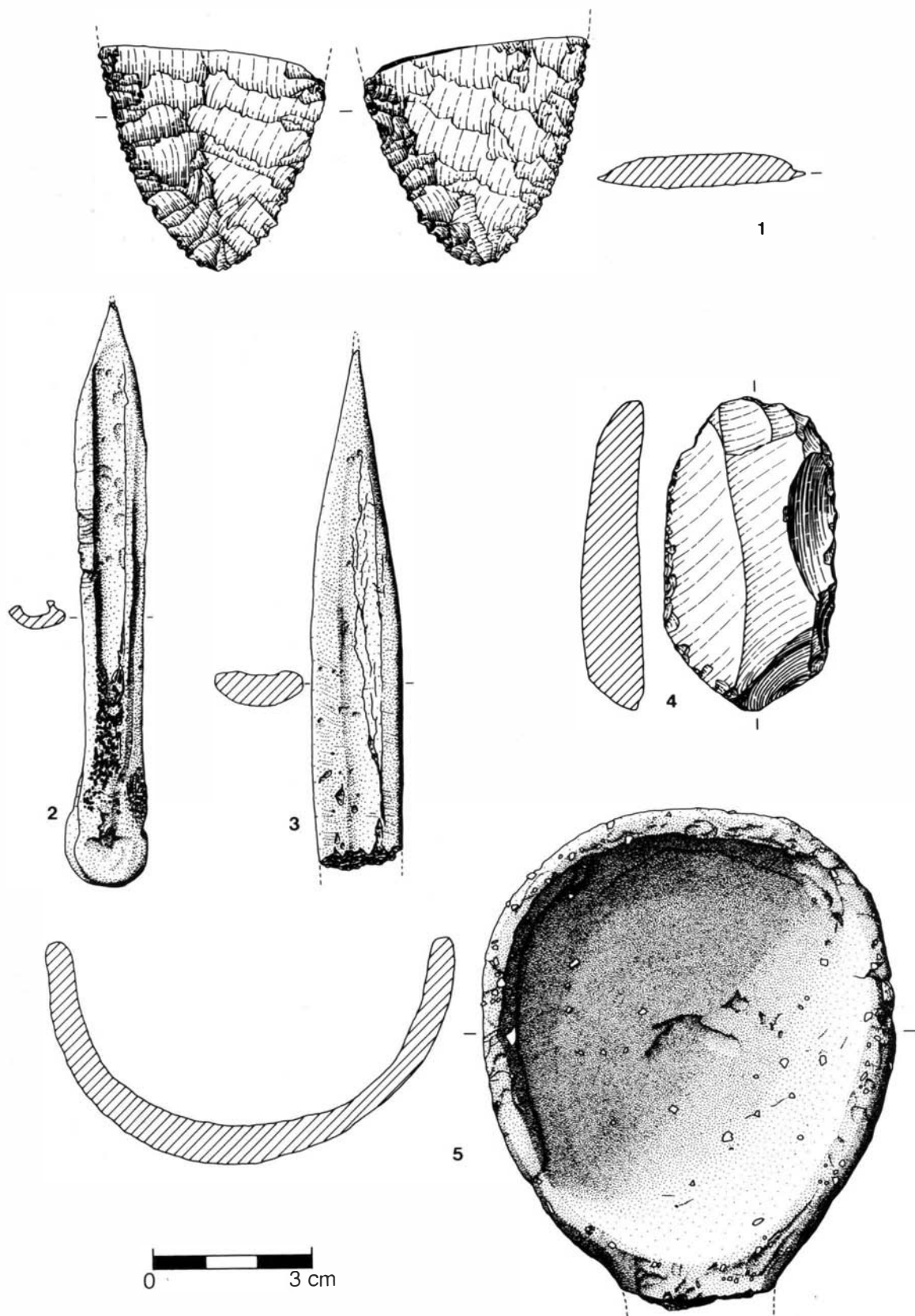


Fig. 29 – Gruta II b da Senhora da Luz. Indústrias de pedra lascada (punhal e retocador ou pedra de isqueiro), ósseas (furadores) e cerâmicas (colher).

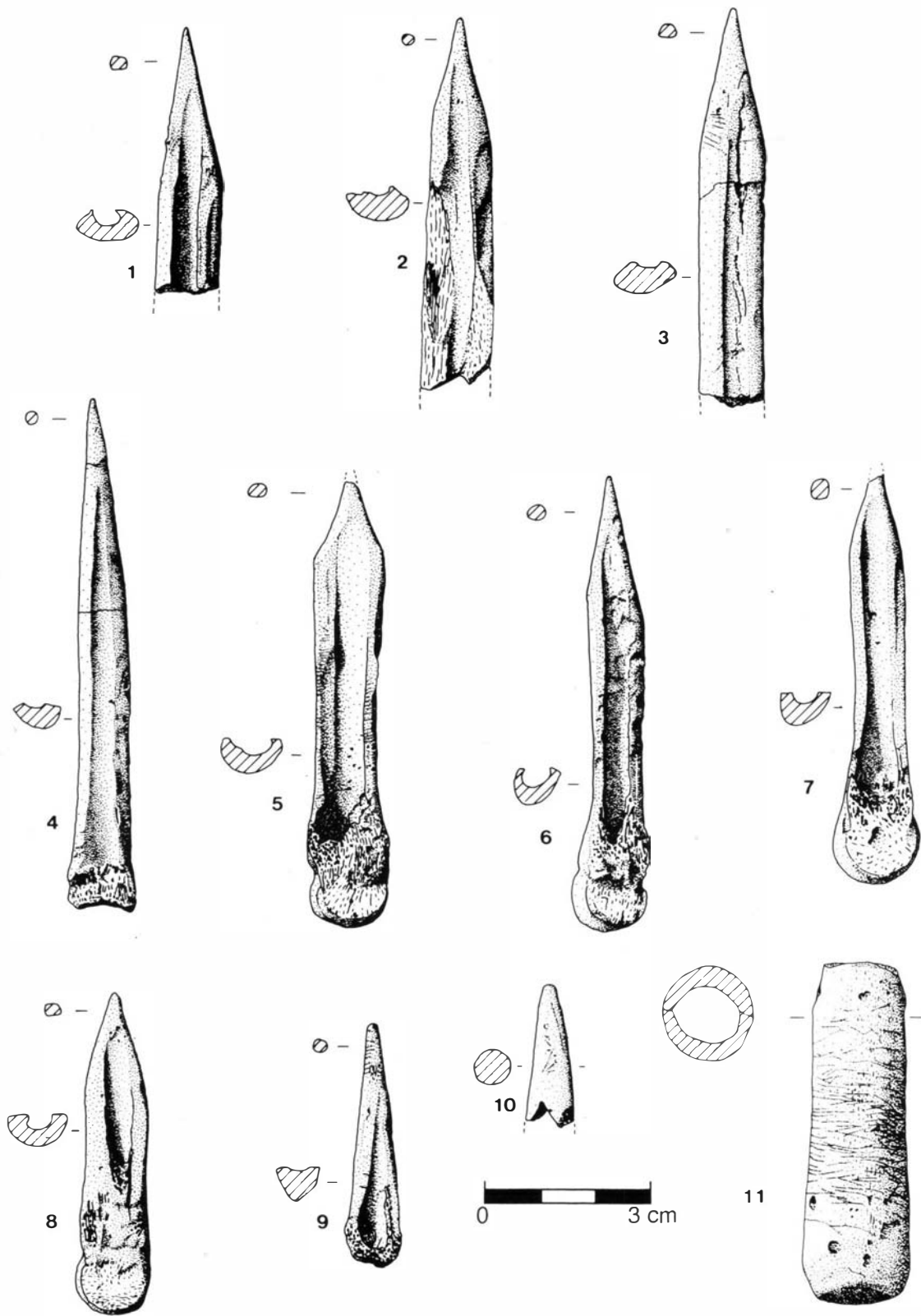


Fig. 30 – Gruta II da Senhora da Luz. Indústrias ósseas: furadores e cabo de artefacto (nº. 11).

4.3 - Cabos

Um raro exemplar de osso indeterminável, totalmente polido, de formato sub-cilíndrico, com a base aplanada por polimento (Fig. 30, n.º 11), possui as superfícies laterais densamente sulcadas por finas incisões perpendiculares ao eixo da peça, com eventual carácter decorativo ou simplesmente funcional, por forma a aumentar o atrito ao manuseio.

4.4 - Matrizes ou pentes de oleiro

Um exemplar afeiçoado sobre esquirola de osso longo, talvez de bovívdeo, ligeiramente incurvado, possui, numa das extremidades, onze dentes pouco pronunciados, obtidos por incisões bilaterais (Fig. 31, n.º 6). Esta peça foi anteriormente comparada com outras de contextos neolíticos e calcólíticos estremenhos (LEITÃO *et al.*, 1973, Fig. 3; SPINDLER, 1981, Abb. 3.5). Pela maior semelhança, destacam-se os dois exemplares da Furninha e o do Castro do Zambujal, todos eles reproduzidos pelos autores citados. A estes acrescentar-se-á o exemplar calcólítico do *tholos* de Pai Mogo, Lourinhã (GALLAY *et al.*, 1973, Fig. 70, n.º 380).

4.5 - Objectos de função indeterminada

Nesta categoria inscrevem-se dois exemplares: um deles, é esquirola bastante erodida com dois sulcos imperfeitos, e paralelos, que se prolongam por ambas as faces (Fig. 31, n.º 1). Poderia tratar-se de pequeno carroto para linhas muito finas.

Outro exemplar, de marfim, possuiria, caso estivesse completo, contorno naviforme (Fig. 35, n.º 4); a zona mesial encontra-se vazada, com abertura de contorno rectangular. O flanco do lado maior conservado ostenta decoração serpentiforme em alto-relevo. Trata-se de exemplar para o qual não dispomos de qualquer paralelo pré-histórico, tanto de contextos peninsulares como extra-peninsulares.

5 - OBJECTOS DE ADORNO

5.1 - Adornos de osso

5.1.1 - Anéis

Um anel totalmente afeiçoado por polimento fino na face externa, que é bombeada; a face interna apresenta-se ondulada, em consequência do processo de regularização do osso primitivo, e sumariamente polida (Fig. 31, n.º 5). Trata-se de uma peça extremamente rara em contextos pré-históricos peninsulares. Importa assinalar outro exemplar, de contexto provavelmente neolítico, na gruta do Carvalhal, Turquel, de pedra (SPINDLER & FERREIRA, 1974, Abb. n.º 125).

5.1.2 - Pendentes

Um canino superior direito de *Canis familiaris*, de pequeno tamanho, possui polimento em ambos os lados da raiz, tendo em vista o adelgaçamento da mesma, facilitando a respectiva furação, produzida apenas a partir de um dos lados (Fig. 35, n.º 5).

5.1.3 - Cabeças de alfinete

Um artefacto cilíndrico, com duas caneluras junto a ambas as bases (Fig. 22, n.º 8), corresponde a cabeça amovível de alfinete, idêntico a exemplares da Estremadura, embora a maioria destes sejam decorados por múltiplas

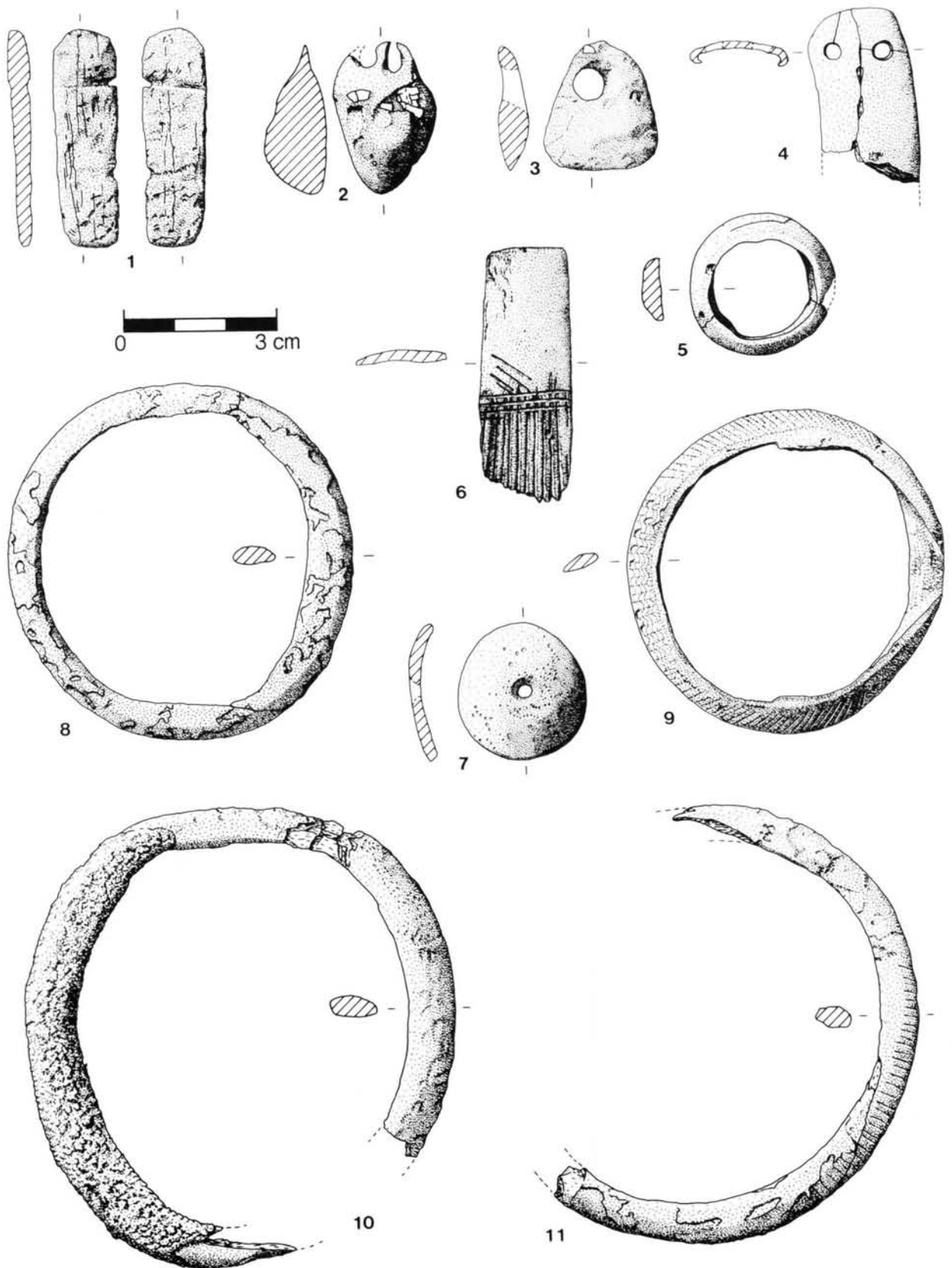


Fig. 31 – Gruta II da Senhora da Luz. Objectos de adorno e matriz para cerâmica (n.º 6).

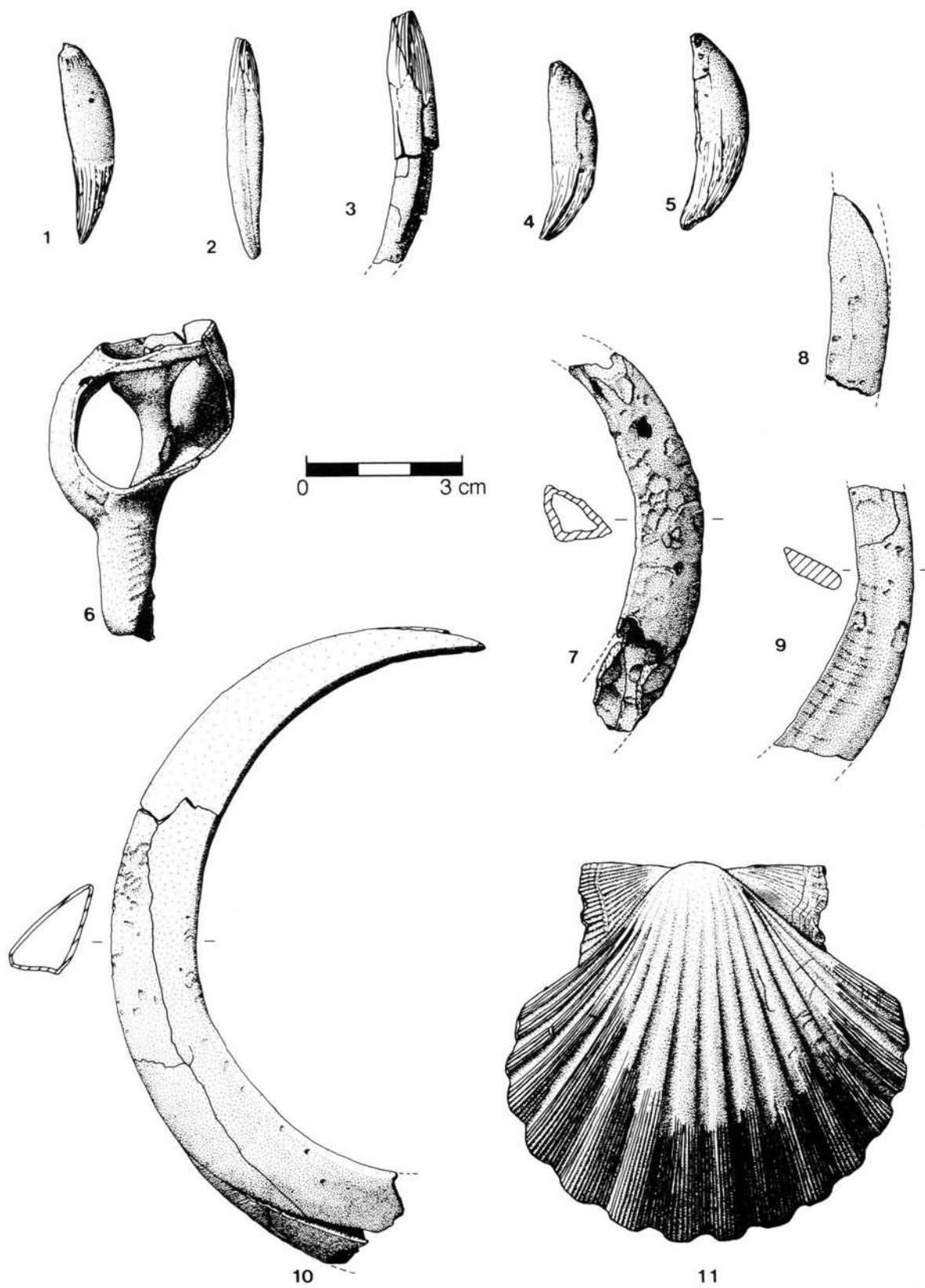


Fig. 32 – Gruta II da Senhora da Luz. Restos faunísticos.

caneluras paralelas. Estudo recente veio mostrar que o auge de produção de tais exemplares se verificou no Neolítico final (CARDOSO & SOARES, 1995).

À mesma categoria poderá pertencer pequeno cilindro liso de osso, totalmente polido, a menos que corresponda a elemento de colar (Fig. 22, nº. 9).

5.1.4 - “Pendeloques”

Uma peça afeiçãoada em porção de muralha externa de canino inferior de *Sus scrofa* ostenta, junto da extremidade conservada com polimento, dois furos que sugerem a suspensão do objecto, cuja face inferior foi, igualmente, seccionada por serragem e ulteriormente polida (Fig. 31, nº. 4).

5.2 - Adornos de concha

5.2.1 - Botões

Um botão executado em valva de *Glycymeris* sp., de pequeno tamanho. Observa-se ainda, apesar do polimento intenso de face convexa, as costilhas da ornamentação da valva, partindo simétrica e radialmente de uma zona situada na periferia do botão. Desta forma, conclui-se que este foi obtido por ablação e ulterior polimento do bordo paleal da concha, incluindo a charneira, conferindo à peça contorno quase circular (Fig. 31, nº. 7). No seu centro, foi aberto, a partir da face externa, um furo, de secção cónica. São escassos os paralelos para este artefacto, em Portugal. Avulta exemplar idêntico exumado na gruta I de Palmela (LEISNER *et al.*, 1961, Pl. E, nº 22; Pl II, nº. 8), cuja cronologia não poderá ser anterior ao Neolítico final.

Um fragmento de búzio (*Charonia lampas*), naturalmente perfurado, apresenta-se muito rolado pelo mar, facto que conferiu à superfície brilho e polimento (Fig. 32, nº. 6). Trata-se, evidentemente, de peça recolhida no litoral, distanciado de cerca de 20 Km, para ser utilizada como adorno.

5.2.2 - Contas

Numerosas conchas de *Dentalium* sp. apresentam-se afeiçãoadas, constituindo contas tubulares, obtidas por seccionamento transversal (Fig. 31, nº. 2) e ulterior polimento. Há paralelos numerosos para estes, elementos de adorno na gruta natural do lugar do Canto, Alcanede (LEITÃO *et al.*, 1987) e na Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992), ambas necrópoles do Neolítico final.

5.2.3 - Braceletes

Esta categoria encontra-se representada por quatro braceletes de *Glycymeris* sp., (Fig. 31, nº. 8 a 11). O exemplar da Fig. 31, nº. 8 conserva, na superfície interna, impregnações de ocre vermelho, que originalmente cobriria toda a peça. O outro exemplar completo (Fig. 31, nº. 9) ostenta a rubrica FV, indicando que foi desenhado por Francisco Valença (HELENO 1935, Fig. 2).

5.3 - Adornos líticos ou de espécies minerais

Nesta categoria inscrevem-se as seguintes peças:

5.3.1 - Pingentes

Representado por pingente ou pendeloque alongado e de corpo progressivamente mais volumoso para a base, em forma de lágrima, de calcite translúcida, com planos de clivagem bem marcados, e cor amarelada, com furação cónica na extremidade mais estreita e achatada (Fig. 22, nº. 7); trata-se de peça muito rara e de grande beleza.

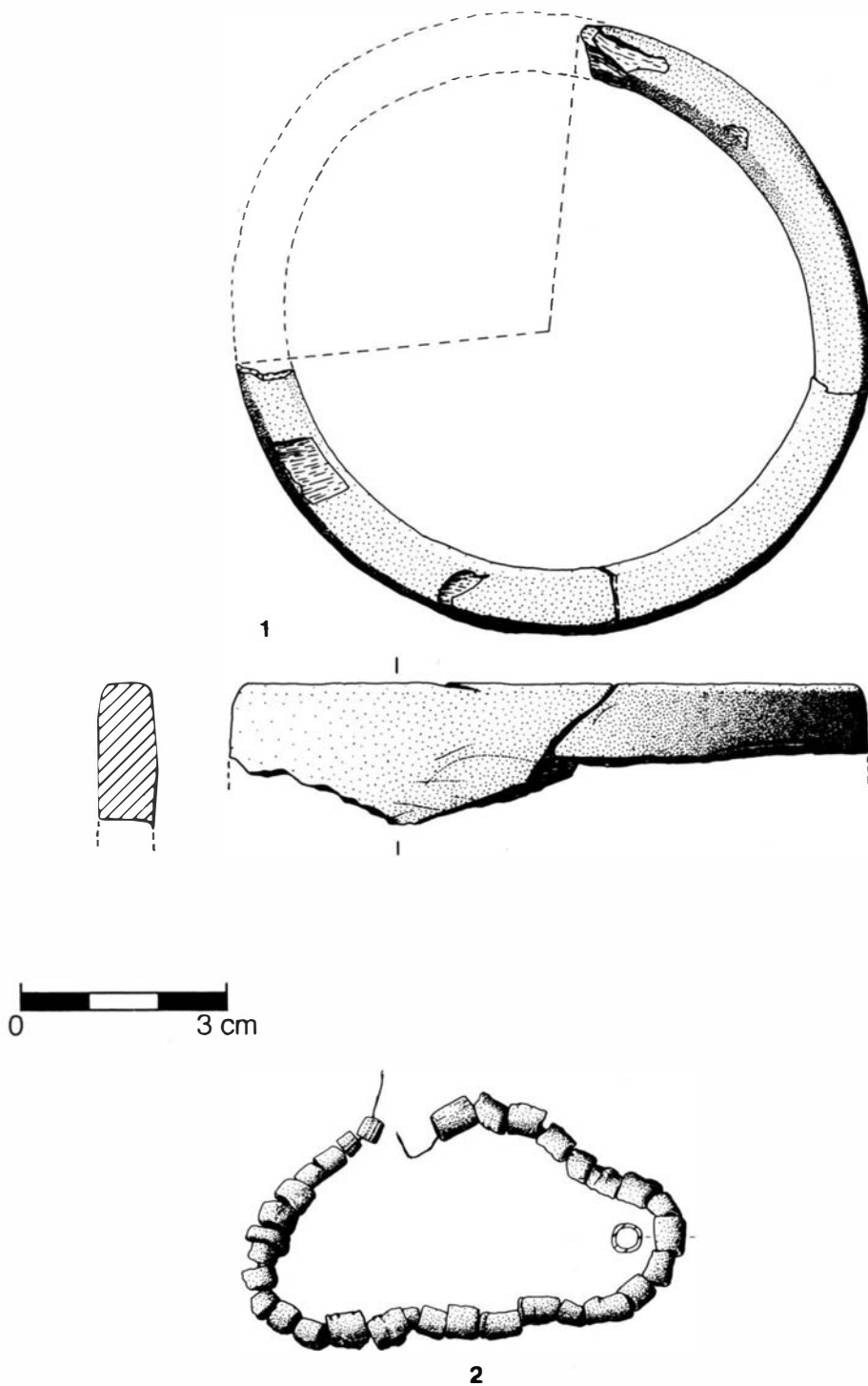


Fig. 33 – Gruta I da Senhora da Luz. Objectos de adorno: bracelete de pedra e contas de *Dentalium* sp.

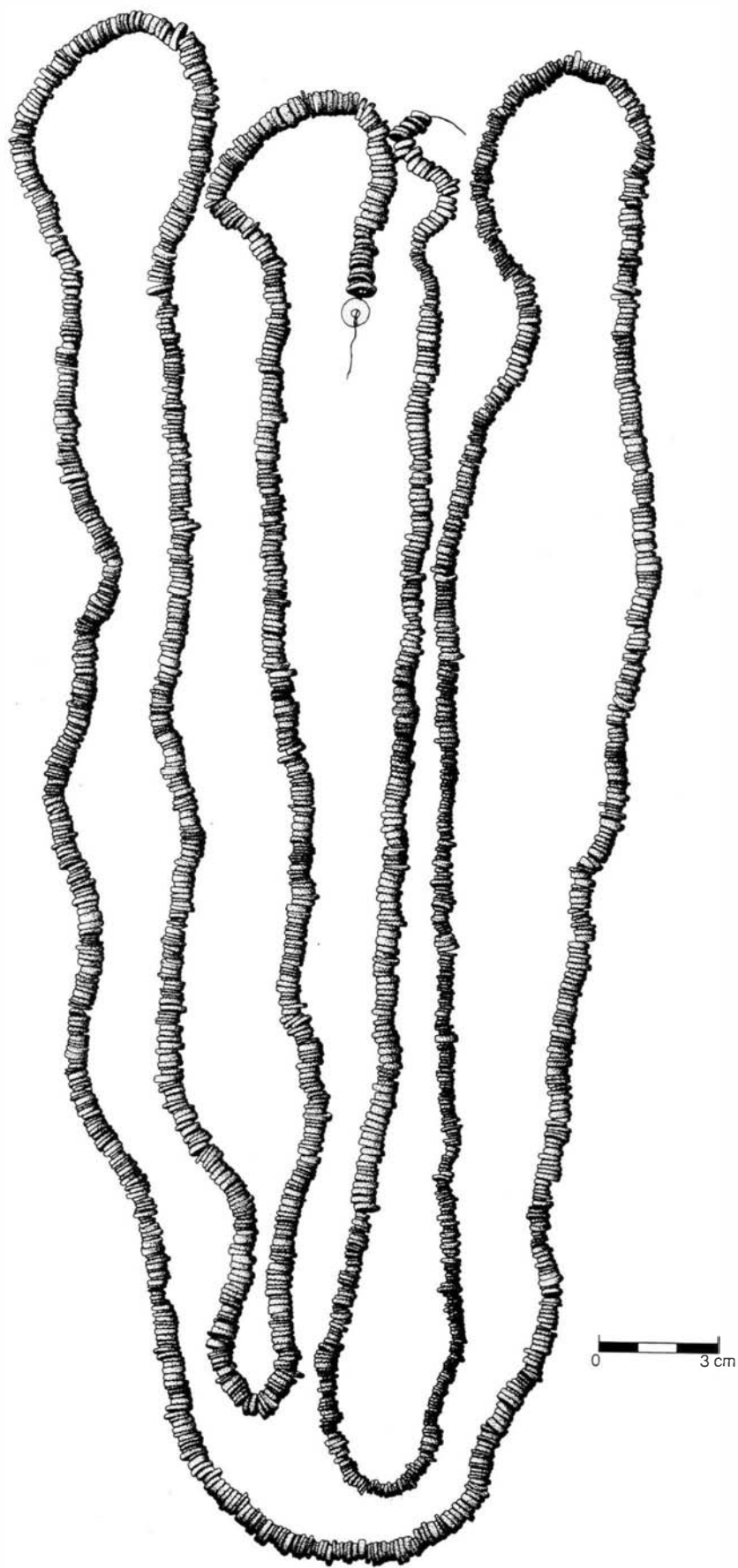


Fig. 34 – Gruta I da Senhora da Luz. Contas discóides de xisto, organizadas em colar.

Outro pingente, em seixo rolado, de mineral verde, com inclusões de quartzo, apresenta-se sumariamente afeiçãoado na extremidade mais aplanada, na qual se executaram duas perfurações contíguas, sendo uma bicónica. Ambas se apresentam muito desgastadas, pelo uso (Fig. 31, nº. 2). Trata-se, igualmente, de peça rara em contextos pré-históricos peninsulares.

5.3.2 - *Braceletes*

Um fragmento de bracelete de xisto negro-esverdeado, do qual se conserva boa parte do perímetro de um dos bordos, faltando-lhe totalmente o bordo oposto, situação que impede a determinação da respectiva largura (Fig. 33, nº. 1).

5.3.3 - *Contas*

São variadas em morfologia e matérias-primas as contas das grutas da Senhora da Luz. Reconheceu-se:

- uma conta cilíndrica de calcite, com perfuração longitudinal bicónica (Fig. 35, nº. 6);
- um conjunto muito numeroso de contas discóides de xisto, montadas em colar (Fig. 34). Algumas das contas de xisto encontram-se encastoadas com contas de *Dentalium* sp., anteriormente referidas. Deste modo, é lícito supor que as contas de xisto se apresentavam, nos colares originais, em alternância com as de *Dentalium* sp., valorizando-se deste modo os contrastes cromáticos que caracterizam (branco/preto).

Por último, uma peça de calcário, muito irregular, poderá dever-se mais a fenómenos de dissolução química que a afeiçãoamento, o mesmo se verificando quanto à perfuração cilíndrica que ostenta (Fig. 31, nº. 3).

6 - OBJECTOS DE CARÁCTER MÁGICO-SIMBÓLICO

6.1 - Cilindros de calcário

Um exemplar liso de calcário sub-cristalino branco, de tamanho médio, finamente picotado, e ligeiramente afuselado para uma das extremidades (Fig. 36, nº. 1), é idêntico aos numerosos cilindros exumados em povoados e necrópoles da Estremadura e do Sul de Portugal.

6.2 - Machado votivo

Trata-se de uma peça recortada em xisto clorítico esverdeado, aplanada, de lados ligeiramente bombeados e contorno marcadamente dissimétrico (Fig. 36, nº. 2). Uma das metades corresponde à silhueta de um machado, de gume fortemente oblíquo, enquanto a extremidade oposta se diferencia daquela pela presença de um apêndice provido de barbeta que poderia facilitar o uso da peça como pendente. Nestas circunstâncias, tratar-se-ia de um machado votivo de características únicas nos contextos pré-históricos peninsulares; lembra, singularmente, alguns machados calcolíticos da Europa Central e Oriental e, sobretudo, de estações coevas do Mediterrâneo Oriental, entre as quais Tróia II (MÜLLER-KARPE, 1974, Tf. 335, 13 a 16; BUCHOLZ & KARAGEORGHIS, 1973). A ser assim, tratar-se-ia de testemunho único, corporizando as já tradicionais referências às influências orientais e mediterrânicas no Calcolítico do sul peninsular.

6.3 - Vasos de calcário

Dois vasos de calcário, um esférico, completo (Fig. 37, nº. 5), outro do que resta a porção basal (Fig. 37, nº. 8), correspondem a exemplares de tipologia muito rara, no conjunto dos congêneres de calcário; pelo contrário, são formas usuais nas cerâmicas do Neolítico final e do Calcolítico estremenhos. Tais peças corporizam a adaptação ao calcário - matéria-prima usualmente conotada com o fabrico de artefactos mágico-simbólicos no Calcolítico - de formas

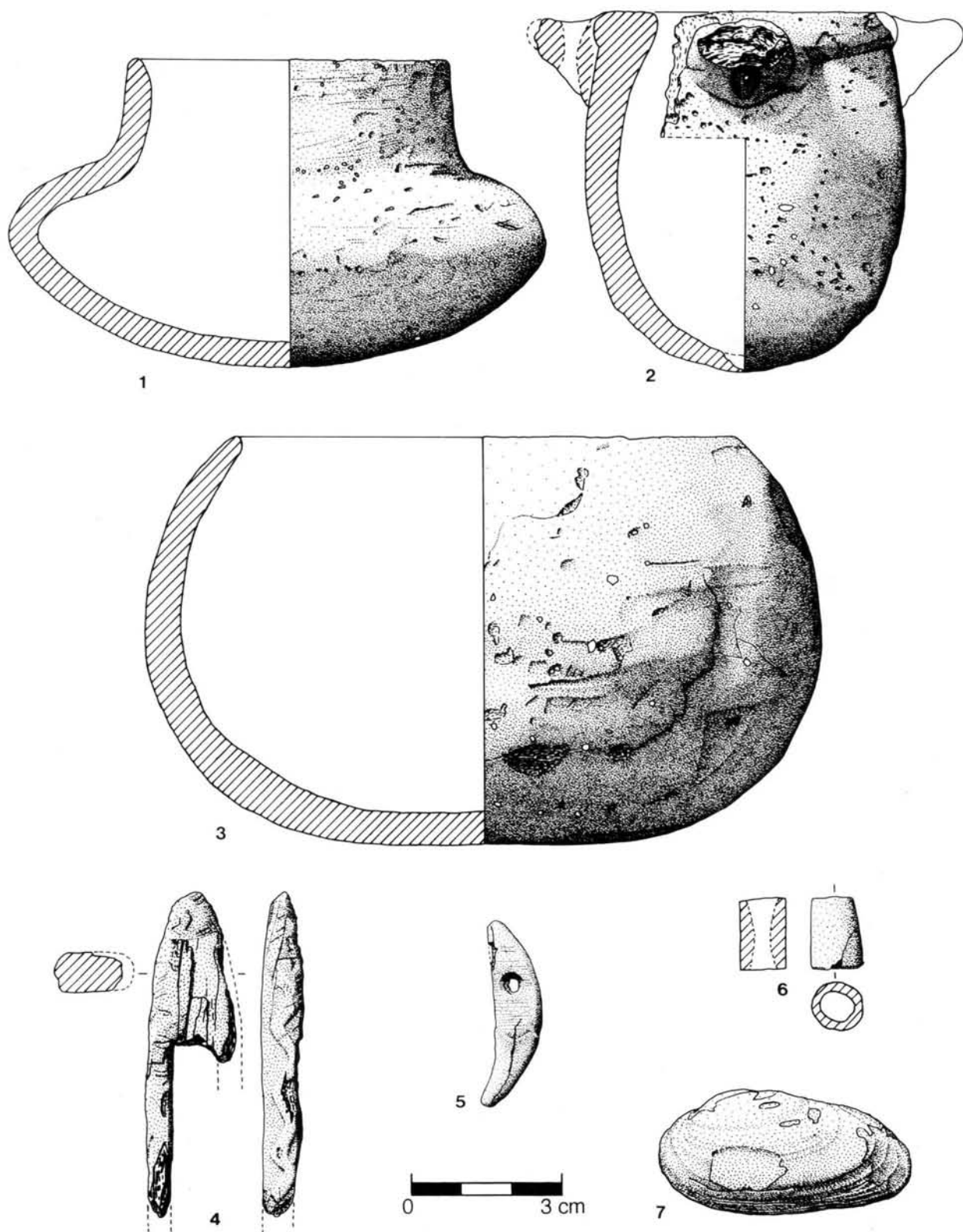


Fig. 35 – Gruta II da Senhora da Luz. Espólio cerâmico, objectos de adorno e indeterminados (n.º 4) de osso e restos faunísticos.

pré-existentes, constituindo assim um exemplo da continuidade que se terá verificado na passagem, por certo gradual, ao nível da cultura material, entre aquelas duas épocas. Menciona-se, a título comparativo, exemplar semelhante proveniente das grutas do Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941, Est. XIX, b)

7 - DIVERSOS

Nesta categoria incluem-se elementos faunísticos sem quaisquer traços de afeiçoamento, cuja ocorrência nas grutas da Senhora da Luz sugerem ofertas de carácter ritual, acompanhando o restante espólio funerário. Nalguns casos não se afasta a hipótese de constituírem elementos de adornos mais complexos, feitos de materiais percíveis, entretanto desaparecidos.

7.1 - Conchas

- Uma valva de *Pecten maximus*, (Fig. 32, nº. 11); é evidente simbologia mágico-religiosa desta espécie, mesmo em tempos históricos;
- Uma valva de *Unio pictorum* (Fig. 35, nº. 7), molusco frequente nas águas interiores portuguesas;
- Um fragmento de grande valva de *Mytilus galloprovincialis*, correspondendo à porção da charneira.

7.2 - Restos mamalógicos

- Uma grande defesa inferior de *Sus scrofa* (Fig. 32, nº. 10) e fragmentos de três outras (Fig. 32, nº. 7 a 9);
- Um incisivo inferior (Fig. 32, nº. 3) de *Sus scrofa*;
- Um incisivo inferior (Fig. 32, nº. 2) de *Sus scrofa*;
- Um canino superior de *Canis familiaris*, (Fig. 32, nº. 4);
- Dois caninos, um superior outro inferior de *Lynx pardina* (Fig. 32, nº. 1 e 5).

8 - CERÂMICAS

8.1 - Cerâmicas lisas

Foram identificadas as seguintes formas:

8.1.1 - Esféricos

Além do já referido exemplar de calcário, outros, de dimensões muito diversas, pertencem a esta categoria (Fig. 35, nº. 3 e Fig. 37, nº. 4; Fig. 42, nº. 5). Este último é munido de uma pega horizontal com duas perfurações verticais cilíndricas.

De referir ainda fragmento de grande recipiente esférico, com pega vertical, logo abaixo do bordo, com lábio aplanado introvertido (Fig. 41, nº. 1).

8.1.2 - Taças em calote

Trata-se de categoria representada por numerosos exemplares completos. A maioria possui bordo simples e lábio fino (Fig. 37, nº. 2, 3, 9; Fig. 38, nº. 3 a 7 e 9); outros, possuem-no aplanado (Fig. 38, nº. 2) ou extrovertido e espessado (Fig. 38, nº. 1).

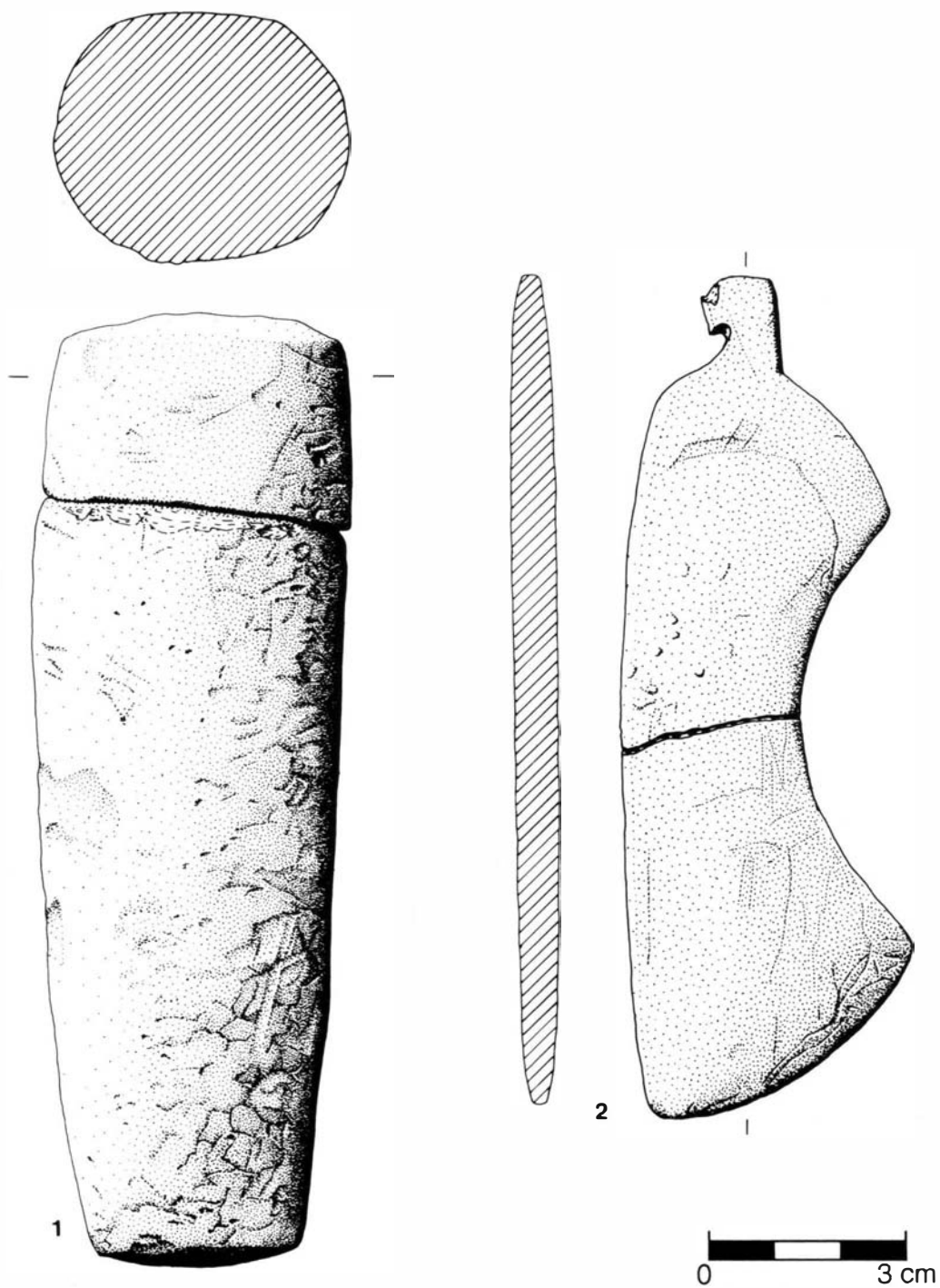


Fig. 36 – Gruta II da Senhora da Luz. Objectos de carácter mágico-simbólico.

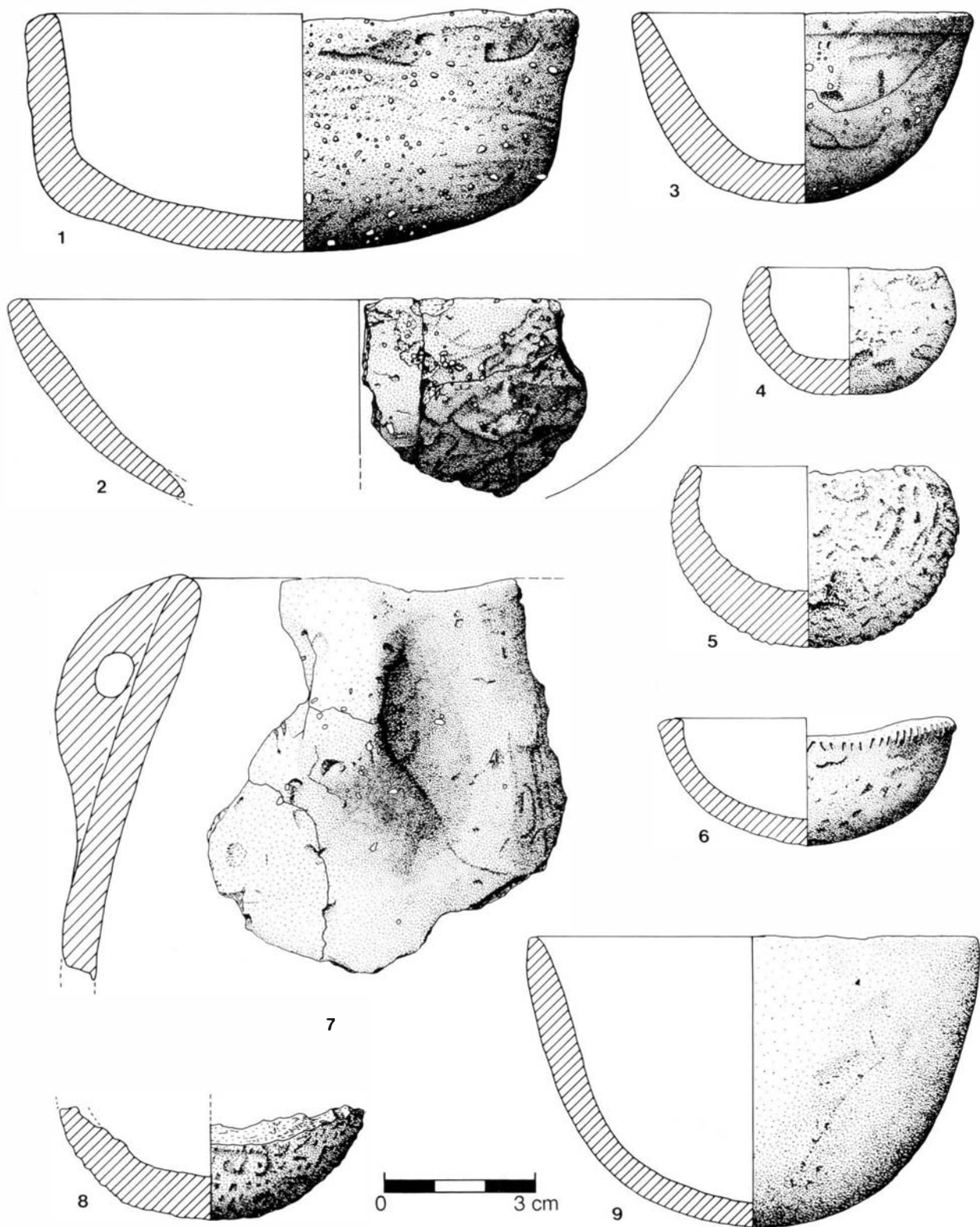


Fig. 37 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos e de calcário (n.ºs 5 e 8).

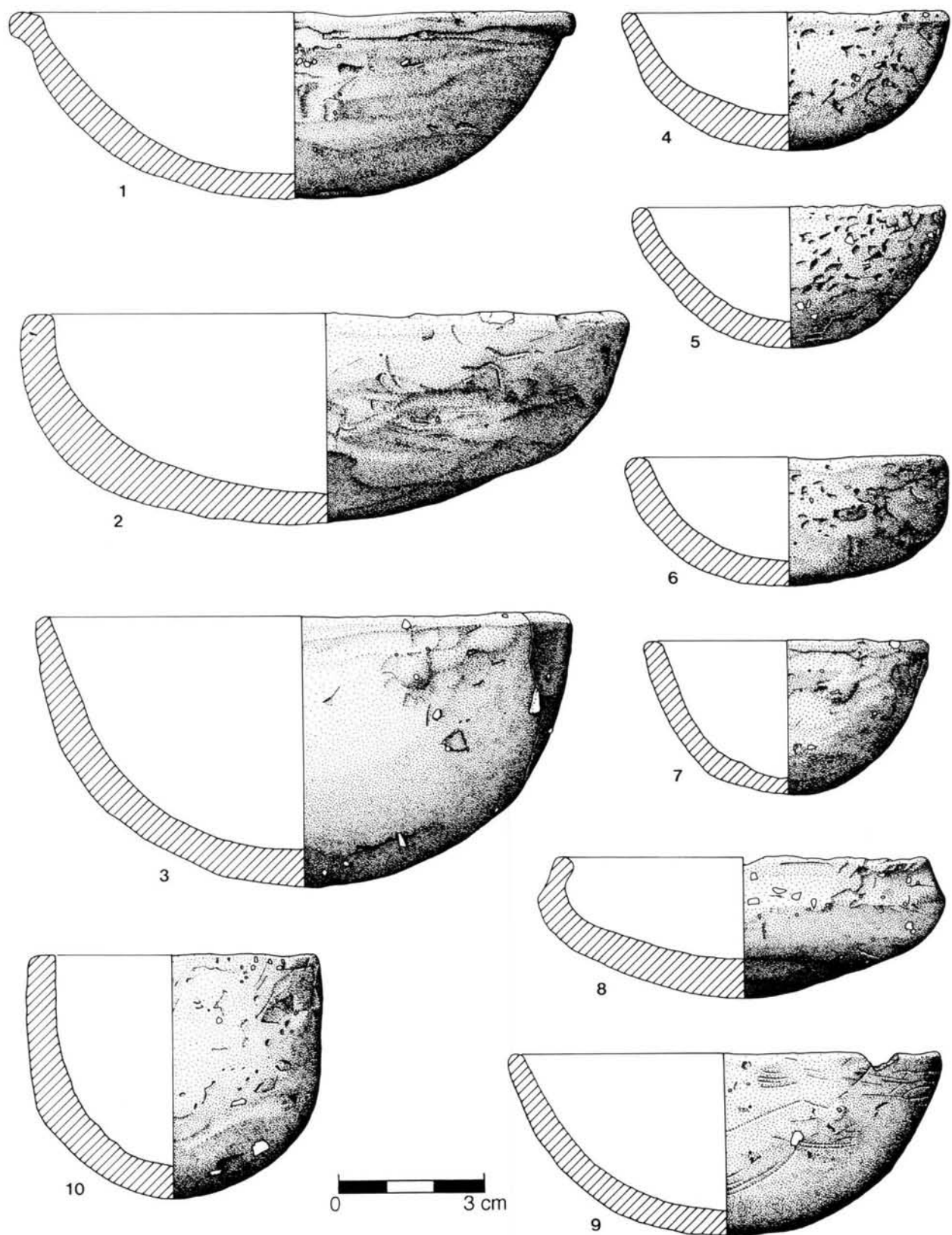


Fig. 38 – Gruta II b da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

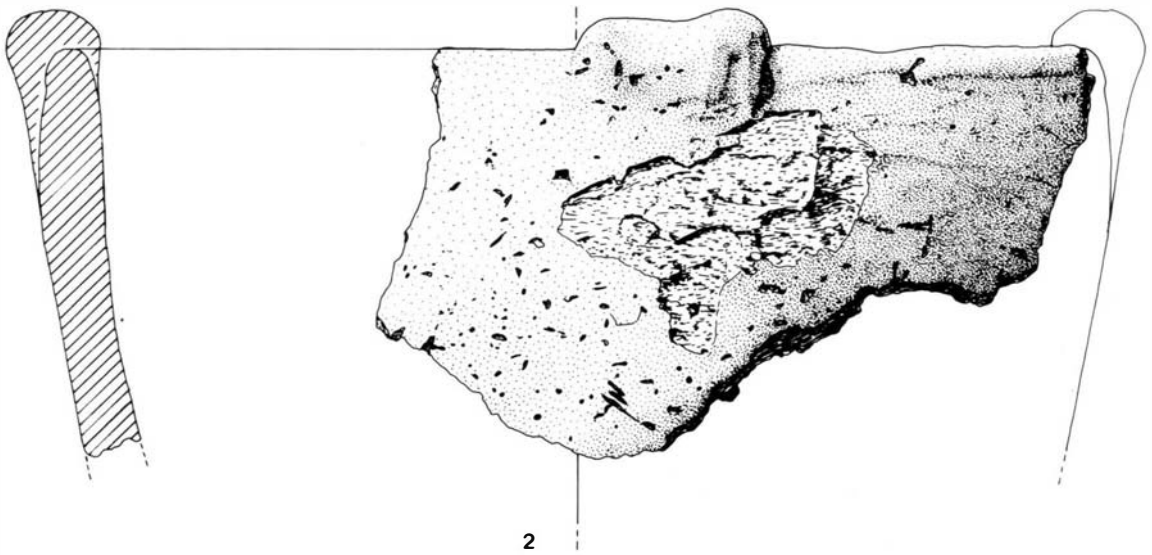
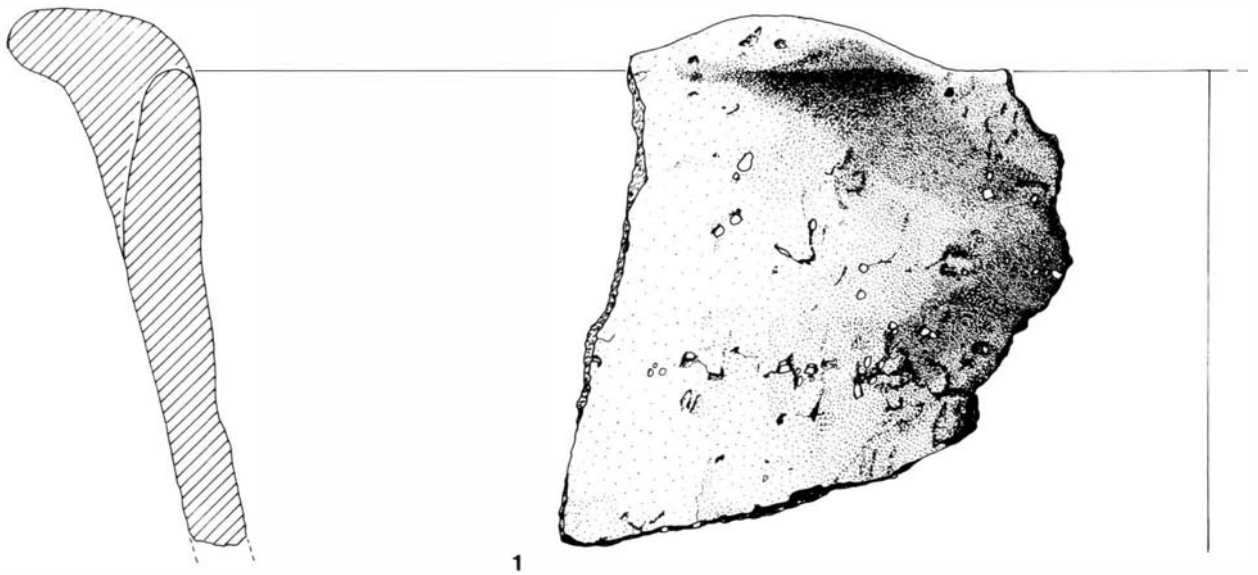
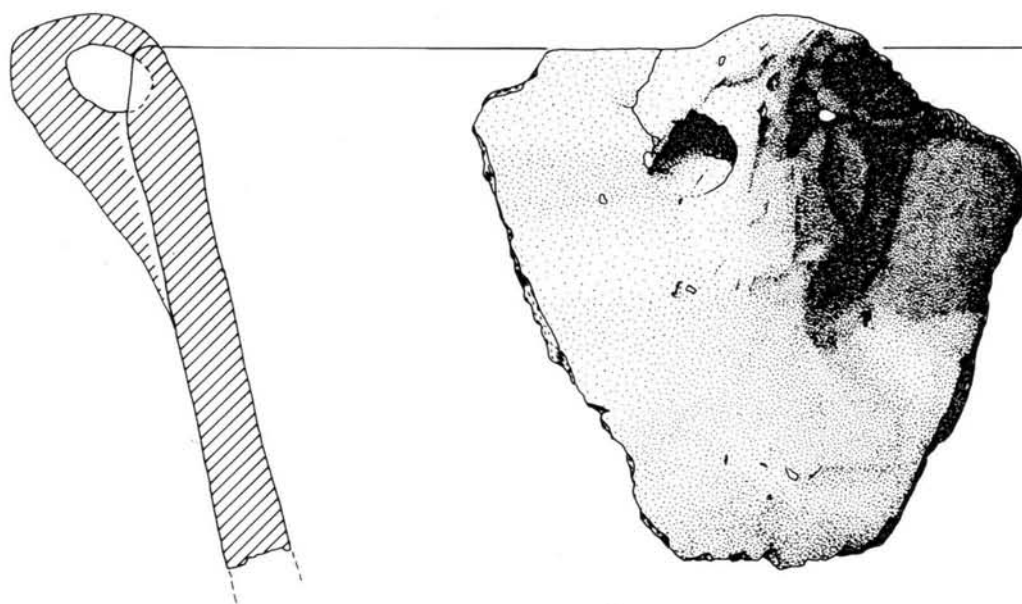
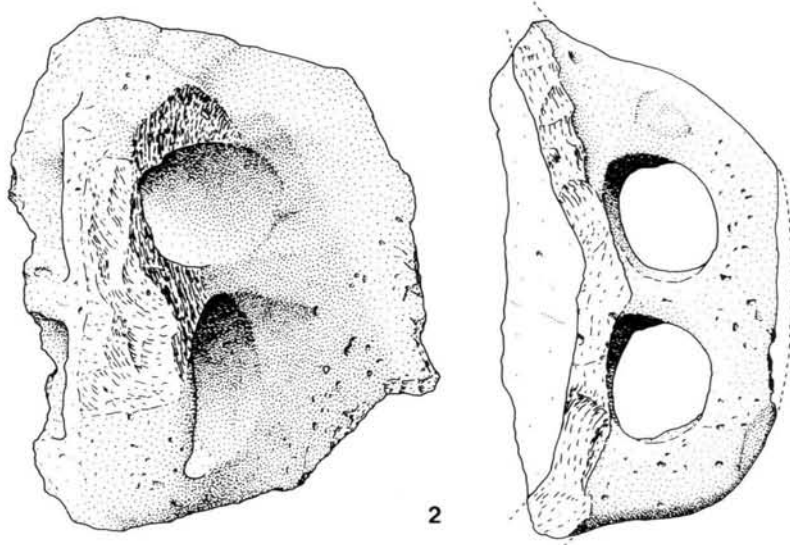


Fig. 39 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.



1



2

Fig. 40 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

8.1.3 - Vasos de corpo cilindróide

Um exemplar caracteriza-se por possuir as paredes verticais – pelo que se aproxima dos “copos” calcolíticos – afastando-se porém deste tipo de recipientes pelo facto de exhibir fundo marcadamente mais convexo (Fig. 38, nº. 10).

8.1.4 - Vasos em forma de saco

Um pequeno recipiente integra-se nesta categoria; caracteriza-se por possuir bordo espessado interna e externamente, lábio marcadamente aplanado e uma pega, perfurada a partir de ambos os lados (Fig. 35, nº. 2).

Um outro exemplar exhibe pega com desenvolvimento vertical, perfurada (Fig. 37, nº. 7). O último exemplar integrável nesta categoria, de grandes dimensões, ostenta bordo espessado e extrovertido, e lábio convexo (Fig. 46, nº. 2). É munido de duas perfurações cónicas, pós-cozedura, talvez destinadas a restauro de fractura.

8.1.5 - Vasos de colo baixo e cilíndrico

Trata-se de exemplar completo, idêntico a outros, exumados em necrópoles de época neolítica da Cultura de Almería (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 3), por vezes pintados (Tf. 158, nº. 3), podendo, porém, confundir-se com formas do Bronze do Sudoeste (Fig. 35, nº. 1).

8.1.6 - Taças carenadas

Representadas por dois exemplares, um de carena baixa e de paredes ligeiramente extrovertidas (Fig. 37, nº. 1) e outro de carena média/alta mais acentuada (Fig. 38, nº. 8). Trata-se de dois exemplares integráveis no Neolítico final.

Um terceiro exemplar (Fig. 42, nº. 1) distingue-se dos anteriores pela pasta, que é muito mais compacta, e pelo acabamento das superfícies, engobadas e polidas, conferindo-lhes brilho acetinado. Trata-se, inquestionavelmente, de exemplar da Idade do Bronze.

8.1.7 - Vasos de corpo alto, de perfil parabolóide

Três exemplares integram-se nesta categoria morfológica (Fig. 39, nº. 1 e 2; Fig. 40, nº. 1). Em todos eles se observam apêndices plásticos sobre o bordo; dois correspondem a pegas, sobreelevando localmente o nível do plano do bordo, uma das quais perfurada obliquamente, na pasta fresca (Fig. 39, nº. 1; Fig. 40, nº. 1). O apêndice do terceiro exemplar dificilmente teria aproveitamento funcional (Fig. 39, nº. 2).

8.1.8 - Vasos de fundo plano

Apenas um fragmento possui fundo plano (Fig. 42, nº. 2), pertencente provavelmente à Idade do Bronze.

8.1.9 - Vasos lisos de pegas com dupla perfuração horizontal

Um exemplar (Fig. 40, nº. 2) aproxima-se de outro, recolhido no Algar de João Ramos, Alcobça (CARDOSO & CARREIRA, 1991, Fig. 2, nº. 1). Existem numerosos paralelos espanhóis, todos eles reportáveis ao Neolítico, como o único exemplar português até ao presente publicado.

8.2 - Cerâmicas decoradas

Este grupo integra cerâmicas de épocas muito diversas; isolaram-se os seguintes conjuntos, com base nas pastas e acabamentos, tipologia, técnica e temática decorativas.

8.2.1 - *Cerâmicas neolíticas*

O único recipiente neolítico até ao presente publicado destas grutas é o bem conhecido vaso em forma de saco, cujo esboço (embora impreciso) foi apresentado por FERREIRA (1970a, Est. III) e reproduzido ulteriormente por FERREIRA & LEITÃO (s/d, p. 152). Conserva-se no Museu Nacional de Arqueologia, tendo figurado na Exposição “Lisboa Subterrânea” (1994), ali realizada. O desenho agora apresentado (Fig. 41, nº. 2) foi executado com base na fotografia reproduzida no respectivo catálogo (ARRUDA, 1994). A decoração, incisa, em “falsa folha de acácia” ou “espiga”, organiza-se em padrões ocupando uma banda contínua abaixo do bordo, apenas interrompida pelos elementos de prensão, correspondentes a asas com furação horizontal e perfil “em cabeça de suídeo”, comparáveis a exemplares da Lapa do Fumo (SERRÃO, 1959, p. 201), aplicadas a recipientes de formas e decorações idênticas ao agora estudado.

Nesta categoria inscreve-se o recipiente da Fig. 45, nº. 1 e 2. Trata-se de exemplar de pasta castanho anegrada, friável e grosseira, com decoração plástica constituída por cordão em relevo, a partir da pega situada sobre o bordo, por sua vez decorado por impressões de contorno sub-triangular, as quais se desenvolveram, igualmente, em linha horizontal. A associação de motivos decorativos plásticos e impressos, como a patenteada no presente exemplar, é frequente no Neolítico antigo evolucionando do centro e sul de Portugal.

Outro recipiente característico da referida face cultural é o da Fig. 43, nº. 2 e 3. Trata-se de esférico de bordo simples, serrilhado por incisões transversais, as quais estão também presentes logo abaixo do bordo, através de faixas preenchidas interiormente, entre elementos de prensão.

Dois outros fragmentos pertencem, também a recipiente integrável no Neolítico antigo evolucionado (Fig. 44, nº. 1 e 2). Ao contrário do anterior, os motivos decorativos entre os elementos de prensão, que se apresentam perfurados verticalmente, organizam-se verticalmente em faixas preenchidas com motivos em espinha.

Ao Neolítico antigo evolucionado reporta-se também esférico alto com bordo serrilhado por incisões transversais e decoração abaixo do bordo, divergentes a partir da pega situada sobre aquela (Fig. 45, nº. 3). O referido elemento de prensão exhibe a particularidade de possuir um botão cónico proeminente sobre o plano superior da pega. Os paralelos mais evidentes provêm do vizinho Abrigo Grande das Bocas (CARREIRA, 1994, Est. 16, nº. 6).

De referir ainda diversos fragmentos de um mesmo vaso, munido de uma pega perfurada verticalmente (Fig. 43, nº. 1), ao nível da qual se desenvolve, na horizontal, uma faixa de linhas espinhadas, enquadradas superiormente por estreita banda preenchida interiormente.

Enfim, ao Neolítico antigo evolucionado pertencerá igualmente pequena taça em calote com bordo ligeiramente espessado exteriormente, encontrando-se decorado, desse lado, por uma série de pequenas incisões verticais (Fig. 37, nº. 6).

8.2.2 - *Cerâmicas calcolíticas e da Idade do Bronze*

Nesta rubrica integram-se os recipientes que, pela forma e motivos decorativos, constituem grupo homogéneo, situável geograficamente na região da média Estremadura, susceptível de ser designado como “cerâmicas incisas tipo Carvalho” (ALMAGRO-GORBEA, 1977, p. 119), da gruta epónima, do concelho de Alcobaça, onde foram pela primeira vez identificadas (SPINDLER & FERREIRA, 1974, Tf. 16). Tal designação não esclarece, todavia, a cronologia que deve ser atribuída a tais cerâmicas; aquele autor foi levado a incluí-las no Bronze Final tendo em consideração as formas e temáticas decorativas, que nalguns casos se aproximam das encontradas em Cueva de Boquique. Porém, faltam, até ao presente, estratigrafias que permitam situar seguramente tais cerâmicas em determinada época. É por isso que se julga mais adequado, no estado actual dos conhecimentos, manter a designação supracitada – “cerâmicas incisas tipo Carvalho” – admitindo-se a integração dos fragmentos que, nas grutas da Senhora da Luz apresentam tal tipo de pastas e de acabamentos, globalmente, na Idade do Bronze. Tal atribuição é sugerida não só pela boa qualidade das pastas, mas sobretudo pelas formas – vasos de carena alta e grandes esféricos – desconhecidos no Calcolítico da Baixa Estremadura. Conjuntos idênticos têm sido exumados nas Beiras em contextos cronologicamente diversos, cobrindo largo intervalo de tempo, do Neolítico à Idade do Bronze (escavações de A. Valera e de J. C. Senna-Martinez).

As temáticas e técnicas decorativas integram quatro grupos principais: os triângulos incisos preenchidos (Fig. 46, nº. 4); as linhas quebradas em espinha (Fig. 44, nº. 3); os penteados ondulados (Fig. 46, nº. 1); e os semi-círculos concêntricos (Fig. 46, nº. 3); de referir, ainda, as linhas de triângulos impressos sobre as carenas de alguns exemplares (Fig. 46, nº. 4; Fig. 44, nº. 3). Como elementos de carácter mais singular, salientam-se os dois botões contíguos aplicados sobre o lábio do exemplar da Fig. 46, nº. 1 (de carácter decorativo e/ou simbólico) e uma asa com furo horizontal, implantada logo abaixo da carena de grande vaso, com restos de decoração penteada e linhas pontilhadas organizadas em grinaldas (Fig. 42, nº. 4).

O único exemplar cerâmico decorado de cronologia indiscutivelmente calcolítica corresponde a garrafa ou vaso bojudo de colo alto campaniforme (LEITÃO *et al.*, 1978, p. 469 e p. 515, nº. 63; FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 205), também reproduzido por SPINDLER (1975, Abb. 2), de cujo trabalho se extraiu o desenho da Fig. 47, nº. 2. Este exemplar não foi observado pelos autores.

9 - ESPÓLIO METÁLICO

O único objecto metálico das grutas da Senhora da Luz é uma “espiral” de ouro cilíndrica, de cinco “espiras”, e secção rectangular, com as extremidades afiladas. Provém da Gruta II e já foi publicada (HELENO, 1935, Fig. 1; FERNANDES, 1993, p. 182); sobre esta última reprodução se executou o desenho da Fig. 47, nº. 1, já que a peça não foi directamente observada (coleções do Museu Nacional de Arqueologia).

10 - CONCLUSÕES

Neste trabalho publica-se o espólio exumado em 1935 e 1936, sobre orientação de M. Heleno, em três grutas naturais adjacentes, da região de Rio Maior, abertas em calcários do Kimmeridgiano, conhecidas localmente por “grutas da Senhora da Luz”. Apesar da evidente importância dos materiais, o conjunto manteve-se inédito até à actualidade, com excepção de apenas seis peças que foram reproduzidas ou mencionadas por diversos autores.

Desconhecem-se informações concludentes sobre as condições da recolha dos materiais; M. Heleno menciona a existência de estratigrafia, embora não a descreva em pormenor. O mesmo autor estabelece diferenciação entre a cronologia das diversas cavidades que constituem a necrópole, o que não parece basear-se em evidências suficientes, que o autor jamais explicita ou pormenoriza. Desta forma, recorreu-se à análise tipológica e comparativa dos materiais – tratados em conjunto – para se identificarem os diferentes momentos de utilização das três cavidades como necrópole pré-histórica. De tais estudos, resultaram as seguintes conclusões gerais:

1 – A primeira ocupação das grutas arqueologicamente documentada, remonta ao chamado Neolítico antigo evolucionado. Encontra-se representada por materiais cerâmicos, avultando vasos de formas fechadas e abertas, com elementos de prensão morfologicamente diversificados (“botões”, pegas com perfil em “cabeça de suídeo”, pegas perfuradas horizontal ou verticalmente, por vezes constituindo volumes que ultrapassam o plano da boca dos vasos, e pegas alongadas verticalmente com duas perfurações horizontais).

As decorações desenvolvem-se abaixo do bordo; estão representadas por motivos incisos, constituindo espinhados ou bandas horizontais, preenchidas interiormente por traços oblíquos ou dispostas verticalmente, ocupando o espaço entre elementos de prensão. Reconheceu-se também a bem conhecida decoração “falsa folha de acácia”, ou “em espiga”, um dos mais recorrentes motivos do Neolítico antigo evolucionado do território português, que atingiu o Neolítico final.

Os motivos impressos encontram-se associados às chamadas decorações plásticas, representadas pelos conhecidos cordões em relevo, dispostos logo abaixo do bordo, a partir de elementos de prensão ali existentes, decorados por impressões feitas com matriz sub-triangular. Tais impressões podem, tal como o motivo anterior, atingir, na Estremadura, o Neolítico final.

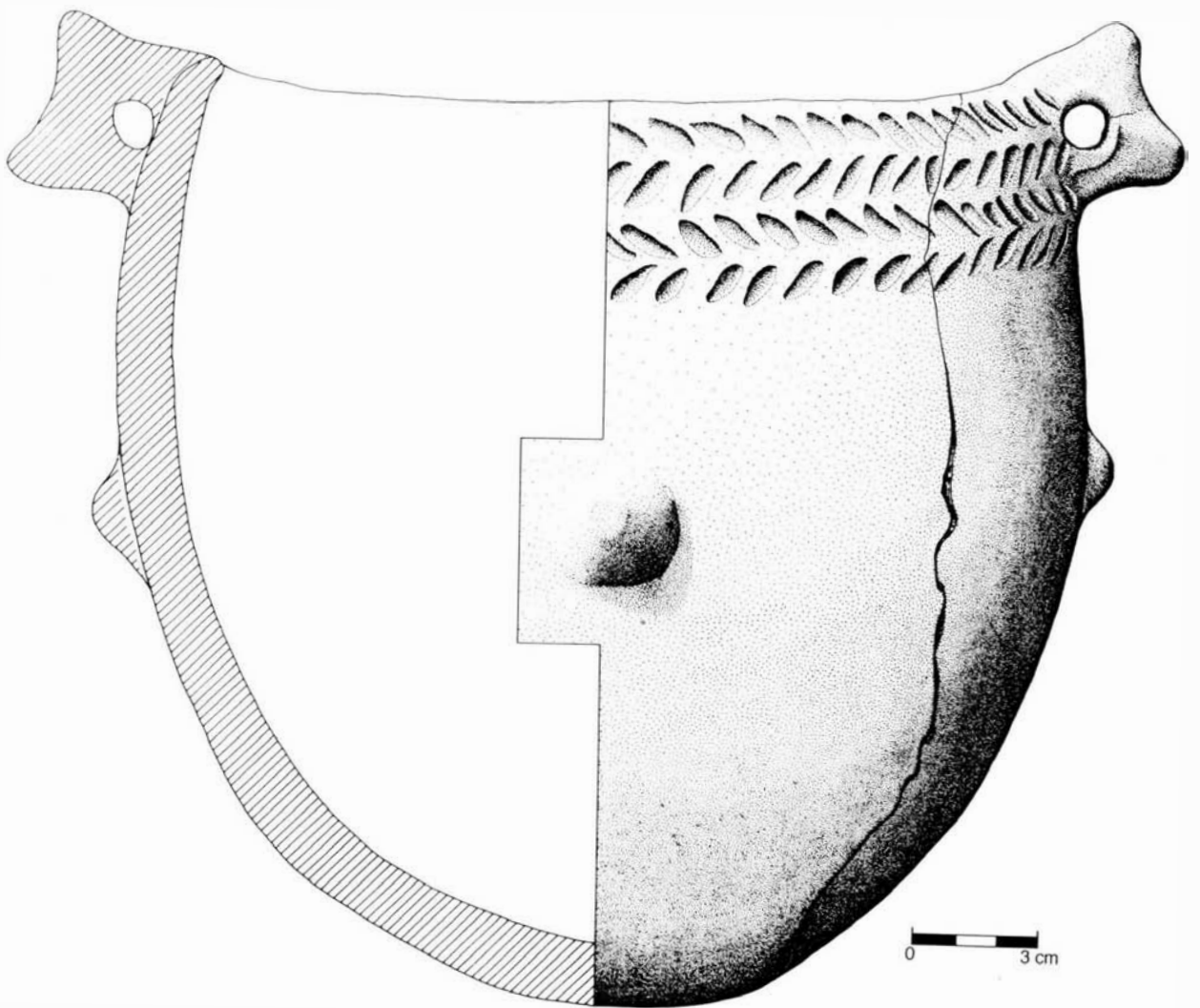
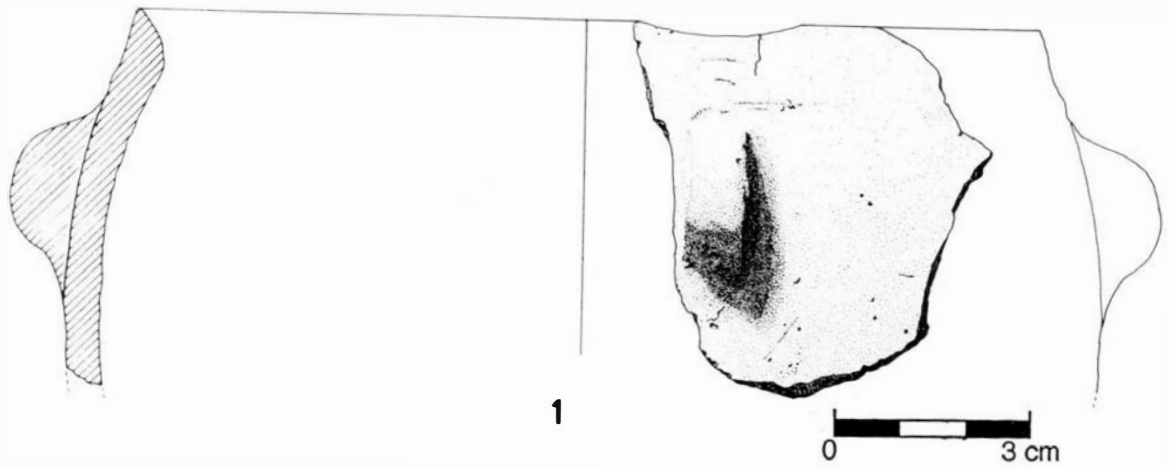


Fig. 41 – Gruta II e I da Senhora da Luz (respectivamente). Recipientes cerâmicos.

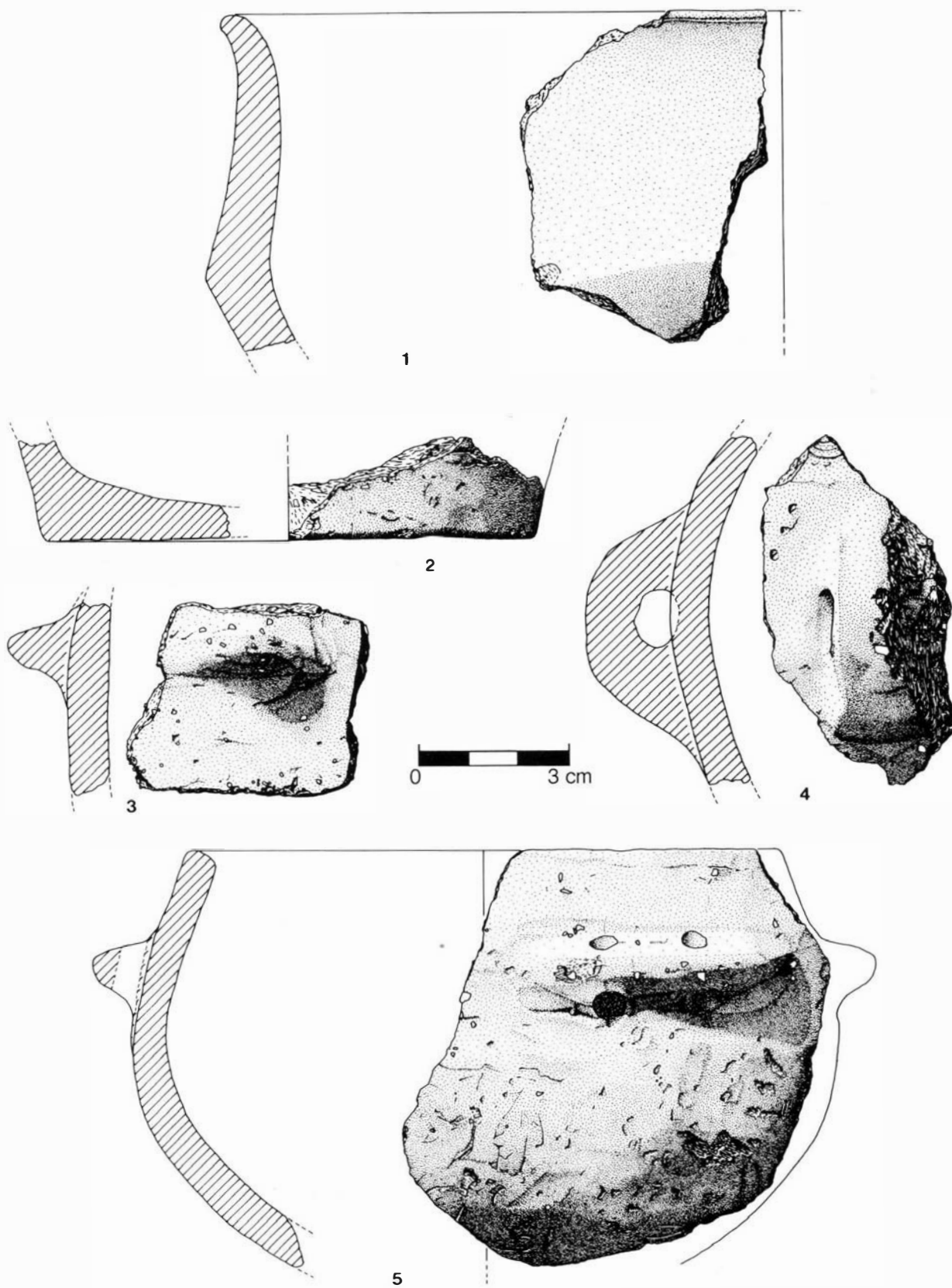


Fig. 42 – Gruta III da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

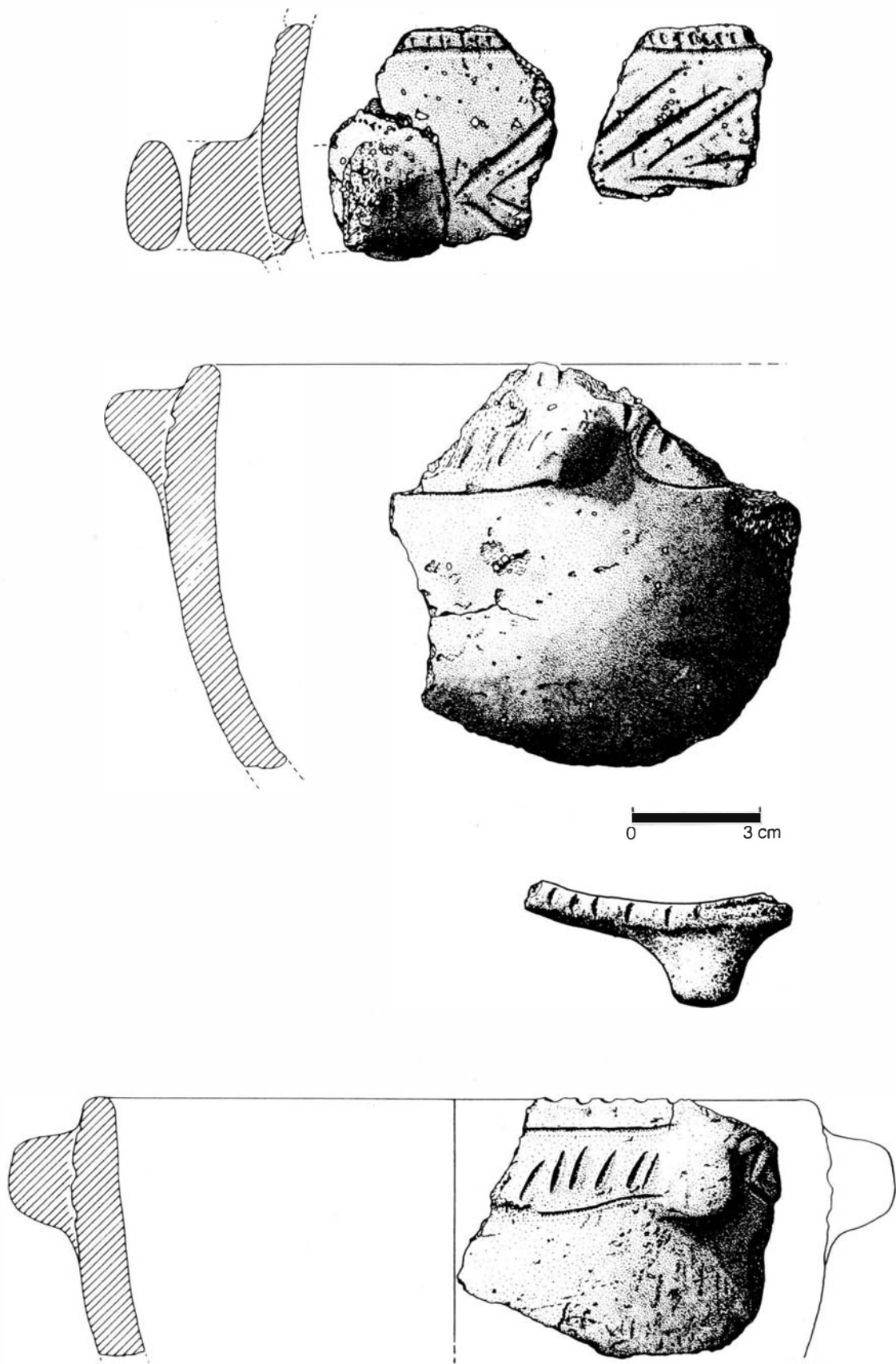


Fig. 43 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

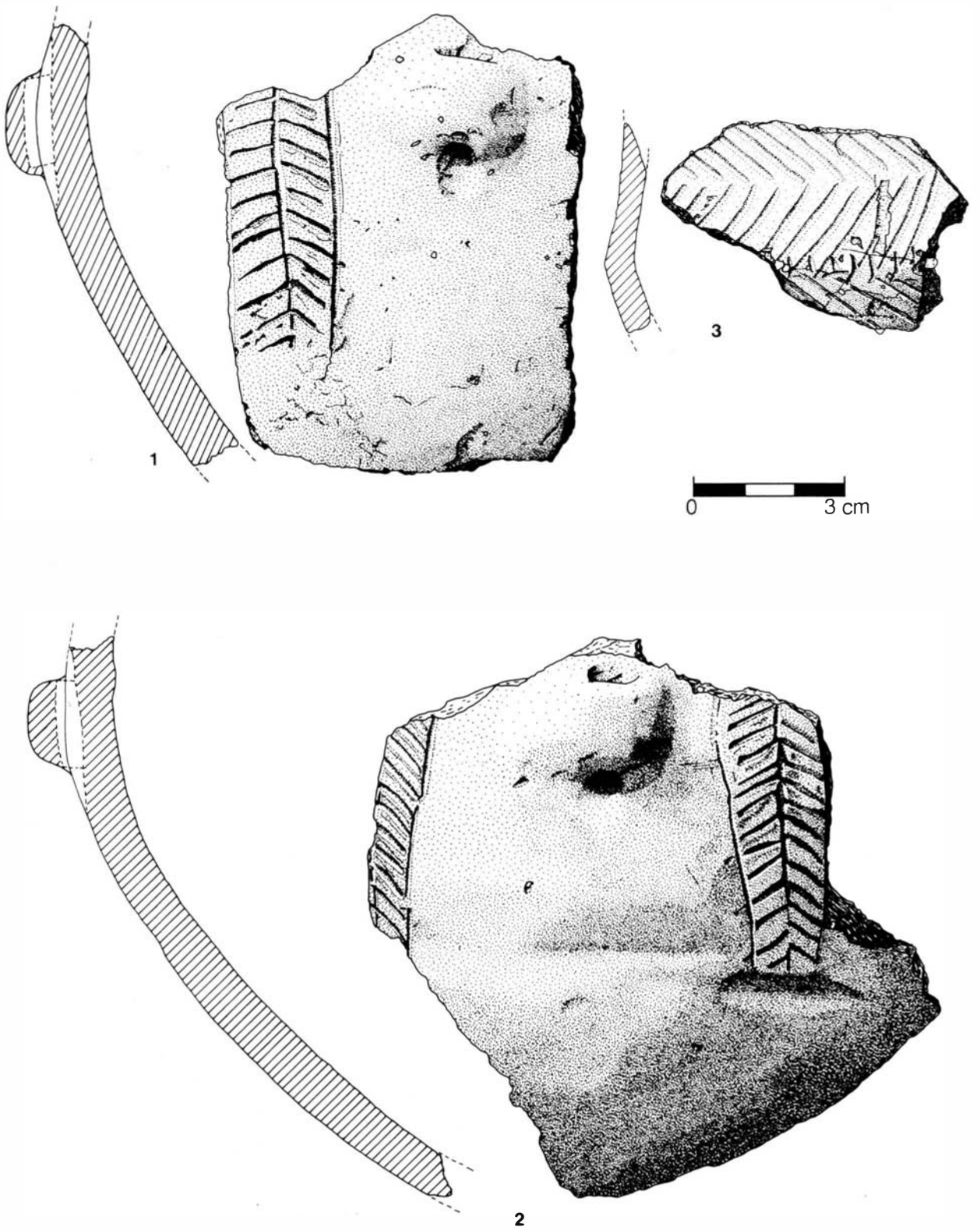


Fig. 44 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

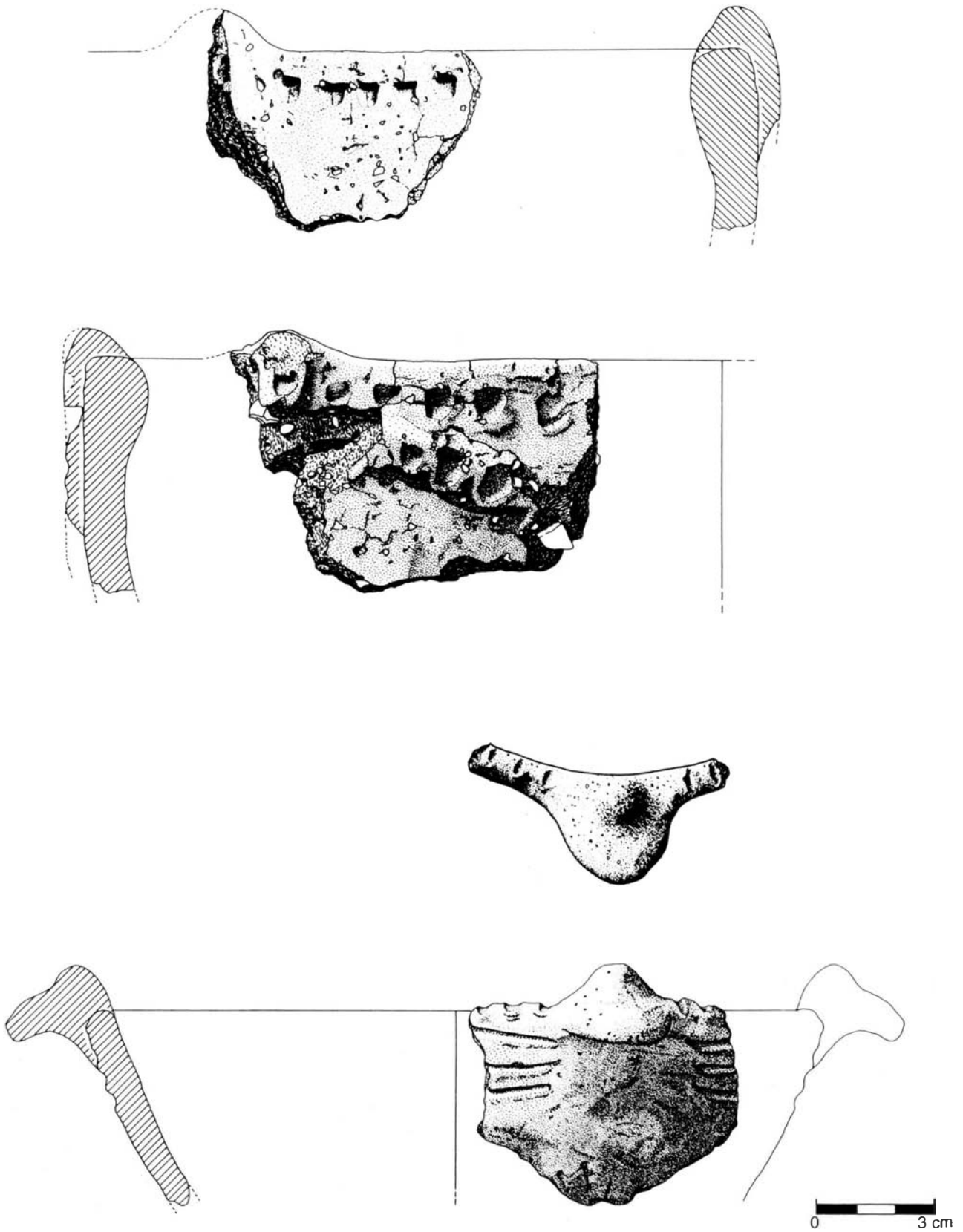


Fig. 45 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

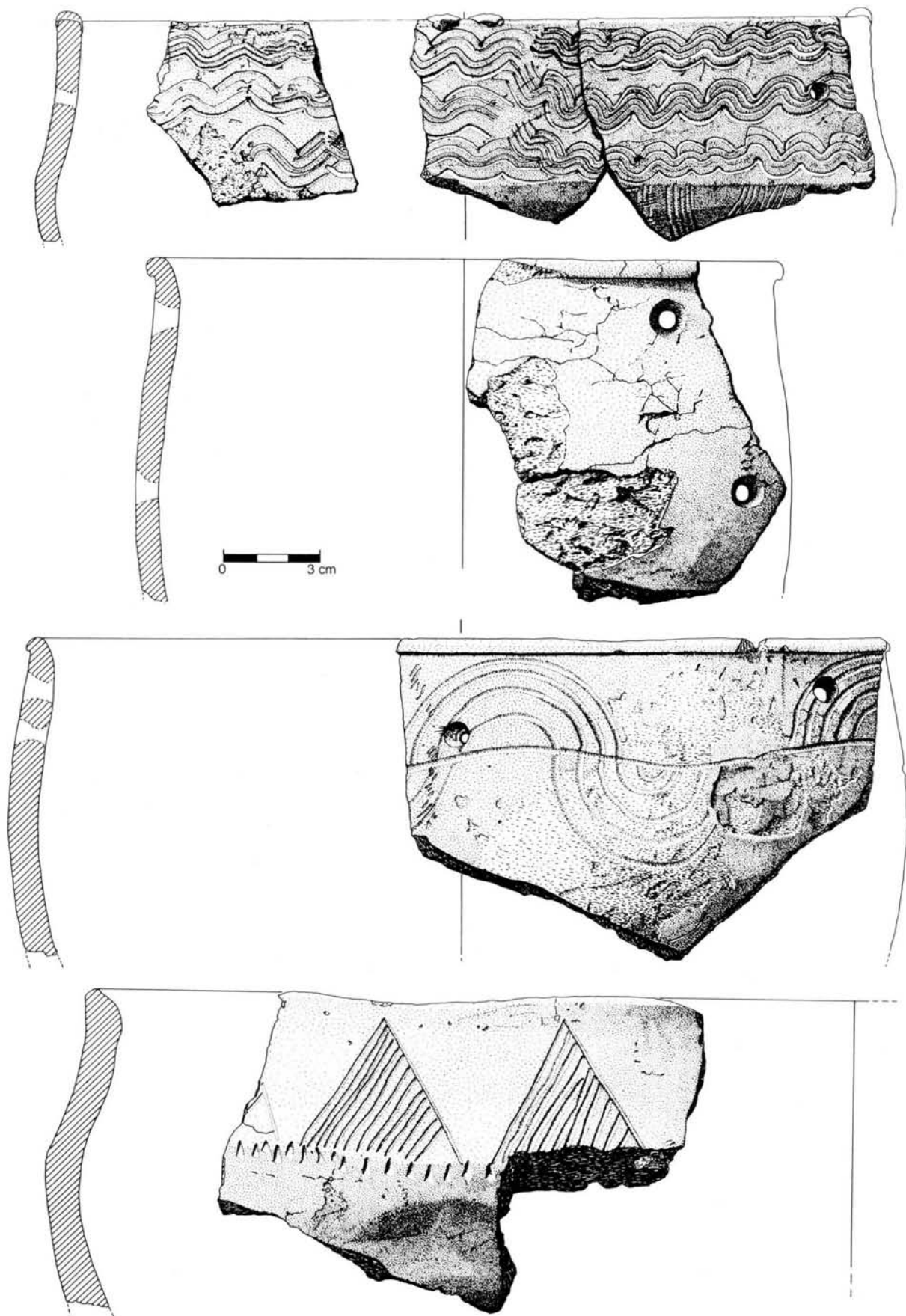


Fig. 46 – Gruta II da Senhora da Luz. Recipientes cerâmicos.

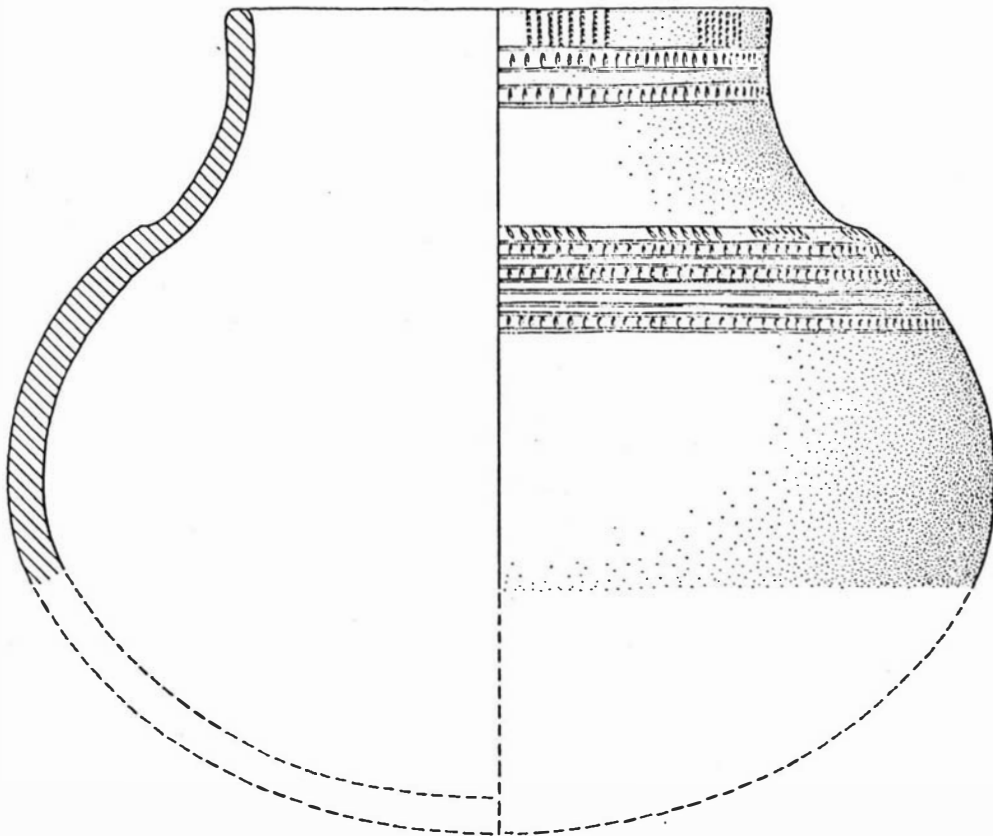


Fig. 47 – Grutas da Senhora da Luz. Materiais campaniformes. 1 - espiral de ouro da Gruta II, sobre arame martelado (desenho sobre fotografia, *in* FERNANDES, 1993, nº. 85); 2 - “garrafa” campaniforme (*in* SPINDLER, 1975, Abb. 2).

2 - A segunda fase de ocupação da necrópole data do Neolítico final. Corresponde, atendendo ao número e importância dos materiais exumados, ao período mais importante da utilização da necrópole. Com efeito, reporta-se ao Neolítico final a quase totalidade da indústria lítica, avultando as pontas de seta de base triangular ou pedunculada, com ou sem aletas laterais; não se excluem deste conjunto as pontas de seta de base convexa, rectilínea ou côncava, tal como não há razões para se considerarem mais modernas as numerosas alabardas e punhais, alguns finamente trabalhados após polimento. Também as lâminas com ou sem retoques, as lamelas, micrólitos, furadores e núcleos devem reportar-se a esta fase de ocupação; alguns destes últimos artefactos, de cristal de rocha, são peças notáveis, de evidente carga estética e simbólica.

A indústria óssea revela singularidades, especialmente evidentes nos furadores obtidos pelo seccionamento longitudinal de metápodos de ovinos ou caprinos, com paralelos em contextos do Neolítico final estremenho.

Quanto aos objectos de adorno, além de algumas peças singulares, como um notável pendente de calcite em forma de lágrima, ou o pequeno seixo rolado de mineral verde, aproveitado tal e qual, é de destacar a presença de conchas *Dentalium*, de braceletes de *Glycymeris* e de um extraordinário conjunto de contas de xisto, igualmente do Neolítico final. A mesma conclusão é aplicável ao bracelete de pedra, o qual poderá remontar eventualmente ao Neolítico antigo, tal como singular anel de osso, de integração cultural problemática. A matriz para cerâmica seria inquestionavelmente neolítica, à semelhança de exemplares homólogos da Estremadura, caso houvesse, ao nível decorativo dos recipientes, evidências que suportassem tal atribuição, o que não sucede.

É interessante salientar a reduzida presença de artefactos de pedra polida; os escassos exemplares exumados ostentam, salvo duas excepções, os gumes intactos, estando representados machados, enxós e escopros. Tal evidência tem, naturalmente, uma razão de ordem mágico-simbólica.

A cerâmica é dominada pelas formas lisas, estando presentes, sobretudo, taças em calote e, subordinadamente, taças carenadas e esféricas, um deles com pegas horizontais, munidas de duas perfurações verticais, com paralelos em monumentos megalíticos do sudoeste peninsular. Daí a designação de “cerâmicas dolménicas” para tal grupo de recipientes, mesmo quando ocorrem fora daqueles monumentos.

3 - A terceira fase de ocupação remonta ao Calcolítico pré-campaniforme. A ela poderão pertencer alguns dos artefactos líticos e cerâmicos mencionados em 2 (boa parte das indústrias líticas, com excepção dos micrólitos e das pontas de seta de base convexa, triangular ou pedunculada, e a quase totalidade de cerâmica lisa). Consideram-se específicos desta fase os seguintes grupos: ao nível da indústria lítica, as pontas de seta mitriformes e em “torre Eiffel”, de base e bordos laterais côncavos; no respeitante aos ideoartefactos, avulta um cilindro de calcário e dois raros recipientes da mesma rocha, correspondendo a réplicas líticas de vasos esféricos cerâmicos, muito abundantes no Neolítico e Calcolítico do centro e sul do País. A sua atribuição ao Calcolítico teve em consideração a utilização privilegiada da referida matéria-prima em tal época, na confecção de peças de significado mágico-simbólico ou uso ritual, como estas.

Outra peça relevante que se inclui nos conjuntos dos ideoartefactos é o machado votivo recortado em plaqueta de xisto clorítico, de gume fortemente convexo e oblíquo, lembrando, neste particular, certas peças calcolíticas da Europa Central ou do Mediterrâneo Oriental.

4 - Um importante conjunto de cerâmicas decoradas, na falta de registos de escavação, é de atribuição cultural problemática, tanto mais que escasseiam paralelos para os materiais em apreço. Trata-se de vasos médios e de grandes, em geral com carenas altas e colo fechado, ostentando decoração abaixo do bordo, através de ténues incisões e penteados, motivos difíceis de atribuir seguramente a determinada época, do Calcolítico à Idade do Bronze. Neste contexto, se poderia inscrever o pente para oleiro, anteriormente referido, tendo em conta a existência de cerâmicas com decoração penteada, recorrendo a peças idênticas.

5 - Ao período campaniforme pertence inquestionavelmente uma única peça: trata-se de uma rara “garrafa”, com escassos paralelos na Baixa Estremadura. Outra peça - a única de metal recolhida na necrópole - é uma “espiral” de ouro, cuja cronologia poderá ser idêntica, embora se prolongue pela Idade do Bronze.

6 - O derradeiro momento de ocupação, por certo fugaz e episódico, da necrópole, encontra-se representado por fragmento de taça de carena média a alta, recolhida na Gruta III, muito bem acabada interna e externamente, com superfície castanho-beige polida, cuja cronologia remontará seguramente à Idade do Bronze. A sua ocorrência poderá explicar-se por outras razões que não a utilização funerária da referida cavidade como local de sepultamento, designadamente como santuário.

BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) - El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura. *Bibliotheca Praehistorica Hispana*, 14. CSIC. Madrid.

ARRUDA, A. M. (1994) - Vaso com decoração impressa. *In Lisboa Subterrânea* (Catálogo da Exposição, Museu Nacional de Arqueologia), p. 156. Instituto Português de Museus. Lisboa.

BUCHHOLZ, H.- G. & KARAGEORGHIS, V. (1973) - *Prehistoric Greece and Cyprus*. Phaidon. Tubingen.

CARDOSO, J. L. (1992) - A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 89-225 (com a colaboração de R. Monteiro, O. da Veiga Ferreira, A. V. Pinto Coelho, F. Guerra, F. Bragança Gil e J. Pais).

CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1991) - O espólio arqueológico do Algar de João Ramos ou gruta das Redondas, Turquel - Alcobça. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), p. 277-285.

CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. da Veiga; NORTH, C. T.; NORTON, J.; MEDEIROS, J. & SOUSA, P. Fialho de (1996) - O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p.

CARREIRA, J. Roque (1994) - A Pré-história do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, p. 47-144. Ed. Colibri. Lisboa.

FERNANDES, M. A. (1993) - Espirais (Cat. 84-100) *In Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria. Do Calcolítico à Idade do Bronze*, p. 180-182. Instituto Português de Museus. Lisboa.

FERREIRA, O. da Veiga (1957) - Tipos de punhal lítico da colecção dos Serviços Geológicos de Portugal. *Revista de Guimarães*, 67 (1/2), p. 185-191.

FERREIRA, O. da Veiga (1970a) - Acerca dos vasos globulares, com asas perfuradas e ornamentação em "falsa folha de acácia". *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), 2, p. 227-237.

FERREIRA, O. da Veiga (1970b) - Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do Professor Manuel Heleno. *O Arqueólogo Português*, S. III, 4, p. 163-174.

FERREIRA, O. da Veiga & LEITÃO, M. (s/d) - *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Publicações Europa - América. Lisboa.

HELENO, M. (1935) - Jóias pré-romanas. *Ethnos*, 1, p. 229-237.

- HELENO, M. (1956) - Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*, S. II, 3, p. 221-237.
- LEITÃO, M.; NORTH, Th. & FERREIRA, O. da Veiga (1973) - O povoado pré-histórico da serra da Espargueira (Belas). *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa 1972), 1, p. 143-157.
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORON, J.; FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. (1978) - La céramique de la Culture du Vase Campaniforme du Portugal. Essai de systématisation. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 63, p. 449-520.
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. (1987) - A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*, S. IV, 5, p. 37-65.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Erster Teil: Der Suden. Romische-
-Germanische Forschungen, Band 17. Walther de Gruyter. Berlin.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) - *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*. Memória nº. 8 (N. S.). Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- MACHADO, J. Saavedra (1964) - Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*, S. II, 5, p. 51-448.
- MÜLLER-KARPE, H. (1974) - *Handbuch der Vorgeschicht*. Band III. Kupferzeit. München.
- NATIVIDADE, M. V. (1899/1903) - Grutas de Alcobaça. Materiais para o estudo do Homem. Relatório dos trabalhos de exploração nas diversas estações neolíticas de Alcobaça. *Portugalia*, 1, p. 433-474.
- PAÇO, A. do (1941) - As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 22 p. 45-48
- PAÇO, A. do (1966) - Castelo da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*, 16, p. 115-152.
- SERRÃO, E. da Cunha (1959) - Investigações arqueológicas na região de Sesimbra. Resultado das campanhas realizadas pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 17 (3/4), p. 187-203 (Vol. de Homenagem ao Prof. Doutor Mendes Corrêa).
- SOARES, A. M. Monge & CARDOSO, J. L. (1995) - Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico final e do Calcolítico inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 263-276.
- SPINDLER, K. (1975) - Bemerkungen zu einigen portugiesischen glockenbecherfunden. *Madrider Mitteilungen*, 16, p. 56-79.
- SPINDLER, K. (1981) - *Cova da Moura. Die Besiedlung des Atlantischen Küstengebietes Mittelportugals von Neolithikum bis an das Ende der Bronzezeit*. Philipp von Zabern. Mainz am Rhein.
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O. da Veiga (1974) - Das vorgeschichtliche Fundmaterial aus der Gruta do Carvalhal/Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 15, p. 28-76.